

UNIVERSIDADE FEEVALE
Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais
Mestrado

DAIANE PIRES

JUNHO DE 2013:
A EMERGÊNCIA DA MULTIDÃO NO TELEJORNAL (NACIONAL) DA MASSA

Novo Hamburgo
2016

DAIANE PIRES

JUNHO DE 2013:

A EMERGÊNCIA DA MULTIDÃO NO TELEJORNAL (NACIONAL) DA MASSA

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Saraí Patrícia Schmidt

Novo Hamburgo

2016

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Pires, Daiane.

Junho de 2013 : a emergência da multidão no telejornal (Nacional) da massa / Daiane Pires. – 2016.

210 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) – Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2016.

Inclui bibliografia e apêndice.

“Orientador: Prof.^a Dr.^a Sarai Patricia Schmidt”.

1. Telejornalismo - Brasil. 2. Protestos - Brasil - Jornalismo. 3. Jornal Nacional (Programa de televisão) - Brasil. 4. Manifestação popular - Brasil. I. Título.

CDU 070:654.197(81)

DAIANE PIRES

Dissertação do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais, com título **Junho de 2013: a emergência da multidão no telejornal (nacional) da massa**, submetida à banca examinadora, como requisito necessário para obtenção do título de Mestre.

Aprovada por:

Prof.^a Dr.^a Saraí Patrícia Schmidt (Orientadora)

Universidade Feevale

Prof. Dr. Luiz Antônio Gloger Maroneze

Universidade Feevale

Prof.^a Dr.^a Maria Clara Aquino Bittencourt

Unisinos

Novo Hamburgo, 26 de fevereiro de 2016.

Para os meus pais.

“Qualquer um pode tentar capturar o vento, o mar, a terra, mas eles sempre serão mais do que podemos apreender”.

Michael Hardt e Antônio Negri

RESUMO

A pesquisa compreende a análise de um conjunto de 38 reportagens veiculadas pelo Jornal Nacional, da Rede Globo, no período de 6 a 17 de junho de 2013, que trataram das manifestações realizadas no País nesse período. O objetivo geral do estudo é problematizar a forma como a multidão participante das mobilizações citadas foi apresentada pelo referido programa televisivo. A perspectiva metodológica de análise de conteúdo aferida por Laurence Bardin (1977) guia a escritura do texto. A discussão ganha fôlego com o tensionamento dos conceitos de massas, multidões, multidão e enxames propostos por Jean Baudrillard (2004), Gustave Le Bon (2008), Mário Gonçalves Viana (19-), Michael Hardt e Antonio Negri (2012) e Zygmunt Bauman (2003, 2007, 2008a, 2008b, 2013). Já o debate sobre as funções do Jornalismo e da televisão é feito, especialmente, desde as perspectivas de Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003), Miquel Alsina (2009) e Patrick Charaudeau (2013).

Palavras-chave: Junho de 2013. Protestos. Multidão. Jornal Nacional. Jornalismo.

ABSTRACT

This research comprehends the analysis of a set of 38 news reports aired by Jornal Nacional on Globo network from June 6th to 17th 2013, which address the demonstrations carried out in the country during this period. The main objective is to problematize the way the cited crowd participating in the protests was presented by the referred television network. The methodological approach of the content analysis measured by Laurence Bardin (1977) guides the writing of the text. The discussion progresses with the tensioning of the concepts of masses, crowds, crowd and swarms proposed by Jean Baudrillard (2004), Gustave Le Bon (2008), Mário Gonçalves Viana (19-), Michael Hardt and Antonio Negri (2012) and Zygmunt Bauman (2003, 2007, 2008a, 2008b, 2013). However, the debate about the functions of journalism and television is done especially based on Bill Kovach and Tom Rosenstiel (2003), Miquel Alsina (2009) and Patrick Charaudeau (2013).

Keywords: June 2013. Protests. Crowd. Jornal Nacional. Journalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Nuvem de palavras.....	30
Figura 2 – Manchete Estado: 7 de junho de 2013.....	56
Figura 3 – Manchete Folha: 7 de junho de 2013.....	57
Figura 4 – Pesquisa CNI-IBOPE: Motivações dos protestos	60

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Matéria 1	74
Gráfico 2 – Matéria 2	75
Gráfico 3 – Matéria 3	76
Gráfico 4 – Matéria 4	77
Gráfico 5 – Matéria 5	80
Gráfico 6 – Matéria 6	81
Gráfico 7 – Matéria 7	82
Gráfico 8 – Matéria 9	83
Gráfico 9 – Matéria 10	85
Gráfico 10 – Matéria 11	86
Gráfico 11 – Matéria 12	88
Gráfico 12 – Matéria 14	90
Gráfico 13 – Matéria 16	92
Gráfico 14 – Matéria 17	95
Gráfico 15 – Matéria 18	98
Gráfico 16 – Matéria 19	99
Gráfico 17 – Matéria 20	100
Gráfico 18 – Matéria 21	101
Gráfico 19 – Matéria 22	102
Gráfico 20 – Matéria 23	104
Gráfico 21 – Matéria 24	105
Gráfico 22 – Matéria 25	105
Gráfico 23 – Matéria 26	106
Gráfico 24 – Matéria 28	108
Gráfico 25 – Matéria 29	108
Gráfico 26 – Matéria 30	109
Gráfico 27 – Matéria 31	111
Gráfico 28 – Matéria 32	113
Gráfico 29 – Matéria 33	114
Gráfico 30 – Matéria 34	115
Gráfico 31 – Matéria 35	117
Gráfico 32 – Matéria 36	119

Gráfico 33 – Matéria 37	120
Gráfico 34 – Matéria 38.....	122
Gráfico 35 – Porcentagens relativas às menções totais a cada categoria.....	123

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Matéria 1	73
Tabela 2 – Matéria 2	75
Tabela 3 – Matéria 3	76
Tabela 4 – Matéria 4	77
Tabela 5 – Matéria 5	79
Tabela 6 – Matéria 6	80
Tabela 7 – Matéria 7	81
Tabela 8 – Matéria 8	82
Tabela 9 – Matéria 9	83
Tabela 10 – Matéria 10	84
Tabela 11 – Matéria 11	86
Tabela 12 – Matéria 12	87
Tabela 13 – Matéria 13	88
Tabela 14 – Matéria 14	89
Tabela 15 – Matéria 15	90
Tabela 16 – Matéria 16	91
Tabela 17 – Matéria 17	93
Tabela 18 – Matéria 18	96
Tabela 19 – Matéria 19	98
Tabela 20 – Matéria 20	100
Tabela 21 – Matéria 21	101
Tabela 22 – Matéria 22	102
Tabela 23 – Matéria 23	103
Tabela 24 – Matéria 24	104
Tabela 25 – Matéria 25	105
Tabela 26 – Matéria 26	106
Tabela 27 – Matéria 27	107
Tabela 28 – Matéria 28	107
Tabela 29 – Matéria 29	108
Tabela 30 – Matéria 30	109
Tabela 31 – Matéria 31	110
Tabela 32 – Matéria 32	112

Tabela 33 – Matéria 33	113
Tabela 34 – Matéria 34	114
Tabela 35 – Matéria 35	116
Tabela 36 – Matéria 36	118
Tabela 37 – Matéria 37	119
Tabela 38 – Matéria 38	211

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	18
2	DA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA.....	21
2.1	NOTAS SOBRE A FORÇA E O MODO DE OPERAÇÃO DA TV	21
2.2	GLOBO – CONCEPÇÃO E CONFLITOS.....	23
2.3	JORNAL NACIONAL – BREVE APRESENTAÇÃO	25
2.4	OUTROS ESTUDOS	26
2.5	OBJETIVOS.....	28
2.6	CORPUS E CATEGORIAS	29
2.7	REFERENCIAL TEÓRICO.....	31
3	ENTRE MASSAS, MULTIDÕES, MULTIDÃO E ENXAMES	33
3.1	MASSAS	33
3.2	MULTIDÕES.....	35
3.2.1	Silenciosas	37
3.2.2	Criminosas	37
3.2.3	Revolucionárias.....	37
3.2.4	Perseguidoras e destruidoras	37
3.2.5	Sectárias	38
3.2.6	Trabalhadoras.....	38
3.2.7	Julgadoras.....	38
3.2.8	Dirigidas.....	39
3.2.9	Versáteis	39
3.2.10	Manifestantes	39
3.3	MULTIDÃO.....	40
3.4	ENXAMES.....	45
4	TRAÇOS MULTITUDINÁRIOS	48
4.1	DA TUNÍSIA AOS ESTADOS UNIDOS	48
4.1.1	Tunísia	49
4.1.2	Egito	49
4.1.3	Entusiasmo sucessivo	50
4.1.4	Espanha	51
4.1.5	Estados Unidos	53
4.2	SOBRE O BRASIL.....	54

5	APONTAMENTOS SOBRE O JORNALISMO E A TELEVISÃO	62
5.1	DOS COMPROMISSOS	62
5.2	DOS DESÍGNIOS E SEUS SIGNIFICADOS	64
5.3	DOS SUJEITOS	67
5.4	DA PLURALIDADE	69
6	DA ANÁLISE	71
6.1	DAS CATEGORIAS	72
6.2	ANÁLISE DESCRITIVA DOS SUJEITOS	73
6.2.1	Matéria 1 – Manifestantes entram em confronto com a Polícia de SP contra aumento da passagem de ônibus	73
6.2.2	Matéria 2 – Protesto contra aumento de passagens causa nova confusão em São Paulo	74
6.2.3	Manifestantes protestam contra aumento na passagem de ônibus no Rio de Janeiro	76
6.2.4	Matéria 4 – Manifestantes voltam a protestar contra o aumento do preço das passagens em SP	77
6.2.5	Matéria 5 – Manifestantes danificam estação do metrô e mais de 80 ônibus durante protesto em SP	78
6.2.6	Matéria 6 – Avenida Paulista segue bloqueada nos dois sentidos por causa dos protestos	80
6.2.7	Matéria 7 – Manifestantes entram em confronto com a Polícia no Rio de Janeiro	81
6.2.8	Matéria 8 – Manifestantes protestam contra possibilidade de reajuste nas passagens em Porto Alegre	82
6.2.9	Matéria 9 – Anistia Internacional critica repressão violenta aos protestos do RJ e SP	82
6.2.10	Matéria 10 – Governador e prefeito de São Paulo descartam reduzir preço das passagens	83
6.2.11	Matéria 11 – Manifestantes fazem novos protestos contra aumento das passagens no Rio	86
6.2.12	Matéria 12 – Manifestantes voltam às ruas de São Paulo e enfrentam a PM	87
6.2.13	Matéria 13 – Protestos contra aumento no preço das passagens de ônibus se espalham pelo Brasil	88

6.2.14	Matéria 14 – Manifestantes depredam prédios durante protesto contra aumento da passagem em Porto Alegre	88
6.2.15	Matéria 15 – Comissão de Direitos Humanos da OAB declara ser inaceitável a postura adotada pela PM	90
6.2.16	Matéria 16 – Manifestações terminam com atos de vandalismo e três feridos no Rio.....	90
6.2.17	Matéria 17 – Manifestações viram manchetes em jornais internacionais	92
6.2.18	Matéria 18 – Capital paulista vive mais um dia de protestos contra aumento das passagens.....	95
6.2.19	Matéria 19 – Manifestantes protestam contra valor gasto em reformas de estádios para Copa	98
6.2.20	Matéria 20 – Insatisfação com transporte público é a maior em 26 anos de pesquisas.....	99
6.2.21	Matéria 21 – Oito mil pessoas protestam contra preço da passagem de ônibus em BH	101
6.2.22	Matéria 22 – Protesto em Niterói (RJ) tem confusão e PM lança bombas de efeito moral	101
6.2.23	Matéria 23 – Manifestantes protestam em frente ao Estádio Nacional na estreia da Copa das Confederações	102
6.2.24	Matéria 24 – Manifestantes levam faixas e cartazes para a Candelária.....	104
6.2.25	Matéria 25 – Cerca de dois mil manifestantes se concentram no Largo da Batata, em São Paulo.....	105
6.2.26	Matéria 26 – Manifestantes protestam na frente de hotel onde se hospeda Seleção Brasileira, no Ceará	106
6.2.27	Matéria 27 – Manifestantes se dividem pela Zona Sul de São Paulo	107
6.2.28	Matéria 28 – Situação no Rio segue tensa.....	107
6.2.29	Matéria 29 – Manifestantes se concentram na Avenida Afonso Pena, em BH	108
6.2.30	Matéria 30 – Dilma diz que as manifestações pacíficas são legítimas e próprias da democracia	109
6.2.31	Matéria 31 – Secretaria de Segurança Pública do DF identifica líderes da manifestação de sexta (14).....	110
6.2.32	Matéria 32 – Manifestantes invadem espelho d’água e sobem teto do Congresso Nacional, em Brasília.....	
6.2.33	Matéria 33 – Diversas capitais do País também têm dia de protesto	113
6.2.34	Matéria 34 – Mais de 20 mil pessoas protestam nas ruas em BH	114

6.2.35	Matéria 35 – Manifestação reúne 100 mil pessoas e se espalha pelo Centro do Rio de Janeiro.....	116
6.2.36	Matéria 36 – São Paulo tem manifestação pacífica nesta segunda-feira (17)	117
6.2.37	Matéria 37 – TV Globo faz reportagens sobre as manifestações desde o início.....	119
6.2.38	Matéria 38 – Cerca de 65 mil pessoas protestam contra aumento da tarifa do transporte público em SP	120
6.3	ANÁLISE DISSERTATIVA DOS SUJEITOS	122
6.3.1	Manifestantes – A desordem que não se pode apreender.....	123
6.3.1.1	<i>Manifestantes que testemunham</i>	125
6.3.1.2	<i>Manifestantes que opinam</i>	126
6.3.1.3	<i>Manifestantes que decidem</i>	126
6.3.1.4	<i>Manifestantes que sabem</i>	127
6.3.2	Autoridades (ou sobre quem tem direito ou poder de mandar).....	127
6.3.3	Independentes – o <i>homo quotidianus</i>	129
6.3.4	Especialistas – Declarantes profissionais	130
6.4	ANÁLISE DAS CAUSAS	131
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
	REFERÊNCIAS	136
	APÊNDICES.....	147
	Apêndice A – Ficha de transcrição	148
	Apêndice B – Matéria 1	149
	Apêndice C – Matéria 2	151
	Apêndice D – Matéria 3.....	153
	Apêndice E – Matéria 4	154
	Apêndice F – Matéria 5.....	155
	Apêndice G – Matéria 6.....	157
	Apêndice H – Matéria 7	158
	Apêndice I – Matéria 8.....	159
	Apêndice J – Matéria 9	160
	Apêndice K – Matéria 10.....	161
	Apêndice L – Matéria 11	163

Apêndice M – Matéria 12	164
Apêndice N – Matéria 13.....	166
Apêndice O – Matéria 14.....	167
Apêndice P – Matéria 15.....	169
Apêndice Q – Matéria 16.....	170
Apêndice R – Matéria 17	172
Apêndice S – Matéria 18.....	175
Apêndice T – Matéria 19	179
Apêndice U – Matéria 20.....	180
Apêndice V – Matéria 21.....	182
Apêndice W – Matéria 22.....	183
Apêndice X – Matéria 23.....	184
Apêndice Y – Matéria 24.....	186
Apêndice Z – Matéria 25	187
Apêndice AA – Matéria 26.....	188
Apêndice AB – Matéria 27	189
Apêndice AC – Matéria 28	190
Apêndice AD – Matéria 29.....	191
Apêndice AE – Matéria 30	192
Apêndice AF – Matéria 31	193
Apêndice AG – Matéria 32.....	195
Apêndice AH – Matéria 33.....	197
Apêndice AI – Matéria 34	198
Apêndice AJ – Matéria 35	200
Apêndice AK – Matéria 36.....	202
Apêndice AL – Matéria 37	205
Apêndice AM – Matéria 38.....	206
 ANEXOS.....	 209
Anexo A – Linha do tempo dos principais movimentos políticos	210

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As manifestações deflagradas no Brasil em junho de 2013 reconfiguraram a ocupação do espaço público, potencializaram os encontros, os protestos e as paralisações trabalhistas. A multiplicidade de causas mobilizadoras e a violência do Estado também ficaram evidentes. Nesse cenário aparentemente caótico, a mídia independente ganhou espaço. E foi observando o trabalho do coletivo Mídia NINJA¹ (Narrativas Independentes Jornalismo e Ação) que desenvolvemos a proposta inicial da pesquisa. À época, propúnhamos analisar a possível influência da cobertura alternativa em tempo real² sobre o modo de fazer do Jornal Nacional (JN). O Padrão Globo de Qualidade³ havia sido quebrado. Imagens feitas a partir de telefones celulares passaram a ser exibidas pelo telejornal, por exemplo.

Por outro lado, novos formatos de reivindicação podiam ser observados nas ruas, nas redes sociais da Internet e nos registros produzidos pelas emissoras de rádio e televisão, *sites* de notícias e jornais impressos que não conseguiam enquadrar as ações em velhos padrões de organização e liderança. Com formação acadêmica e experiência profissional jornalística, ficou difícil não questionar o resultado diário dos veículos de comunicação. Logo, a expressividade histórica do movimento e o poder da televisão – que detalhamos adiante – tornaram-se os eixos do projeto de investigação, aperfeiçoado com a descoberta do conceito de multidão de Michael Hardt e Antonio Negri (2012).

Depois de ler o artigo *O que é a multidão? Questões para Michael Hardt e Antonio Negri*⁴, de Nicholas Brown e Imre Szeman (2006), aprofundamo-nos no esmiuçamento do livro homônimo ao conceito e, então, criamos a base para a escritura do trabalho. Assumimos a TV como texto cultural e consideramos que mais importante que as coisas que entram em relação é a própria relação. Aqui, portanto, não contemplamos a análise do pronunciamento⁵ da presidenta Dilma Rousseff realizado em 21 de junho de 2013. Também não promovemos, nas próximas páginas, um debate sobre o público e o privado ou uma argumentação para revelar de

¹ Rede de comunicadores que produzem e distribuem informação em movimento, conforme apresentação no *site*: <<https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about>>. Acesso em: 9 mai. 2015.

² Em julho de 2013, inclusive, a Folha de S. Paulo noticiou o destaque desse tipo de cobertura ao vivo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1317943-grupo-midia-ninja-se-projeta-ao-cobrir-protestos-ao-vivo.shtml>>. Acesso em: 5 jun. 2015.

³ Conjunto de regras que norteiam as operações da emissora. Foi implementado na década de 1960 e versa sobre ideologia e qualidade (LEAL FILHO, 2006).

⁴ Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n75/a07n75.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

⁵ O comunicado da presidenta foi ao ar em rede nacional por meio das emissoras de rádio e televisão. O texto completo pode ser conferido em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/pronunciamento-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-em-cadeia-nacional-de-radio-e-tv>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

quem é a rua. Do mesmo modo, o papel dos partidos políticos, o histórico dos movimentos sociais no Brasil e a repercussão das manifestações no Facebook ou no Twitter não fazem parte da problematização. Nem mesmo o filme⁶ produzido pela Folha de S. Paulo integra o *corpus* de análise que compõe a dissertação.

Privilegiamos tensionamentos acerca da cobertura feita pelo Jornal Nacional das mobilizações efetivadas de 6 a 17 de junho de 2013 (período que compreende os denominados primeiro e quinto grandes atos de manifestação⁷) em todo o Brasil. Interessa-nos colocar em causa questões que tratem do modo de ação dos manifestantes e de suas motivações, bem como da forma de seleção e organização do conteúdo exibido pelo programa televisivo citado anteriormente. E é por isso que buscamos problematizar principalmente a multidão de Hardt e Negri (2012): o sentido dado à terminologia por esses dois autores parece dar conta da multiplicidade de temas levantados pelas insurgências que tomaram as ruas do País com mais de 12 milhões de participantes (JUDENSNAIDER et al., 2013).

Sem a pretensão de dizer o que as coisas são – e no intuito de expor a maneira como funcionam –, procuramos discutir como a pluralidade da multidão que executou os protestos de junho de 2013 foi apresentada pelo Jornal Nacional no período recortado – questão que orienta essa pesquisa. Para isso, transcrevemos e analisamos um conjunto de 38 matérias veiculadas pelo telejornal durante o lapso temporal justificado acima.

Nesse sentido, no capítulo dois apontamos o percurso metodológico. Já no capítulo três, cotejamos as definições teóricas das massas, das multidões, da multidão e dos enxames, desde as perspectivas de Mário Gonçalves Viana (19-), Gustave Le Bon (2008), Michael Hardt e Antonio Negri (2012) e Zygmunt Bauman (2003, 2007, 2008a, 2008b, 2013). Outros autores, como Jean Baudrillard (2004) e José Ortega y Gasset (2007), auxiliam na contrastação dos conceitos. Depois, no capítulo quatro, contextualizamos algumas das manifestações realizadas de acordo com as características multitudinárias⁸ propostas por Hardt e Negri (2012) em associação ao que Manuel Castells (2013) denomina rede. O fio de pólvora aceso na Tunísia, ainda em 2010, chegou ao Brasil em 2013, mas, antes, segundo os autores, se alastrou pelo Norte da África e no Oriente Médio. Passou também pela Espanha e pelos Estados Unidos,

⁶ A cobertura dos protestos de 2013 feita pela TV Folha, e exibida na TV Cultura, foi considerada a Melhor contribuição ao telejornalismo na 58ª edição do Prêmio Esso de Jornalismo. Resultado desse trabalho, *Junho: o filme* está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dZlvZ0OCdVI>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

⁷ O chamado primeiro grande ato contra o aumento da tarifa, realizado no dia 6 de junho de 2013, foi convocado pelo Movimento Passe Livre em seu *site* e também no Facebook. A data ainda ficou marcada pelo primeiro bloqueio da Avenida Paulista. Já o quinto grande ato reuniu cem mil pessoas no Largo da Batata, em São Paulo (JUDENSNAIDER et al., 2013).

⁸ Relativas à multidão.

como referimos antes de seguir na apresentação da pluralidade dos levantes brasileiros. O capítulo cinco é organizado com base no debate sobre as características e funções do Jornalismo e da televisão. Os modos de seleção de temas e personagens eleitos pela mídia também são abordados desde as perspectivas de Miquel Alsina (2009), Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003) e Patrick Charaudeau (2013), por exemplo. O capítulo seis traz a análise do *corpus* e retoma a discussão acerca da multidão – quando procuramos responder o problema de pesquisa. Por fim, o capítulo sete apresenta as considerações finais sobre o estudo.

2 DA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Nesse capítulo contextualizamos nosso estudo. Discutimos a impenhência da televisão, o lugar ocupado pela Rede Globo e pelo Jornal Nacional (JN). Também apresentamos os objetivos da pesquisa, o *corpus* a ser investigado e suas respectivas categorias. O estado da arte e o referencial teórico são igualmente expostos.

2.1 NOTAS SOBRE A FORÇA E O MODO DE OPERAÇÃO DA TV

A televisão é considerada a mais poderosa fonte audiovisual. Octávio Ianni (1999) inclusive a compara com *O Príncipe*⁹, de Machiavelli (2013), e com o moderno príncipe descrito por Gramsci (1999), em *Cadernos do cárcere*, quando a denomina *O príncipe eletrônico*. No referido texto, Ianni (1999) considera as capacidades que a TV tem de selecionar, enfatizar e fazer esquecer, enquanto Pierre Bourdieu (1997) a trata como instrumento de manutenção da ordem simbólica em *Sobre a televisão*. Ela também é vista como aparelho criador de representações e ferramenta para construção da memória e não há outro país, segundo o sociólogo e jornalista Laurindo Lalo Leal Filho (2006), em que tenha tanta força como no Brasil, onde chegou em 1950 com o empenho de Assis Chateaubriand¹⁰.

Para grande parte da população, a televisão – sistema implantado como extensão do rádio – é a única forma de informação e entretenimento. De acordo com a *Pesquisa Brasileira de Mídia 2015*¹¹, encomendada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom) e realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), 95% dos mais de 18 mil entrevistados assistem à TV. Dos que responderam às questões, 79% usam o meio para se informar, mas há ainda os que buscam entretenimento (67%), um programa específico (19%) e até mesmo companhia (11%). Entre os que opinaram, 72% têm acesso à televisão aberta e 73% a veem nos sete dias da semana. De segunda a sexta-feira a média de assistência é de 4 horas e 31 minutos e nos finais de semana é de 4 horas e 14 minutos, sendo

⁹ Livro “publicado postumamente, em 1532 [...]. *O Príncipe* é um estudo sobre as oportunidades oferecidas pela fortuna, sobre as virtudes e os vícios intrínsecos ao comportamento dos governantes, com sugestões sobre moralidade, ética e organização urbana” (COMPANHIA DAS LETRAS, 2015). Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=85009>>. Acesso em: 7 de jun. 2015.

¹⁰ A vida e a influência de Chateaubriand, também fundador dos Diários Associados, são contadas por Fernando Moraes (1999) no livro *Chatô: o rei do Brasil*.

¹¹ Os dados completos são encontrados em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf/view>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

que o horário de maior exposição é das 18 às 23 horas, período que compreende o Jornal Nacional – nosso observável nesse estudo –, exibido de segunda a sábado, das 20h30 às 21h15.

Os dados do levantamento ainda estão divididos a partir do gênero, faixa etária e renda dos questionados, bem como por escolaridade, atividade profissional que exercem e o porte do município que habitam. Os resultados, somados aos que foram divulgados pela *Pesquisa Brasileira de Mídia 2014*¹², reforçam a ideia de que, das telenovelas aos noticiários, os produtos televisivos estão diariamente em nossos lares. Por causa dessa presença, inclusive, tornam-se objetos de análise de muitas pesquisas científicas.

Aqui, cabe salientar que, talvez por se tratar de um produto cultural volátil, a TV tem dificuldades em guardar e sistematizar seus próprios arquivos – o que dificulta a investigação dos estudiosos. As políticas públicas de preservação, por sua vez, privilegiam, em grande parte, os acervos cinematográficos. Também os incêndios ocorridos entre as décadas de 1960 e 1970 contribuíram para a devastação de uma parcela importante da memória televisual. Só na Record foram quatro incidentes: um em 1966, outro em 1968 e mais dois em 1969. Rede Globo e Bandeirantes foram atingidas em outras ocasiões. Em junho de 1976, por exemplo, um curto-circuito no sistema de ar-condicionado causou a destruição de equipamentos e materiais arquivados no prédio da Globo, no Jardim Botânico, no Rio (MEMÓRIA GLOBO, 2004).

Uma das alternativas encontradas pelas emissoras para remontar seus históricos é a criação (e atualização periódica) de almanaques. A Globo, vale lembrar, lançou em 2006 o *Almanaque da TV Globo*. Entretanto, a obra serve mais como um álbum de recordações organizado cronologicamente de 1965 até 2006 – ano de comemoração das suas quatro décadas de existência. Isso porque pelo menos duas situações levantadas por Laurindo Lalo Leal Filho (2006, p. 78) no livro *A TV sob controle: a resposta da sociedade ao poder da televisão* não são contempladas nas 512 páginas elaboradas pela equipe do Memória Globo¹³. O autor discorre sobre a “tentativa de interferir nos resultados das eleições para governador do Rio”¹⁴, em 1982, e a “fraudulenta edição do debate Collor–Lula”¹⁵, veiculada no Jornal Nacional às vésperas das eleições de 1989 – essa última descrita por Leal Filho (2006, p. 38) como “um dos

¹² A primeira edição da Pesquisa Brasileira de Mídia pode ser verificada em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/relatorio-final-pesquisa-brasileira-de-midia-2014.pdf/view>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

¹³ Grupo formado por historiadores, antropólogos, sociólogos e jornalistas (MAIOR, 2006).

¹⁴ Na aba *Acusações falsas* do site Memória Globo, a emissora dá sua versão para o que chamou *Caso Proconsult*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/proconsult.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

¹⁵ Segundo a Globo, os “responsáveis pela edição do Jornal Nacional afirmaram, tempos depois, que usaram o mesmo critério de edição de uma partida de futebol, na qual são selecionados os melhores momentos de cada time. Segundo eles, o objetivo era que ficasse claro que Collor tinha sido o vencedor do debate, pois Lula realmente havia se saído mal”. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/erros/debate-collor-x-lula.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

maiores atentados à verdade da história da televisão brasileira”. O posicionamento da emissora diante desses e de outros fatos controversos estão em outro livro: *Jornal Nacional: a notícia faz história*. Conforme a obra, em entrevista publicada pelo jornal Folha de S. Paulo, em 18 de dezembro de 1989, Roberto Marinho, presidente das Organizações Globo, disse que “a edição do JN tinha resumido de maneira correta o que acontecera no debate, já que Collor realmente havia tido uma performance melhor do que a de Lula” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 211-212). Sobre a possibilidade de falha no cômputo dos votos de 1982, a emissora afirmou se tratar de um “produto de um momento político em que as paixões estavam radicalizadas” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 112).

Especificamente sobre as manifestações, observa Bourdieu (1997, p. 30), “a televisão desempenha um papel determinante”. Já a divisão temática do telejornal, segundo Patrick Charaudeau (2013, p. 229), “pretende corresponder à fragmentação do cotidiano do espaço público, mas que, na realidade, é uma fragmentação convencional do mundo midiático, uma racionalização, imposta como num pensamento único, do que são os acontecimentos do mundo”. Para Leal Filho (2006, p. 95), na tela da televisão

[...] desfilam os personagens do setor hegemônico da sociedade, com predominância dos atores econômicos e políticos. São chefes de Estado, ministros, empresários, economistas, parlamentares. Falam sobre o que interessa ao poder: governos, economia (bolsas, câmbio, taxas de juros, inflação). [...] Assuntos acompanhados das tragédias que aparecem e desaparecem sem mais explicações e com as amenidades esportivas, do *showbiz* ou dos zoológicos. Um conteúdo que se encaixa como uma luva na forma imposta pela televisão à notícia (LEAL FILHO, 2006, p. 95).

A Globo, que entrou no ar em 26 de abril de 1965 sob a concessão do presidente Juscelino Kubitschek, é peça fundamental para entendermos a força dessa janela para a qual todos olhamos e devotamos atenção.

2.2 GLOBO – CONCEPÇÃO E CONFLITOS

Criada pelo jornalista Roberto Marinho, a TV Globo começou a operar um ano depois do golpe que derrubou o presidente João Goulart. Em 1962, porém, já havia firmado acordo de assistência técnica com o grupo norte-americano *Time-Life*. Às 11h35 do dia da estreia, as transmissões tiveram início para o Rio de Janeiro pelo canal quatro. E foi precedido pelo hino nacional que Rubens Amaral leu a mensagem que Marinho escreveu para os seus telespectadores. A programação inicial contava com os infantis *Uni-Duni-Tê* e *Capitão Furacão*. A primeira novela, *Ilusões perdidas*, também foi apresentada ao público na data de

inauguração da emissora que atualmente possui dezenas de afiliadas no País, além de transmissão para o exterior por meio da TV Globo Internacional. De acordo com informações divulgadas em sua página¹⁶ na Internet, a operação fora do Brasil envolve seis canais pagos e uma divisão de produção e distribuição de conteúdo esportivo e de entretenimento em mais de 190 países nos cinco continentes.

Apesar dessa proeminência, a televisão elaborada por Roberto Marinho esbarra esporadicamente em conflitos com sua própria audiência. Porta-voz da ditadura¹⁷, segundo Leal Filho (2006), a Globo virou refrão na boca dos grevistas do ABC paulista ainda na década de 1970. Conforme o autor, quando os participantes do movimento sintonizavam o canal à noite, viam retratos diferentes daquilo que presenciavam ao longo do dia. Então, passaram a cantar nas ruas: “o povo não é bobo, fora Rede Globo”. Mais tarde, em janeiro de 1984, sob determinação de seu criador, o canal noticiou o primeiro grande comício das *Diretas já* como uma atividade realizada em alusão às comemorações dos 430 anos da cidade de São Paulo¹⁸.

Mais recentemente, durante as mobilizações de junho de 2013, a emissora foi novamente criticada pelo público. As equipes que participaram da cobertura dos protestos foram vaiadas com frequência por onde passaram e, para que pudessem trabalhar, em algumas situações, optaram por esconder o logotipo da empresa. Crachás de identificação e canoplas¹⁹ de microfones foram abolidos²⁰. Durante a realização de uma reportagem para o programa *Profissão Repórter*, em 17 de junho de 2013, por exemplo, o jornalista Caco Barcellos foi cercado por manifestantes. Em meio à dificuldade de registrar sua passagem²¹, Barcellos

¹⁶ No site, encontram-se dados sobre a atuação da Globo fora do País e também as possibilidades para contratação do serviço. Disponível em: <<http://tvglobointernacional.globo.com/institucional.aspx>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

¹⁷ “Com exceção da Última Hora, todos os principais órgãos de informação do país apoiaram o golpe. Depois de instaurado o primeiro governo, alguns periódicos passaram para a oposição. Roberto Marinho seguiu dando apoio aos militares. Ele acreditava na vocação democrática do presidente Castello Branco e na eficácia da política econômica desenvolvida por Roberto Campos e Octavio Gouvêa de Bulhões” (MEMÓRIA GLOBO, 2015). Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/concessoes-de-canais.htm>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

¹⁸ Em entrevista ao jornalista Roberto Dávila, na TV Cultura, em dezembro de 2005, o ex vice-presidente das Organizações Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, afirmou que Roberto Marinho determinou a censura ao primeiro grande comício da campanha pelas Diretas. A declaração pode ser vista no site da Folha de S. Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc3112200508.htm#_=_>. Já no livro *Jornal Nacional: a notícia faz história*, a emissora explica que a “origem da confusão foi a escalada do *Jornal Nacional*. Nela, não há referência ao comício, mas apenas ao aniversário da cidade [...]”. De fato, havia a relação entre a manifestação e o aniversário da cidade” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 157).

¹⁹ Peças que envolvem o microfone e carregam o logotipo da empresa.

²⁰ Em matéria exibida pelo JN no dia 17 de junho de 2013, os microfones dos repórteres Jean Raupp e Fábio Turci estão sem os cubos de identificação. Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/sao-paulo-tem-manifestacao-pacifica-nesta-segunda-feira-17/2640011/>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

²¹ “Gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria” (PATERNOSTRO, 1999, p. 147).

proferiu: “Até agora só a ditadura me impediu de trabalhar sob tortura”²². Na mesma noite, no Jornal Nacional, o repórter César Galvão, que sobrevoava São Paulo a bordo do Globocop²³, informou ao vivo²⁴ que manifestantes estavam reunidos próximo à TV Globo e que, durante o trajeto percorrido até lá, gritavam palavras de ordem contra a emissora.

Recriminado por parte da audiência (LEAL FILHO, 2006), o Jornalismo da Globo segue os preceitos do famoso Padrão Globo de Qualidade que serve, inclusive, como inspiração para outras emissoras e, claro, para todos os seus produtos. Na grade dessa programação está o Jornal Nacional, que nutre nossa observação.

2.3 JORNAL NACIONAL – BREVE APRESENTAÇÃO

A história do primeiro telejornal brasileiro em rede nacional teve início às 19h45 de 1º de setembro de 1969. Nessa data, o apresentador Hilton Gomes, ao lado de Cid Moreira, anunciou: “O Jornal Nacional, da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o Brasil” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 61). Conforme o *Almanaque da TV Globo*, a manchete do dia abordava a recuperação do marechal Costa e Silva e a substituição de seu governo por uma junta militar.

Depois de uma década e meia de exibição, em 1984, o programa foi retratado no livro *Jornal Nacional: 15 anos de história*. Já a obra *Jornal Nacional: a notícia faz história* foi lançada quando o telejornal atingiu 35 anos no ar, em 2004. Cinco anos depois, em 2009, William Bonner – apresentador e editor do JN – assinou a publicação *Jornal Nacional: modo de fazer*, onde são explicitados os objetivos do jornalístico, sua estrutura de rede, afiliadas, repórteres, produção, edição e direção, além dos critérios de seleção de seus conteúdos. Vale ressaltar que para que uma reportagem seja exibida no JN precisa passar por sete filtros. São cinco critérios primários e outros dois secundários. Nessa ordem, segundo Bonner (2009), as condições para que o material vá ao ar são: abrangência, gravidade das implicações, caráter histórico, o peso do contexto, a importância do todo, a complexidade e o tempo.

Presumida a pluralidade da multidão a partir de Hardt e Negri (2012) – que debatemos à frente –, arriscamos inferir preliminarmente que o enquadramento feito pelo JN não contempla a multiplicidade de pautas e sujeitos emergidos nos levantes de junho de 2013. Diante desse

²² A partir de 2’07’’: <<https://www.youtube.com/watch?v=9COUiLTteeA>>. Acesso em: 27 mar. 2015.

²³ Helicóptero da emissora.

²⁴ “Transmissão de um acontecimento no exato momento em que ele ocorre. Pode ser externa ou do próprio estúdio da emissora” (PATERNOSTRO, 1999, p. 136).

contexto, nossa pesquisa tem como objetivo central problematizar a forma como a multidão participante das manifestações citadas foi apresentada pelo Jornal Nacional – o programa mais assistido pelos entrevistados da *Pesquisa Brasileira de Mídia 2014*, colhida em outubro e novembro de 2013 e respondida por 18.312 brasileiros em 848 municípios do País. Conforme o estudo, o JN é o primeiro da lista de atrações mais vistas de segunda a sexta-feira (35,1%). Essa eloquência faz parte da força motriz de nossa investigação, que apresenta uma perspectiva de abordagem diferente para o telenoticiário.

2.4 OUTROS ESTUDOS

O telejornal que apresentamos como objeto de estudo já foi analisado por investigadores de diferentes áreas do conhecimento. Em uma busca no Banco de Teses da Capes²⁵ localizamos 26 trabalhos relacionados ao Jornal Nacional, sendo 18 no campo da Comunicação: 15 em nível de mestrado e três de doutorado.

Entre eles, destacamos o de Liziane Soares Guazina (2011), da Universidade de Brasília, que tratou da cobertura do JN a propósito do chamado escândalo do mensalão. Sob o título *Jornalismo em busca da credibilidade: a cobertura adversária do Jornal Nacional no Escândalo do Mensalão*, ela buscou compreender em que medida a desconfiança em relação à política relaciona-se com a prática jornalística do programa da TV Globo. A autora evidenciou a bipolaridade *Jornalismo versus política*.

Privilegiando o modo como o Jornal Nacional apresentou os escândalos de Renan Calheiros (em 2007), dos Cartões Corporativos (em 2008) e de José Sarney (em 2009), Maria Clara Miranda Lima (2011), da Universidade Federal da Bahia, analisou 264 matérias do jornalístico. No estudo *Construção do noticiário de escândalo: uma análise de soundbites e enquadramentos utilizados pelo Jornal Nacional*, Lima observou características comuns nos casos avaliados e notou que os agentes políticos que conseguiram visibilidade geralmente ocupavam cargos institucionais.

Já *As representações sociais de Pernambuco no Jornal Nacional* foram debatidas por Renata Echeverria Martins (2012), no mestrado acadêmico em Comunicação da Universidade

²⁵ A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior informou em nota divulgada em fevereiro de 2014 que, por questões técnicas, apenas os trabalhos defendidos em 2011 e 2012 encontram-se alocados junto ao seu *site*. Produções de outros anos estão sendo disponibilizadas gradativamente. A informação pode ser conferida em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/noticia/view/id/1>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

Federal de Pernambuco. Martins problematizou a construção da imagem do Estado a partir das rotinas e práticas jornalísticas de produção e seleção de conteúdo.

Gilze Freitas Bara (2012) focou as estratégias adotadas pelo JN para estabelecer vínculos de pertencimento e relações identitárias entre os apresentadores do telejornal e seu público. No trabalho *Para além do boa noite: os apresentadores de telejornais e o processo de identificação com o público*, a autora analisou seis edições do programa. Ela destacou as personagens assumidas pelos âncoras²⁶ e considerou as percepções de um grupo focal para tratar sobre questões de recepção.

Ao avaliar a relevância do Jornalismo para a informação da população, Fernanda Nalon Sanglard (2012) assinou o estudo *A representação da política no Jornal Nacional e a construção das identidades políticas dos jovens juiz-foranos*. Nele, a autora observou como as visões que os jovens têm da política se relacionam com os conceitos que o JN atribui ao tema. A partir de entrevistas com jovens de 16 a 18 anos de idade e da dissecação do conteúdo veiculado no programa, Sanglard correlacionou os enquadramentos do telejornal e os discursos captados no grupo questionado.

Já em *Controle social e a narrativa moralizante do telejornalismo*, Elizena de Jesus Barbosa Rossy (2011) apresentou como os telejornais – no caso o Jornal Nacional – procuram se afirmar como instâncias de controle social e como eles quebram os princípios jornalísticos da objetividade, da imparcialidade e da neutralidade para disseminar valores que julgam importantes.

Ainda em busca de investigações que tenham conexão com nossa pesquisa – agora em direção ao conceito que sustenta nosso estudo –, encontramos dez trabalhos sobre a multidão à qual nos inclinamos. Diego de Carvalho (2011), por exemplo, cotejou o pensamento de Michael Hardt e Antonio Negri (2012) e as atividades do *Indymedia Center*, rede global de coletivos de mídia independente. E é sob o título *Jornalismo de multidão: a resistência da rede Indymedia* que o autor trata desse modelo de Jornalismo, referindo-se especialmente à oposição deste às mídias hegemônicas.

Pablo Ramos de Azevedo (2011), por sua vez, analisou o conceito de multidão a partir de três autores. O autor ponderou as diferenças e proximidades do pensamento político dos intelectuais em *Patentia Multitudinis: política e multidão em Spinoza, Hobbes e Maquiavel*.

Já Vladimir Lacerda Santafé (2011) debateu os conceitos que expressam as redes autônomas recriadas pelos movimentos sociais a partir da democratização dos meios de

²⁶ “Apresentadores do telejornal” (PATERNOSTRO, 1999, p. 136).

comunicação – instaurada, segundo ele, pela Internet. O trabalho *Da biopolítica dos movimentos sociais à batalha nas redes: vozes autônomas* detalhou ações e ocupações nas redes, delimitando táticas e estratégias.

Em *As margens da nação: subalternidade e biopolítica no documentário brasileiro contemporâneo*, Francisco Alves dos Santos Junior (2011) analisou a representação dos moradores de favelas e periferias no documentário brasileiro. Ele considerou os filmes produzidos no País de 1999 a 2009 que foram exibidos no cinema. Assim, tratou das práticas políticas e dos processos de subjetivação respaldados pelo conceito da multidão.

Ao revisitar o Circuito Fora do Eixo, Flávia Lima Frossard (2012) problematizou o uso de tecnologias livres e a economia solidária em paralelo às redes de ativismo. Em *A biopolítica da mídia livre: produção coletiva e colaborativa na rede. Um estudo do Circuito Fora do Eixo*, Frossard discutiu as produções culturais, a multidão e a busca do comum, além de acontecimentos históricos que, de acordo com ela, marcaram a constituição da mídia livre.

É diante desse panorama que reforçamos a pertinência de nossa proposta. Salientamos, portanto, a oportunidade de problematizar a apresentação da multidão no veículo de comunicação televisual de massa de maior audiência no País, esmiuçando a forma como exhibe a multiplicidade deflagrada nas ruas do Brasil em junho de 2013.

2.5 OBJETIVOS

Com o intuito de discutir essa multidão, seu pluralismo, algumas mobilizações realizadas por ela ao redor do mundo e, mais especificamente, no Brasil, em 2013, atentamos para o Jornal Nacional, da Rede Globo. Assim, o objetivo geral de nosso estudo é analisar a maneira como a multidão foi apresentada nas matérias exibidas pelo JN.

Os objetivos específicos são:

- Problematizar os conceitos de massas, multidões, multidão e enxame;
- Apresentar um panorama de alguns protestos realizados pela multidão em outros países, como forma de contextualização, e discutir o pluralismo de junho de 2013 no Brasil;
- Debater os papéis do Jornalismo e da televisão e suas estratégias de seleção;
- Mapear todo o material exibido pelo Jornal Nacional sobre os protestos brasileiros no período de 6 a 17 de junho (datas que correspondem ao primeiro e ao quinto grande ato de manifestação, respectivamente) e posteriormente transcrevê-lo, avaliá-lo e categorizá-lo pelas recorrências encontradas;

- A partir da formação dos grupos de matérias e sob a luz do pensamento dos teóricos referidos ao longo da dissertação, discutir a forma como o telejornal observado apresentou a pluralidade da multidão mobilizada no País em junho de 2013.

2.6 CORPUS E CATEGORIAS

Para que demos conta dos objetivos estabelecidos, tomamos como método a *análise de conteúdo*. De acordo com Laurence Bardin (1977, p. 133), ela “fornece informações suplementares ao leitor crítico de uma mensagem”. E é sob esse argumento que traçamos o caminho de nossa investigação, procurando abastecer quem nos lê com o exame analítico do material que expomos. O estudo é de natureza aplicada e tem objetivo exploratório. Conta com pesquisa bibliográfica e abordagem quali-quantitativa (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Seguindo as orientações de Bardin (1977), para a condução da pesquisa, depois da formulação e do planejamento, na fase de pré-análise, realizamos a extração do *corpus*. Em um primeiro momento, contatamos a TV Globo para adquirir os programas, tendo em vista que a emissora não os disponibiliza para *download* na Internet e tínhamos a retirada – por qualquer motivo – do conteúdo do ar²⁷. Como expusemos na página 22, as redes de televisão têm dificuldade na guarda e manutenção de seus arquivos e em *sites* de vídeos como o YouTube encontram-se apenas fragmentos da programação televisiva, postados por internautas que realizam gravações aleatórias. E, como relatado por Marcos Napolitano (2008, p. 264), “das grandes TVs ainda em atividade, a Rede Globo é a que possui melhor, mais organizado e mais *inacessível* arquivo de imagens televisuais de sua própria fatura e de outras emissoras” porque o trata como propriedade particular e o destina a departamentos comerciais.

Dadas essas condições, em 11 de junho de 2014, enviamos um *e-mail* para o setor de Conteúdo da empresa, solicitando o JN de 17 de junho de 2013²⁸. Dois dias depois, fomos informados de que os telejornais são vendidos, mas não na íntegra. Para a realização do serviço de pesquisa, edição e licenciamento para fins educacionais de cada matéria seriam cobrados 200 reais. Buscamos, então, companhias ligadas à Associação Brasileira das Empresas de Monitoramento de Informação²⁹. Foram consultadas, por *e-mail* e telefone, 21 organizações nos

²⁷ Em 5 de janeiro de 2016, porém, eles continuavam disponíveis no portal do JN.

²⁸ Do período que investigamos (6 a 17 de junho de 2013), esse é o programa com maior número de alusões aos protestos: 15.

²⁹ A Associação oferece serviços de monitoramento e análise de mídia, *media checking*, auditoria de imagem, relatório de conteúdo, pesquisa retroativa e mensuração, valoração e avaliação de visibilidade. A lista de associados está em: <<http://www.abemo.org/>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

De volta às fichas de transcrição, e depois de muito manuseá-las, distribuímos os sujeitos localizados, por ordem de aparecimento, em 38 tabelas – respectivas a cada uma das matérias que analisamos. Nas planilhas, foi possível identificar quatro grandes grupos:

- 1) **Manifestantes (M)**: indivíduos, grupos e organizações protagonistas dos levantes (destacados em vermelho nas transcrições das matérias, a partir da página 149);
- 2) **Autoridades (A)**: políticos, policiais, religiosos e suas instituições (em verde);
- 3) **Independentes (I)**: pessoas e instituições que não participaram dos protestos, mas que, de alguma forma, acabaram enredadas (destacadas em amarelo) e
- 4) **Especialistas (E)**: pessoas e instituições capazes de fornecer dados sobre temas específicos e/ou elucidar dúvidas relativas a eles (destacados em azul).

A partir do que sugere Charaudeau (2013), para que possamos dimensionar o espaço dado a cada grupo e ilustrar em que situações são ouvidos, nas tabelas que apresentamos no capítulo seis, as falas dos sujeitos que foram consultados pelo telenoticiário são classificadas a partir do efeito que causam: *efeito de testemunho* (T), *efeito de opinião* (O) *efeito de decisão* (D) e *efeito de saber* (S). As tabelas são, então, detalhadas em texto e representadas em gráficos. Depois, reunimos as informações recorrentes para uma análise mais aprofundada (tópico 6.3). Do mesmo modo, nas fichas de transcrição, estão assinalados os motivos dos protestos eleitos pelo Jornal Nacional – agrupados na Tabela 39 (página 130), exatamente na ordem em que foram citados. Também são debatidos no item 6.4 e, nos apêndices, são destacados em cinza.

Tratamos, portanto, de *quem* manifestou e *por que* manifestou. A seleção desses dois elementos é justificada pelo conceito de multidão de Hardt e Negri (2012) e suas referências à multiplicidade (dos indivíduos e de suas ações), que trazemos adiante. É a partir da análise desses fatores que procuramos debater como a multidão que executou os protestos de junho de 2013 foi apresentada pelo Jornal Nacional, da Rede Globo.

2.7 REFERENCIAL TEÓRICO

Os estudos de Jean Baudrillard (2004), José Ortega y Gasset (2007), Gustave Le Bon (2008) e Mário Gonçalves Viana (19-) auxiliam na contextualização dos conceitos de massas e multidões. Já Michael Hardt e Antonio Negri (2012) alimentam o eixo de discussão sobre a multidão, que sustenta todo o trabalho. Zygmunt Bauman (2003, 2007, 2008a, 2008b, 2013) é caro no que tange à organização dos enxames de pessoas; Michael Hardt e Antonio Negri (2014), Manuel Castells (2013) e Maria da Glória Gohn (2015) amparam as referências aos levantes ocorridos da Tunísia ao Brasil, desde 2010. Patrick Charaudeau (2013), Bill Kovach e

Tom Rosenstiel (2003), Miquel Alsina (2009), Nelson Traquina (2004), Arbex Júnior (2002), Ignacio Ramonet (2013) e Pierre Bourdieu (1997) clareiam os apontamentos sobre o Jornalismo e a televisão. Outros autores são convocados para o debate e podem ser consultados na seção de referências.

3 ENTRE MASSAS, MULTIDÕES, MULTIDÃO E ENXAMES

Nesse capítulo são cotejados os conceitos que tratam da organização dos sujeitos, especialmente no que diz respeito aos protestos. A distinção das multidões e da multidão e o detalhamento dos grupos multitudinários complementam o debate junto às inferências às massas e aos enxames.

3.1 MASSAS

Algumas das grandes transformações do século XX – como a criação das linhas de montagem em massa, a expansão da grande mídia – e a consequente padronização dos desejos humanos são o ponto de partida da problematização que promovemos acerca de alguns dos diferentes tipos de aglomeração dos sujeitos – embora tais conceitos possam ser observados em períodos históricos mais longínquos. A implantação dos regimes totalitários na Europa e a ascensão do capitalismo, por exemplo, serviram como fomento para a emergência do que o filósofo francês Jean Baudrillard (2004) chama de *maiorias silenciosas*: as massas³³. Caracterizados pela uniformidade, esses grupos foram analisados por estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, em diversos tempos da História e sob múltiplos aspectos.

Em 1930, o filósofo espanhol José Ortega y Gasset (2007) garantiu, por exemplo, que não é necessária a observação de um conjunto de indivíduos para identificar a massa. Uma única pessoa, de acordo com o autor, é capaz de apresentar a característica psicológica própria dessa totalidade. Assim, para ele, massa é todo homem que não se valoriza e que se sente igual a todo mundo. Esse homem “sente-se bem por ser idêntico aos demais” (ORTEGA Y GASSET, 2007, p. 45). Na mesma esteira, Baudrillard (2004) afirma que, em virtude dessa passividade, as massas não passam de uma soma composta por indivíduos equivalentes. “A massa é sem atributo, sem predicado, sem qualidade, sem referência. Aí está sua definição, ou sua indefinição radical” (BAUDRILLARD, 2004, p. 12). A ausência de singularidades nas massas também é debatida por Michael Hardt e Antonio Negri (2012). Sob o ponto de vista dos dois, os sujeitos que as compõem não têm capacidade de ação e necessitam de alguém que os guie. No que tange à homogeneização dessas pessoas, Georg Simmel (1917 apud WOLF, 1999) assegura que a massa

³³ Para fins de esclarecimento, *massa* e *massas* são tomadas aqui como sinônimos, não havendo diferenciação de significado a partir do número (singular ou plural).

[...] não se baseia na personalidade dos seus membros, mas apenas naquelas partes que põem um membro em comum com os outros e que equivalem às formas mais primitivas e ínfimas da evolução orgânica [...]. Daí que sejam banidos deste nível todos os comportamentos que pressupõem a afinidade e a reciprocidade de muitas opiniões diferentes. As acções da massa apontam diretamente para o objetivo e procuram atingi-lo pelo caminho mais curto, o que faz com que exista sempre *uma única* ideia dominante, a mais simples possível (SIMMEL, 1917, p. 68 apud WOLF, 1999, p. 24-25).

Essa limitação de objetivos, associada ao comportamento de um rebanho apático – que reage, mas não age –, fortalece a ideia de que as massas são sempre regidas e manipuladas. Políticos, religiosos e, mais recentemente, a mídia – entre outras forças – já comandaram essas maiorias quantitativas caracterizadas, segundo Mário Gonçalves Viana (19-), pela credibilidade, mediocridade, fanatismo, sugestibilidade, duplicidade, amoralidade, fatuidade e religiosidade. As massas confiam nos jornais, na publicidade e nos chefes. Conforme o autor, elas “tendem, irresistivelmente, para um padrão de vida uniforme” e “não perdoam aos que discordam dos seus preceitos” (VIANA, 19-, p. 13-14). Na obra *Psicologia das massas multitudinárias*, ele enfatiza também a subordinação, a instabilidade e a falta de ética inerentes a esses agrupamentos denominados por Jean Baudrillard (2004) como neutros – do latim *neuter*: nem um, nem outro porque na “massa desaparece a polaridade do um e do outro. Essa é a causa desse vácuo e da força de desagregação que ela exerce sobre todos os sistemas, que vivem da disjunção e da distinção dos pólos (dois, ou múltiplos, nos sistemas mais complexos)” (BAUDRILLARD, 2004, p. 12).

Correspondente a seus pares, portanto, o homem da massa, ou homem-massa, sente-se confortável por estar acompanhado pela maioria. Como salientamos, nesse conjunto, distinções não são admitidas. Tudo deve ser homogêneo, inclusive o pensamento, porque a “massa faz sucumbir tudo o que é diferente, egrégio, individual, qualificado e especial” (ORTEGA Y GASSET, 2007, p. 48). Essa unidade é refletida na religião, na ciência, na política e, da mesma maneira, no comportamento diante da moda, do gosto musical e em tudo mais a que se possa optar pela sujeição – quando também se poderia desacatar. Influenciadas, as massas aceitam tudo. Seus membros estão dispersos, ligados apenas por esse interesse geral. O líder é sempre ativo e o grupo é passivo. Foi assim com o nazismo, por exemplo. Ainda é assim em alguns meios de comunicação que seguem a lógica propagandística³⁴ adotada por Adolf Hitler: E > R. Do estímulo para a resposta. Do emissor para o receptor.

³⁴ Informações gerais sobre a propaganda política nazista estão acessíveis na página do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos na Internet. Disponível em: <<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005202>>. Acesso em: 27 mai. 2015.

Como destaca Mauro Wolf (1999, p. 28), à época do totalitarismo, os “meios de persuasão de massa constituíam, de facto, um fenómeno completamente novo, desconhecido, sobre o qual o público ainda não tinha conhecimentos suficientes”. Desse modo, o emissor ativo produzia um estímulo e a massa inerte de destinatários reagia. A superação dessa teoria simplista – hipodérmica³⁵ –, que apostava no trabalho do emissor sem a influência do público e que foi fundamental para o desenvolvimento dos estudos comunicacionais, constituiu um esquema proposto por Harold Lasswell, em 1948. Porque não nos atemos ao detalhamento das teorias da comunicação, abordamos aqui a síntese feita por Nilson Lage (1993) a respeito do modelo lasswelliano. Segundo o autor, o novo padrão determinava “*quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para quê*” (LAGE, 1993, p. 27) – o que chamamos de *lead*³⁶.

Como vemos, apesar desse avanço na estrutura, o cerne comunicacional permaneceu sob o fundamento do estímulo e da resposta. Mais uma vez, essa passividade do receptor pode ser equiparada à inércia da massa, que se atém a aceitar os impulsos externos. Para ultrapassar essa característica, propõe Viana (19-, p. 23), “têm as massas de se transformar em multidões”, como vemos a seguir.

3.2 MULTIDÕES

É sob a influência de nove fatores, segundo Mário Gonçalves Viana (19-), que as massas atingem o *status* de multidões. Embora alguns predicados permaneçam iguais nos dois grupos, como apresentamos adiante, tal mudança é possível e geralmente ocorre a partir de

a) paixões exacerbadas, b) esperanças ou ambições violentas, c) promessas sedutoras, d) medos ou terrores colectivos, e) orgulhos feridos ou espicaçados, f) ódios de famílias, de partidos ou de seitas, g) agressividade excitada, h) desejos de vingança ou de represália, i) espírito de destruição sobreexcitado (VIANA, 19-, p. 25).

Ainda que tenham maior mobilidade que as massas, as multidões também são dirigidas. Tanto que, em *Psicologia das multidões*, Gustave Le Bon (2008) compara os integrantes desses conjuntos a folhas secas e a grãos de areia, que são facilmente carregados pelo vento, para exemplificar o quanto são influenciáveis. A homogeneização do coletivo, a submissão aos líderes e a mediocridade do indivíduo são repetidamente mencionadas por Le Bon (2008), que

³⁵ A teoria hipodérmica pressupõe que a mensagem midiática enviada para o público afeta todos os indivíduos da mesma maneira (LIPPMANN, 2008).

³⁶ O *lead* também é sinônimo para a fórmula 3Q+COP: *Quem, Quê, Quando, Como, Onde e Por quê* (LAGE, 1993). Em síntese, os jornalistas devem oferecer respostas para essas perguntas em seus textos.

também defende a ideia de que esses aglomerados não são dotados de inteligência. Por isso, de acordo com o autor, a “obra de uma multidão é sempre e em toda parte inferior à de um indivíduo isolado” (LE BON, 2008, p. 186).

Tanto para Viana (19-) quanto para Le Bon (2008), as multidões abafam as personalidades, nivelam por baixo seus componentes, revelam a subordinação das pessoas, são facilmente impressionadas e iludidas pelas palavras daqueles que as conduzem, conformam-se com o pouco que lhes é oferecido e possuem objetivos e opiniões bastante simples. As ideias, inclusive, são comumente formadas a partir do que o homem-massa lê no jornal e ouve de seu líder (VIANA, 19-). Isso ocorre porque as multidões “são incapazes de ter quaisquer opiniões além das que lhes são sugeridas” (LE BON, 2008, p. 24) e porque, como as massas, estão agregadas apenas por um fator comum. Logo, as particularidades são deixadas à parte em prol desse interesse partilhado. Esse, inclusive, era um dos modos de organização dos movimentos de protesto e revolta do final do século XX, quando os fundamentos eram fixados na identidade da luta e possuíam um comando central (HARDT; NEGRI, 2012). As exceções ficavam reprimidas ao tema principal em favor da unidade. Isso porque, como lembra Gustave Le Bon (2008, p. 114), não “é a necessidade de liberdade que sempre domina a alma das multidões, mas a da servidão”. Nesse contexto, as greves trabalhistas, segundo o autor, são feitas mais por obediência às ordens do que pela possibilidade de aumentos salariais. Esses aglomerados, sustenta Viana (19-), são arrastados pelas emoções. Por isso, a imprensa, os comícios e os boatos são facilmente capazes de capturá-los e persuadi-los com campanhas e discursos, por exemplo. “São as paixões que dominam as multidões e não a inteligência. Mas, além disso, a multidão tende, com a sua alma simplista, a simplificar as coisas, julgando pelas aparências e julgando com rapidez” (VIANA, 19-, p. 66).

E é de forma simples também que Le Bon (2008) classifica esses conjuntos. De acordo com ele, as multidões podem ser divididas em dois grandes grupos: homogêneos e heterogêneos. No primeiro estão as seitas (política, religiosa), as castas (militar, sacerdotal, operária) e as classes (burguesa, camponesa). Já o segundo compõe-se de “indivíduos quaisquer, seja qual for sua profissão ou sua inteligência” (LE BON, 2008, p. 146) e pode ser anônimo (multidões de rua) e não anônimo (júris, assembleias parlamentares). Viana (19-), por outro lado, elege dez categorias para os aglomerados denominados por ele como multitudinários. Assim, segundo o autor, há multidões silenciosas, criminosas, revolucionárias, perseguidoras e destruidoras, sectárias, trabalhadoras, julgadoras, dirigidas, versáteis e manifestantes. Tratamos, brevemente, de cada uma delas a partir de agora.

3.2.1 Silenciosas

Para Mário Gonçalves Viana (19-), as multidões são silenciadas por emoções relacionadas à angústia e à esperança. E, assim como um indivíduo, também são paralisadas pelo temor. Conforme o autor, tal sentimento é contagioso e esteve presente, por exemplo, no cotidiano dos cristãos que, para sobreviver, calaram-se à época das perseguições. “O medo supera tudo o mais, manifestando-se sob a forma de silêncio. A multidão esconde-se no mutismo; oculta os seus instintos” (VIANA, 19-, p. 156).

3.2.2 Criminosas

É por serem compostas por elementos sociais inferiores, segundo Viana (19-), que as multidões podem se tornar violentas. De acordo com o autor, indivíduos pacíficos e de bem não integram esses conjuntos que agem contra indivíduos e entidades. Viana (19-) sustenta, ainda, que a heterogeneidade, aliada ao fato de serem guiadas, conduz as multidões para a violência. “Às vezes basta um gesto, um grito, para a sugestão criminosa assumir a forma epidémica, e isto por força da velocidade de contágio das emoções, que é rapidíssima” (VIANA, 19-, p. 141). Estimulados, assim, os criminosos agiriam contra indivíduos e entidades.

3.2.3 Revolucionárias

Mário Gonçalves Viana (19-) também assegura que, embora possuam causas específicas, as revoluções – por mais distintas que sejam – têm a mesma origem psicológica. Além de envolverem questões de opressão, garante o autor, apresentam o ódio das classes inferiores e o orgulho das superiores. Viana (19-) argumenta também que as revoluções não estouram de repente e são provocadas mais pela fraqueza dos líderes que pela força do povo. De acordo com ele, a multidão revolucionária é a mais perigosa porque percorre, depois da explosão, o caminho da anarquia e do terror, sempre orientada por agitadores.

3.2.4 Perseguidoras e destruidoras

“Logo que a autoridade pública enfraquece e perde o domínio da rua, as multidões começam a manifestar-se, realizando perseguições ou destruições, desvairadas ou sistemáticas” (VIANA, 19-, p. 102). Hierarquias, portanto, não são bem aceitas por esses aglomerados que

apenas toleram suas lideranças e, depois de um período, são capazes de caçá-las até exterminá-las. Segundo Viana (19-), demandas religiosas, disciplinares e autoritárias constituem os principais alvos dos impulsos dessas multidões.

3.2.5 Sectárias

É nas épocas de crise, de acordo com Viana (19-), que as multidões buscam quem as ampare e dirija. “Elas procuram, nesses homens, satisfazer a sua ‘fome’ de ideal, a sua ‘sede’ de justiça, de ilusão ou de vingança” (VIANA, 19-, p. 92). Desse modo, de tempos em tempos, tornam-se adoradoras de ideias, instituições e indivíduos. Passam a cultuá-los até atingirem o grau do fanatismo. Alguns exemplos dessa idolatria estão ligados a artistas, clubes desportivos e partidos políticos.

3.2.6 Trabalhadoras

Inicialmente, o autor divide o mundo em dois grupos de sujeitos: os que trabalham e os que não. Separados por essa condição, eles se tornam diferentes e, por consequência, pensam e agem também de maneira dessemelhante. Mário Gonçalves Viana (19-) acredita que foi o ajuntamento dos operários nas indústrias, no século XIX, que deu origem a esse modelo de multidão. Para ele, apesar de cada profissão conferir características particulares aos seus profissionais, ao reunirem-se, todos tendem a criticar os chefes do mesmo modo. E é entre os que recriminam os dirigentes que surgem os novos líderes.

3.2.7 Julgadoras

Viana (19-) ainda sustenta que, por causa das paixões e interesses particulares, um homem dificilmente encontrará justiça que lhe agrade. Aos grupos essa tarefa é ainda mais difícil devido, justamente, às especificidades individuais. “Quando, porém, do grupo se passa à multidão, o problema agrava-se singularmente, uma vez que não é possível, a um agregado heterogêneo e inorgânico de homens, pedir um juízo certo, razoável e honesto” (VIANA, 19-, p. 62). Ao se apropriarem do papel julgador, as multidões passam, imediatamente, da justiça para a vingança porque, segundo o autor, são ininteligentes, impressionáveis, brutais, intolerantes, temíveis, cruéis e fanáticas, além de não conhecerem o critério da justiça.

3.2.8 Dirigidas

Como já frisamos, as multidões – assim como as massas – são sempre lideradas. No entanto, elas “não podem ser dirigidas com ideias, mas sim com palavras que lhes vão de encontro às paixões ou que embalem e excitam as suas ambições. Só com as mesmas ‘armas’ será possível contê-las” (VIANA, 19-, p. 60). Segundo o autor, as frases, as palavras e os gestos adotados pelos guias são os elementos que mais impressionam esses conjuntos.

3.2.9 Versáteis

As multidões também costumam agir com inconstância e, espontaneamente, alteram seu comportamento. Conforme Mário Gonçalves Viana (19-), elas imprimem suas vontades aos seus condutores – que são abandonados pelo grupo, caso discordem dele. “A multidão segue qualquer homem, enquanto ele vai de encontro aos seus instintos, às suas aspirações subconscientes, aos seus raciocínios extralógicos” (VIANA, 19-, p. 29). Ao avaliar essa instabilidade, o autor classifica esses aglomerados como ilusórios e desprezíveis.

3.2.10 Manifestantes

Para defender a ideia de que é próprio do homem externar seus sentimentos, Viana (19-) nos adverte de que tanto a alegria como a dor aproximam os sujeitos. De acordo com ele, a reciprocidade gerada por essas emoções serve de estímulo para as manifestações desses conjuntos. Essas mobilizações, assegura Viana (19-), podem ser organizadas por governos, autoridades, partidos políticos, classes sociais, grupos religiosos, estudantes ou de gênero, chefes políticos e agitadores profissionais. Quando lideradas por organizações ou entidades, porém, essas multidões se atêm ao cumprimento de um acordo preestabelecido que determina o itinerário, os locais de parada, as bandeiras e legendas que serão carregadas, além das entidades às quais se dirigirá o protesto. As “manifestações multitudinárias mais grandiosas e mais impressionantes serão [...] aquelas que forem preparadas com maior antecedência [...] e aquelas que se mostrarem mais submissas aos seus comandos” (VIANA, 19-, p. 42), embora seus integrantes também possam se rebelar contra a chefia, se essa não lhes agrada em suas vontades. O autor explica ainda que, quanto mais específica for a causa da manifestação, maior será a violência empregada nas ações realizadas pelo grupo, que, segundo ele, testa as firmezas e as fraquezas das autoridades.

Considerando os apontamentos realizados até aqui, sintetizamos nossas inferências à ponderação de que os membros das massas e das multidões são sempre liderados. Eles também sentem e agem uns iguais aos outros. Por isso, segundo Viana (19-, p. 253), “todos protestam da mesma maneira, todos usam os mesmos estribilhos, todos pensam pela mesma bitola”. Feitos os contornos de classificação das massas e das multidões, seguimos em direção à multidão, especificamente sob a luz do pensamento de Michael Hardt e Antonio Negri (2012).

3.3 MULTIDÃO

Se no tensionamento dos conceitos a que nos dedicamos nesse capítulo não foi preciso distinguir a massa das massas, o mesmo não ocorre quando tratamos das multidões e da multidão. Para Michael Hardt e Antonio Negri (2012, p. 287), esclarecemos, “a formulação gramatical no singular [...] não enfatiza [...] unidade, e sim a capacidade social e política comum da multidão”. Os dois optam pela redução numérica da palavra e justificam seu uso recorrendo a Spinoza, que compara a reunião dos sujeitos à anatomia do corpo humano.

“O corpo humano”, escreve ele, “é composto de muitos indivíduos de naturezas diferentes, cada um dos quais é altamente heterogêneo” – e no entanto essa multidão de multidões é capaz de agir em comum como um corpo único. Seja como for, ainda que a multidão forme um corpo, continuará sempre e necessariamente a ser uma composição plural, e nunca se tornará um todo unitário dividido por órgãos hierárquicos (HARDT; NEGRI, 2012, p. 248).

A pluralidade, cabe salientar, é atributo intrínseco da multidão, que é composta por um apanhado de singularidades, constituindo “uma diferença que se mantém diferente” (HARDT; NEGRI, 2012, p. 139). Essa característica resiste, por exemplo, à homogeneização facilmente identificada nos sujeitos disciplinados da modernidade e também nos povos. Enquanto o povo nega as particularidades a favor de uma unidade – a identidade –, a multidão valoriza as discrepâncias. Elas são fundamentais e conferem uma “nova vida sob uma forma diferente” (HARDT; NEGRI, 2012, p. 281) para esse novo modelo de reunião dos sujeitos.

Os membros que o compõem não recusam suas minúcias porque, juntas, elas promovem um aumento no nível de inteligência e, dotados dessa capacidade, os sujeitos podem agir em comum ou por conta própria. De qualquer maneira, eles não precisam de alguém que os conduza e, assim, a manipulação prontamente realizada sobre as massas não atinge a multidão. Desapegados de uma liderança e sem um comando central que determine os padrões a serem seguidos, os integrantes da multidão, segundo Hardt e Negri (2012, p. 132), também se mantêm

“diferentes em termos de raça, sexo, sexualidade e assim por diante”. Por isso, de acordo com os autores, o que “precisamos entender [...] é a inteligência coletiva que pode surgir da comunicação e da cooperação dentro de uma multiplicidade tão variada” (HARDT; NEGRI, 2012, p. 132). Então, para que possamos compreender essa expertise, recorreremos brevemente ao campo da informática – como sugerem os pesquisadores.

Na concepção da ARPANet³⁷, por exemplo, não havia um centro definido e técnicas grupais foram utilizadas tanto na criação e na manutenção da rede como na solução de problemas. Da mesma forma, as habilidades individuais dos componentes foram consideradas em função da horizontalidade atribuída às tarefas e funções. Não havia, como na multidão também não há, uma parte para comandar e outras para obedecer. A multidão, ao contrário das massas e das multidões, “designa um sujeito social ativo, que age com base naquilo que as singularidades têm em comum” (HARDT; NEGRI, 2012, p. 140) e considera que a soma das capacidades de todos os seus membros resulta em algo maior do que qualquer um deles poderia oferecer sozinho, como comprovado na ARPANet. Conforme Mário Gonçalves Viana (19-, p. 315), “os homens diferentes completam-se mutuamente, nas suas insuficiências e nas suas virtudes. Em compensação, os homens iguais acumulam-se afluivamente nos mesmos locais; e atropelam-se desastinadamente, em busca das mesmas metas”. Essa diversidade, sustentam Hardt e Negri (2012), não significa dispersão ou mesmo fragmentação. Antes, exige comunicação, colaboração e criatividade para funcionar.

Essas três habilidades permitem que as diferenças convivam também nas manifestações em que grupos aparentemente opostos lutam juntos, em rede, contra o sistema global, por exemplo, como ocorreu em Seattle³⁸, em 1999, durante uma reunião de cúpula da Organização Mundial do Comércio (OMC) que reuniu representantes de 135 países (HARDT; NEGRI, 2012). Eles não precisam abafar suas causas díspares em razão de uma principal – como sucedia com a classe operária. As diferenças também não são propagadas em segmentos de raça, gênero ou sexualidade. O novo ciclo de levantes foge dessa dicotomia. Por conseguinte, os protestos de hoje em dia não estão unidos sob um mesmo guarda-chuva e tampouco separados pelas divergências. Sobretudo porque não focalizaram um único alvo, as mobilizações de Seattle

³⁷ Primeira rede de computadores – precursora da Internet – desenvolvida pela *Advanced Research Projects Agency* (ARPA), no final da década de 1960, propunha uma comunicação livre de um nodo central. Com dados descentralizados, o sistema com propósitos militares era capaz de resistir a uma ofensiva nuclear. Assim, os “primeiros nós da rede em 1969 estavam na Universidade da Califórnia em Los Angeles, no SRI (*Stanford Research Institute*), na Universidade da Califórnia em Santa Barbara e na Universidade de Utah. Em 1971, havia 15 nós, a maioria em centros universitários de pesquisa” (CASTELLS, 2003, p. 14).

³⁸ À época, aglomerados contraditórios em seus interesses, como anarquistas e religiosos, por exemplo, protestaram lado a lado – entre outras coisas – contra um complexo carcerário-industrial (HARDT; NEGRI, 2012).

representam, segundo Michael Hardt e Antonio Negri (2012), o primeiro protesto global. “A magia de Seattle consistiu em mostrar que essas muitas queixas não eram apenas um amontoado aleatório e caótico, uma cacofonia de vozes diferentes, mas um coro que falava em comum” (HARDT; NEGRI, 2012 p. 365). Articulados, os distintos grupos agiram de acordo com o que tinham em paridade. Juntos, sim, mas independentes uns dos outros e sem uma chefia principal. Sem hierarquias, organizados em uma rede que arriscamos assemelhar ao que Gilles Deleuze e Félix Guattari (2007, 2008a, 2008b) denominaram *rizoma*³⁹, em *Mil platôs*.

Como vimos até aqui, os conjuntos dessa nova forma de organização se manifestam sem que alguém os governe e por variados motivos simultaneamente. Sem um ponto cardeal, as mobilizações da multidão fogem, inclusive, da grande narrativa porque não se encaixam nos padrões lineares e disciplinadores das massas: elas são sempre múltiplas. Tomando como base os estudos de Mikhail Bakhtin, Hardt e Negri (2012) afirmam que essa pluralidade de vozes pode ser comparada à concepção polifônica da narrativa porque nela também “não existe um centro que determine o significado, surgindo este exclusivamente das trocas entre todas as singularidades em diálogo” (HARDT; NEGRI, 2012, p. 274). Os autores seguem em concordância com o filósofo russo para demonstrar que na organização política,

[...] como na narração, existe um constante diálogo entre sujeitos diversos e singulares, uma composição polifônica entre eles e um enriquecimento geral de cada um deles através dessa constituição comum. A multidão em movimento é uma espécie de narração que produz novas subjetividades e novas linguagens. É verdade que outros movimentos políticos, como os das décadas de 1960 e 1970, em particular, conseguiram construir essa narração polifônica, mas muitas vezes fica parecendo que tudo que resta deles hoje é sua história monológica contada pelos poderes dominantes, a polícia e os juízes. Os novos e poderosos movimentos de hoje parecem esquivar-se de qualquer tentativa de reduzi-los a uma história monológica; eles só podem ser carnavalescos. É esta a lógica da multidão que Bakhtin nos ajuda a entender: uma teoria da organização baseada na liberdade de singularidades que convergem na produção do comum (HARDT; NEGRI, 2012, p. 274).

O caráter carnavalesco, vale frisar, também está relacionado à possibilidade de ultrapassar o monólogo, de debater múltiplos temas, de reunir milhares de pessoas nas ruas e de colorir as avenidas com bonecos, cartazes e músicas inerentes às novas formas de protesto. Essa pluralidade não estabelece um antes ou um depois e nem um acima ou abaixo. Os pontos que a integram ligam-se uns aos outros sem a exigência de uma ordem ou de um comandante. Os sujeitos da multidão são ativos e não se comportam como cata-ventos tais quais os componentes das massas que por tudo são influenciados. Da mesma forma, não aceitam a

³⁹ “O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 15).

condição de existir como um “rebanho que não poderia prescindir de mestre” (LE BON, 2008, p. 111), como ocorre com os indivíduos que compõem as multidões. O modelo da multidão, pelo contrário, não pode ser reduzido à ideia de um salvador, de uma única cabeça governante, mesmo porque “*o que faz falta ao mundo hoje, hoje como ontem, são muitos homens, e não um só, e, além disso, homens que sejam diferentes*” (VIANA, 19-, p. 315).

As minudências – e a soma delas –, como observamos anteriormente, conferem a esse novo conjunto uma inteligência também diferente, criada a partir de interações colaborativas. Sem que haja um eixo único, todos os membros (indivíduos ou grupos) se comunicam com todos, em rede. Com esse aspecto desordenado e aparentemente amorfo, as forças independentes da multidão confundem até mesmo as instâncias midiáticas, que se apressam em procurar respostas a cada deslocamento desse aglomerado. “Toda vez que um movimento de protesto [...] explode no cenário social ou se manifesta [...], a primeira pergunta feita pelos meios de comunicação e os observadores favoravelmente predispostos é sempre a mesma: o que vocês querem?” (HARDT; NEGRI, 2012, p. 365).

Mas os anseios da multidão não podem ser nivelados à simplicidade dos objetivos das massas. Estas, lembremos, querem ser guiadas, são paralisadas pelo medo e só se reúnem a partir de características idênticas. “Elas não se expressam, são sondadas. Elas não se refletem, são testadas” (BAUDRILLARD, 2004, p. 22). As massas reconhecem seus representantes, ao passo que a multidão e a maioria de seus protestos questionam a legitimação dessa representação – especialmente no campo da política e das grandes corporações. Por isso, a multidão que emerge nas novas organizações atua em rede, composta por “diferentes agentes criativos. O que adiciona várias camadas de complexidade ao modelo. Os membros da multidão não precisam tornar-se o mesmo ou abdicar de sua criatividade para se comunicar e cooperar entre eles” (HARDT; NEGRI, 2012, p. 132). Segundo os autores, eles são livres para explicitar suas diferentes formas de trabalho, maneiras de viver, visões de mundo e desejos.

Por outro lado, os integrantes das massas – como expusemos – estão atrelados aos moldes de seus líderes e presos ao cumprimento das sugestões que lhes são dadas. Recorrendo à sociologia americana, Baudrillard (2004) enfatiza que essa passividade da massa também é perceptível no que tange ao recebimento e decodificação de informação. As mensagens de diferentes naturezas enviadas pelos meios de comunicação são facilmente aceitas por esses grupos. Logo, explica o filósofo francês, injetar informação nesses conjuntos não significa estruturá-los. “Em vez de transformar a massa em energia, a informação sempre produz mais massa. Em vez de informar [...], cria cada vez mais massa inerte impermeável às instituições clássicas do social e aos próprios conteúdos da informação” (BAUDRILLARD, 2004, p. 26).

Segundo o autor, sob essa perspectiva, esses grupos não são capazes de produzir diferenças e, portanto, apenas praticam indiferenciação. Ou, como sugerem os escritores de *Multidão*, as

[...] massas certamente são compostas de todos os tipos e espécies, mas não se pode realmente afirmar que diferentes sujeitos sociais formam as massas. A essência das massas é a indiferença. Todas as cores da população reduzem-se ao cinza. Essas massas só são capazes de mover-se em uníssono porque constituem um conglomerado indistinto e uniforme. Na multidão, as diferenças sociais mantêm-se diferentes, a multidão é multicolorida (HARDT; NEGRI, 2012, p. 13).

Para além das cores, a multidão também se distingue das massas em termos de movimento. Como expusemos, os membros das massas não refutam a estrada apontada pelos seus líderes, enquanto a multidão desvia-se a partir de forças autônomas. Disposta em rede e sem um centro, ela ameaça os princípios da ordem moderna – que ainda sobrevive – e passa a ser comparada aos enxames de insetos que o poeta francês Arthur Rimbaud associava à organização política dos revolucionários da comuna de Paris. Os enxames “se reúnem, se dispersam e se juntam novamente, de uma ocasião para outra, guiados a cada vez por relevâncias diferentes, invariavelmente mutáveis, e atraídos por alvos mutantes e móveis” (BAUMAN, 2008a, p. 99), como discutimos em seguida.

Essa aparente desorganização, aliada à capacidade que tem de se dispersar rapidamente, faz da multidão mais do que um conceito de classe – como propõem Hardt e Negri (2012) ao revisitarem os estudos de Karl Marx. Ela é, consequentemente, um plano político com vistas à democracia absoluta, que, de acordo com os autores, “não passou de um projeto inconcluso ao longo da era moderna” (HARDT; NEGRI, 2012, p. 9). Logo, as ações de seus componentes, sua pluralidade e indefinição quantitativa embarçam as hierarquias e os binarismos comumente relacionados a elas. Por esse motivo, “aqueles que só são capazes de pensar em termos de modelos tradicionais podem presumir que ela não tem qualquer forma de organização – o que eles enxergam é apenas espontaneidade e anarquia” (HARDT; NEGRI, 2012, p. 130-131). Essa ilusão da infirmitade disfarça o arranjo multitudinário – baseado na comunicação – e a inteligência de enxame que assume para si. Conforme ressaltamos antes, os insetos são flexíveis em suas ações e é por isso que, ao “contrário das colunas em marcha, os enxames não precisam de sargentos ou cabos; encontram seu caminho sem a colaboração do estado-maior e de suas ordens” (BAUMAN, 2003, p. 115). Para compreendermos essas relações, seguimos no aprofundamento dos enxames cercando-nos, principalmente, dos apontamentos feitos pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2003, 2007, 2008a, 2008b, 2013).

3.4 ENXAMES

Fundamentando-se no comportamento das abelhas, das formigas e dos cupins, Hardt e Negri (2012), assim como Bauman (2003, 2007, 2008a, 2008b, 2013), propõem a ideia de enxame de pessoas. Para o polonês, essa é a forma de organização dos sujeitos na sociedade líquido-moderna⁴⁰. Os grupos, acredita, cedem lugar a esses aglomerados mais recentes porque eles sobrevivem sem estrutura de poder, hierarquia de autoridade e chefia. De acordo com o autor, tal qual a multidão, os enxames alcançam graus superiores de inteligência em virtude da coletividade. Também Hardt e Negri (2012) defendem fortemente esse propósito ao afirmarem que, embora “nenhum dos cupins individualmente tenha uma inteligência elevada, o enxame de cupins forma um sistema inteligente sem controle central. A inteligência do enxame baseia-se fundamentalmente na comunicação” (HARDT; NEGRI, 2012, p. 131). Inclusive os pesquisadores da inteligência artificial e do campo da informática – como mencionamos na referência à ARPANet – se utilizam dessa metáfora para tratar de procedimentos coletivos e sem um núcleo controlador.

Os enxames, em oposição às massas, recusam comandantes. Assim, “encontram infalivelmente seu caminho sem a interferência desagradável dos escalões superiores com suas ordens do dia” (BAUMAN, 2013, p. 55). Sem uma cabeça para guiar o corpo, esses conjuntos também não se permitem influenciar. Logo, ninguém “lidera os enxames para os campos floridos; ninguém precisa manter os membros do enxame sob controle, pregar para eles, tocá-los adiante pela força, com ameaças ou forçando-os no caminho” (BAUMAN, 2013, p. 54). O destino, vale lembrar, é continuamente variável e, para Bauman (2008a), tem o poder de determinar a direção do movimento dos integrantes desses aglomerados.

Sob a ótica de Hardt e Negri (2012), assim como a multidão, os enxames são compostos por uma multiplicidade de agentes. Por isso, quem observa seus atos de fora enxerga um ataque espontâneo semelhante à atuação de “pássaros ou insetos num filme de terror, uma multidão de atacantes irracionais, desconhecidos, incertos, invisíveis e inesperados” (HARDT; NEGRI, 2012, p. 131). Mas, compete frisar, suas obras são resultado da comunicação, da criatividade e da organização. Segundo Bauman (2003), as unidades que compõem um enxame são voluntárias, autodirigidas e sincronizadas. Elas não escutam pedidos de disciplina e, apesar da

⁴⁰ “‘Líquido-moderna’ é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo” (BAUMAN, 2007, p. 7).

informidade assustadora, “não são exércitos terroristas, apenas *enxames* [...] com pouca ou nenhuma supervisão” (BAUMAN, 2008b, p. 162).

Essa ausência de comando não significa passividade. Mas, assim como as massas, os membros dos enxames são movidos pela confiança que depositam na maioria. Como sustenta Bauman (2008a, p. 100), em um enxame,

[...] não há intercâmbio, cooperação ou complementaridade – apenas a proximidade física e a direção toscamente coordenada do movimento atual. No caso de unidades humanas que sentem e pensam, o conforto de voar num enxame deriva da segurança que os *números* proporcionam: a crença de que a direção do vôo deve ter sido escolhida de modo adequado, já que um enxame impressionantemente amplo a está seguindo, a suposição de que tantos seres humanos capazes de sentir, pensar e escolher livremente não poderiam estar ao mesmo tempo enganados.

Apesar disso, para o autor, os vínculos entre as partes que constituem o enxame são efêmeros e frágeis. Só existem durante um voo e se mantêm somente até a próxima mudança de meta. Nesse período, os integrantes simplesmente repetem os movimentos realizados por um outro – sem que esse represente uma autoridade. Em outras palavras, os enxames “não têm um ‘lá em cima’; é apenas a atual direção do vôo que coloca algumas unidades [...] na posição de ‘líderes’ que são ‘seguidos’ – durante determinado vôo ou parte dele, mas dificilmente por mais tempo” (BAUMAN, 2008a, p. 100).

As multidões, lembremos, não podem existir sem um condutor e, como afirma Viana (19-), qualquer sujeito pode dar o grito inicial para agitá-las. Os enxames, por outro lado – mesmo que não conheçam a divisão do trabalho, como assinala Zygmunt Bauman (2008a) –, se desenvolvem a partir do que o polonês chama de autopropulsão. Esses impulsos particulares, de outra forma, não impedem que se movam no mesmo sentido e que tomem decisões conjuntas e simultâneas. Mesmo porque os “enxames, de maneira distinta dos grupos, não conhecem dissidentes nem rebeldes – apenas, por assim dizer, ‘desertores’, ‘incompetentes’ e ‘ovelhas desgarradas’” (BAUMAN, 2008a, p. 101).

Por se estabelecerem mesmo sem um guia, esses aglomerados revelam uma inteligência acima da que proporião individualmente os seus membros – como na multidão. Basta que observemos o trabalho e a organização social das formigas⁴¹ para comprovarmos essa proposição: suas habilidades reunidas propiciam a realização de ações que nenhuma delas poderia alcançar sozinha. As colônias de abelhas, do mesmo modo, são caracterizadas por um

⁴¹ “A cultura popular fortalece o estereótipo stalinista das formigas [...] mas, na realidade, as colônias são exatamente o oposto das economias de comando. Ainda que elas sejam capazes de feitos extraordinariamente coordenados de alocações de tarefas, não há nenhum Plano Quinquenal no reino das formigas” (JOHNSON, 2003, p. 23).

aparelhamento complexo do trabalho. Mas, como sugestionam os autores de *Multidão*, no caso das reuniões humanas, temos “de analisar não apenas a forma mas também o conteúdo do que fazem. O fato de um movimento ser organizado como rede ou enxame não garante que seja pacífico ou democrático” (HARDT; NEGRI, 2012, p. 134). Por isso, no próximo capítulo, voltamos nossa atenção para os protestos constituídos dessa forma.

4 TRAÇOS MULTITUDINÁRIOS

Nesse capítulo são apresentados alguns dos movimentos realizados pela multidão ao redor do mundo. Brevemente – em um panorama que não tem a obrigação de obedecer à cronologia ou abranger todos os protestos mundiais –, são colocadas em discussão as manifestações ocorridas na Tunísia, no Egito, na Espanha e nos Estados Unidos. A problematização dos levantes brasileiros de 2013 ganha força no tópico 4.2.

4.1 DA TUNÍSIA AOS ESTADOS UNIDOS

Ao analisar as insurgências iniciadas na Tunísia, em 2010, e as manifestações seguintes que mobilizaram o Egito, o Bahrein, o Iêmen, a Líbia e a Síria, Michael Hardt e Antonio Negri (2014) concentram seus olhares na organização multitudinária desses movimentos. Para os autores, além do Norte da África e do Oriente Médio, a centelha das rebeliões acesa em Sidi Bouzid – que tratamos à frente – atingiu a Espanha, a Grécia, a Inglaterra e os Estados Unidos. Distintos no que tange às condições locais específicas de cada um, esses embates estão interligados pela busca do comum, como ressaltam os autores de *Declaração – Isto não é um manifesto*, e também pelo uso da mesma estratégia de ocupação dos espaços públicos.

Há uma década, os movimentos por uma globalização alternativa eram nômades. Migravam de uma reunião de cúpula para outra, expondo as injustiças e a natureza antidemocrática de diversas instituições-chave do sistema de poder global [...]. O ciclo de lutas iniciado em 2011, em contraste, é sedentário. Em vez de perambular [...], esses movimentos permanecem num lugar e, em verdade, recusam-se a se mover. Até certo ponto, a imobilidade deve-se ao fato de que estão profundamente enraizados nas questões sociais locais e nacionais (HARDT; NEGRI, 2014, p. 13-14).

Além desse fator de radicação que os orientou, segundo Castells (2013, p. 8), os “indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se. E sua união os ajudou a superar o medo, essa emoção paralisante em que os poderes constituídos se sustentam para prosperar e se reproduzir”. Contra essa lógica violenta adotada por regimes repressivos e democracias representativas, as redes autônomas dispuseram-se horizontalmente e, como sugerem Hardt e Negri (2014), atuaram numa espécie de passagem de bastão. Inspiradas umas nas outras e relevando as características que as diferenciavam, as lutas desafiaram as instituições clássicas a dar explicações. E, apesar de as redes sociais da Internet terem funcionado como uma ágora eletrônica, o que se tem ainda hoje (dois anos depois de junho de 2013) são muito mais perguntas do que respostas.

Para que cheguemos, portanto, a junho de 2013, retomamos rapidamente alguns dos levantes que o precederam. E é especialmente a partir dos estudos de Castells (2013), Hardt e Negri (2014) e Gohn (2015) que relacionamos os pontos dessa trama – não no intuito de organizá-los com disciplina, linear e cronologicamente, porque isso não seria possível dada a sua dispersão. Logo, os apontamentos que delineamos a seguir são meros contextualizadores desse período de manifestações.

4.1.1 Tunísia

Segundo Manuel Castells (2013), a revolução deflagrada na Tunísia teve início em 17 de dezembro de 2010 com a autoimolação do jovem Mohamed Bouazizi. Cansado de ter sua barraca confiscada pela Polícia local, nessa data, o vendedor de frutas e legumes que se recusara a pagar propinas recorreu ao governo para recuperar seus produtos. Como não foi atendido, ateou fogo no próprio corpo. Para Castells (2013, p. 24), “foi seu último grito de protesto contra a humilhação”. O feirante foi hospitalizado e morreu 19 dias depois, em 5 de janeiro de 2011. Ainda no final de dezembro de 2010, a revolta tomou conta do país. Das províncias à capital, uma onda de solidariedade abastecida pelo sentimento de abandono e corrupção oficial mobilizou milhares de pessoas e derrubou do poder o ditador Zine el-Abidine Ben Ali, que governava desde 1987. Mesmo reprimidos pela Polícia que, de acordo com Castells (2013), matou 147 pessoas, os manifestantes decidiram dar continuidade às ações. Eles “sentiram-se encorajados a pressionar pelo afastamento de todo o pessoal de comando do regime, exigindo liberdade política e de imprensa, e pedindo eleições verdadeiramente democráticas, sob nova lei eleitoral” (CASTELLS, 2013, p. 25). Os tunisianos ocuparam a Praça do Gouvernement e enfrentaram a violência policial para contestar, entre outras coisas, a crise econômica instalada no país. Sem liderança, ignoraram os partidos políticos de oposição e espalharam seus desejos também pela Internet. Em junho de 2011, Ben Ali e a esposa foram condenados a 25 anos de prisão por corrupção. Em 23 de outubro do mesmo ano, eleições abertas foram realizadas.

4.1.2 Egito

Os insurgentes organizaram o primeiro protesto em 25 de janeiro de 2011, Dia Nacional da Polícia, e, depois de 18 dias de ocupação da Praça Tahrir, no Cairo, destronaram Muhammad Hosni Said Mubarak. Conforme Castells (2013, p. 46), os egípcios foram movidos pela “opressão, injustiça, pobreza, desemprego, sexismo, arremedo de democracia e brutalidade

policial”. Inspirada nos levantes tunisianos, a revolta do Egito registrou seis autoimolações e reuniu centenas de milhares de pessoas que resistiram aos ataques da Polícia e fizeram da Tahrir o epicentro de uma revolução. Castells (2013) destaca que, em 11 de fevereiro, o Conselho Supremo das Forças Armadas assumiu o poder e, dois meses mais tarde, em 13 de abril de 2011, Mubarak e os filhos foram presos por corrupção e repressão. O julgamento do ditador que ocupou o cargo de presidente da república durante 29 anos teve início no dia 3 de agosto daquele ano. Mais tarde, em 28 de novembro, ocorreu o primeiro turno das eleições parlamentares e, no dia 14 de dezembro de 2011, foi realizada a segunda etapa de votações. Na República Árabe do Egito, tanto as redes da Internet quanto “as redes sociais preexistentes, as manifestações de rua, as ocupações de praças públicas e as reuniões [...] em torno de mesquitas contribuíram [...] para as redes multimodais espontâneas, amplamente sem lideranças, que realizaram a revolução” (CASTELLS, 2013, p. 49).

4.1.3 Entusiasmo sucessivo

O vento das manifestações soprou forte e chegou a outros países. Desse modo, também se estabeleceu o Dia da Fúria na Argélia (7 de janeiro), no Líbano (12 de janeiro), na Jordânia (14 de janeiro), na Mauritânia, no Sudão e em Omã (17 de janeiro), no Iêmen (27 de janeiro), no Bahrein (14 de fevereiro), na Líbia (17 de fevereiro), no Kuwait (18 de fevereiro), no Marrocos (20 de fevereiro), no Saara Ocidental (26 de fevereiro), na Arábia Saudita (11 de março) e na Síria (18 de março). Manuel Castells (2013, p. 74) avalia que esses movimentos “surgiram de causas específicas a cada país e evoluíram de acordo com as condições de seus contextos e das idiossincrasias de cada revolta. Mas todos eles foram levantes espontâneos, estimulados pela esperança inspirada no sucesso das revoluções tunisiana e egípcia”. A repressão policial, as autoimolações e a variedade de manifestantes e causas estiveram presentes em muitas mobilizações árabes. Mas, cabe destacar, “dignidade e pão foram os motores originais da maioria dos movimentos” (CASTELLS, 2013, p. 75).

Na Líbia, segundo Castells (2013), os protestos contra Muammar Kadafi foram sangrentos e contaram com a intervenção do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). O ditador comandou por mais de quatro décadas, foi capturado e morto em fuga em 20 de outubro de 2011, na cidade de Sirte. Antes, em março de 2011, explodiram os levantes sírios. A Lei de Emergência, que proibia reuniões em espaços públicos e manifestações contra o governo desde 1963, foi abolida em 19 de abril daquele ano. Operações militares foram realizadas em

diferentes cidades e o presidente Bashar Al-Assad – que não atendeu às súplicas para reduzir o preço dos alimentos, acabar com a atrocidade da Polícia e a corrupção – enfrentou o resultado da união entre esperança e indignação: “um dos movimentos sociais mais poderosos e determinados entre os que sacudiram o mundo árabe” (CASTELLS, 2013, p. 79). Assad resistiu e, em 13 de dezembro de 2011, a ONU calculou mais de cinco mil mortos.

A Primavera Árabe⁴², como ficou conhecida a onda de protestos, reuniu as redes sociais da Internet e também suas antecedentes. Constituiu-se de martírios, manifestações e greves. Levou para as ruas desde jovens diplomados e desempregados até mulheres reprimidas pelos regimes ditatoriais. Como enfatiza Castells (2013), na Tunísia, a mídia local e até mesmo o exército apoiaram a democratização. Por outro lado, “os jornalistas estrangeiros procuravam de modo desesperado um líder dos movimentos” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 14) – o que também não encontraram nas mobilizações da Espanha.

4.1.4 Espanha

Como temos aferido desde o capítulo anterior, a organização da multidão equipara-se às redes, entre outras coisas, porque ambas não possuem um ponto mais importante do que outro. Nesse sentido, já mencionamos no item 3.3 (página 42) a relação da multidão de Hardt e Negri (2012) com o rizoma de Deleuze e Guattari (2007, 2008a, 2008b). Nossa inferência ganha respaldo ao passo que Castells (2013) também nomeia como rizomática a revolução espanhola, cuja ação decisiva foi dada em 15 de maio de 2011⁴³. Nesse dia, uma manifestação nacional convocada pelo grupo *Democracia Real Ya*⁴⁴ reuniu dezenas de milhares de pessoas que, aproveitando-se da proximidade das eleições municipais agendadas para 22 de maio de 2011, saíram às ruas em oposição ao governo de José Luis Rodríguez Zapatero, clamando por democracia real, “rejeitando a representação de todos os partidos políticos e promovendo uma ampla gama de protestos sociais, contra a corrupção dos bancos, o desemprego, a falta de serviços sociais, a insuficiência de moradias e a injustiça dos despejos” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 11). Ao final da manifestação de Madri, alguns insurgentes decidiram ocupar a Praça

⁴² Alusão à Primavera de Praga – movimento de 1968, realizado na Tchecoslováquia. “Com a chegada ao poder de Alexandre Dubcekna [...], o país passa por uma reforma que ficou conhecida como Primavera de Praga por tentar conciliar a implementação de liberdades individuais com o sistema socialista. Para tanto, permitiu a criação de outros partidos políticos e pôs fim à censura, entre outras medidas” (MARQUES; OLIVEIRA, 2013).

⁴³ Data em que surgiu o movimento social 15M. Informação acessível em: <<http://www.movimiento15m.org/>>. Acesso em: 31 mai. 2015.

⁴⁴ Formado por “desempregados, mal remunerados, terceirizados, precarizados e jovens que querem mudança e um futuro digno”. Tradução nossa. Disponível em: <<http://www.democraciarealya.es/quienes-somos/>>. Acesso em: 8 jun. 2015.

Puerta del Sol. Mais de uma centena de cidades espanholas adotaram a ideia e milhões de pessoas participaram efetivamente de todo o ciclo de levantes.

Não houve decisão formal, mas todos concordaram na prática, desde o início do movimento. Este não teria líderes, fosse em âmbito local, fosse no nacional. Nesse sentido, nem porta-vozes foram reconhecidos. Cada um representaria a si mesmo e a mais ninguém. Isso levou a mídia à loucura, já que em qualquer ação coletiva os rostos são ingredientes necessários de sua técnica narrativa. A fonte desse antigo princípio anarquista, geralmente traído pela história, não era ideológica no caso desse movimento, embora ele se tornasse um princípio fundamental, aplicado pela grande maioria de seus atores. Estava presente na experiência das redes da internet, em que a horizontalidade é a norma e há pouca necessidade de liderança, porque as funções de coordenação podem ser exercidas pela própria rede, mediante a interação entre seus núcleos (CASTELLS, 2013, p. 102).

Diante dessa conjuntura, as operações policiais foram intensificando-se tanto quanto o apoio dado pela população aos protestos. Com múltiplos discursos, sem chefias ou demandas específicas, como assinala Castells (2013), os espanhóis promoveram diversos acampamentos⁴⁵ por todo o país, ficaram conhecidos como os indignados e rechaçaram os partidos políticos. “A opinião geral no movimento era de que os políticos viviam num mundo à parte [...]. ‘Eles não nos representam’ é provavelmente o slogan mais popular do movimento, e decerto o mais fundamental” (CASTELLS, 2013, p. 98).

Essenciais também foram as doações de alimentos feitas pelos comerciantes que apoiaram as acampadas, tendo em conta as inúmeras ordens policiais para expulsar os manifestantes e a resistência dos grupos que permaneceram na Puerta del Sol até 12 de junho de 2011. De acordo com Manuel Castells (2013), a aceitação das mobilizações foi confirmada pelo grupo Metroscopia⁴⁶ em um levantamento feito nos dois primeiros dias de junho de 2011. Na pesquisa, 66% dos entrevistados demonstraram simpatia às ações do 15M e 81% deles julgaram corretas as motivações dos protestos. “O movimento prosseguiu de diferentes formas, por vários meses, embora a maior parte das ocupações do espaço público terminasse no início de julho” (CASTELLS, 2013, p. 90), quando foi realizado o primeiro Fórum Social do 15M. A expulsão dos remanescentes da Puerta del Sol ocorreu no dia 2 de agosto de 2011, segundo o autor, mas as assembleias e discussões contra o sistema político persistiram.

⁴⁵ Castells (2013) esclarece que no dia 20 de maio de 2011 eles aconteciam em 480 cidades espanholas.

⁴⁶ Especializado em pesquisas de opinião. Disponível em: <http://www.metroscopia.org/quienes_somos/info>. Acesso em: 31 mai. 2015.

4.1.5 Estados Unidos

O mercado imobiliário americano estava em crise e parte do governo sugestionava estratégias para salvar o setor financeiro. Inspirada nos movimentos do Oriente Médio, em 2 de fevereiro de 2011, a revista *Adbusters* convidou as pessoas a participarem de uma insurreição. Então, no dia 13 de julho, a publicação lançou a *hashtag*⁴⁷ #occupywallstreet em seu blog e recomendou uma manifestação associada à ocupação de Wall Street em 17 de setembro – data do aniversário da Constituição dos Estados Unidos, criada em 1787. Outros grupos já erguiam a bandeira das mobilizações, propondo a ocupação do Zuccotti Park numa combinação das ações efetivadas na Praça Tahrir com os acampamentos espanhóis, como explica Castells (2013). À essa altura, porém, não importava mais quem havia proclamado a ideia porque a mobilização não se tratava de “uma revolta no campus ou a manifestação de uma contracultura cosmopolita. Era entoada por tantas vozes e sotaques quanto os presentes numa sociedade altamente diversificada e multicultural” (CASTELLS, 2013, p. 126).

Na data marcada, o Centro de Manhattan sediou o encontro de cerca de mil pessoas – número abaixo do esperado pela *Adbusters*. O lema dos 99%⁴⁸ já estava popularizado. Diversas manifestações seguiram ocorrendo em Nova York e em muitas outras cidades nos primeiros dias de outubro de 2011. O Occupy DC, por exemplo, teve início em Washington no dia 8. No dia 15, afirma Castells (2013), ocupações ou protestos eram realizados em 951 cidades de 82 países. E, embora cada um contasse com especificidades, a “característica mais importante era a ausência deliberada de liderança formal. Não havia líderes no movimento em âmbito local, nacional ou global. Esse era um princípio básico aplicado pela multidão [...] sempre que alguém tentava assumir papel de destaque” (CASTELLS, 2013, p. 138).

O acampamento do Occupy Wall Street começou a ser desfeito pela Polícia de Nova York no dia 15 de novembro de 2011. Dois dias depois, mais de 30 mil pessoas saíram em passeata pela cidade (CASTELLS, 2013). Já em 22 de novembro, o presidente Barack Obama recebeu uma nota em que os participantes do Occupy Wall Street relatavam a prisão de quatro mil manifestantes pacíficos. Conforme Manuel Castells (2013), a Polícia agiu com violência

⁴⁷ “*Hashtags* são palavras-chave usadas com o símbolo do jogo da velha (#) [...]. O símbolo *hashtag* serve como ferramenta de busca para agrupar conteúdos do mesmo tema. Dessa forma, ao adicionar o símbolo antes da palavra ou frase, os demais usuários encontram facilmente publicações sobre o mesmo assunto” (TECHTUDO, 2012).

⁴⁸ “A parcela da renda americana apropriada pelo 1% mais rico pulou de 9% em 1976 para 23,5% em 2007” (CASTELLS, 2013, p. 117). Os participantes do Occupy Wall Street identificaram-se como os 99% dos excluídos. O lema *We are the 99%* denunciava, portanto, a concentração de riqueza.

pelo menos até 17 de março de 2012, quando alguns manifestantes tentaram reocupar o Zuccotti Park em comemoração aos seis meses da ocupação de Wall Street.

Desde o início, o movimento Occupy experimentou novas formas de organização, deliberação e tomada de decisão como modo de aprender, fazendo, o que é a verdadeira democracia. Essa é uma característica fundamental do movimento. A instrumentalidade não era um valor supremo, a autenticidade, sim. Os ocupantes não desejavam reproduzir em suas práticas o tipo de democracia formal e de liderança personalizada a que se opunham. Eles inventaram, pouco a pouco, um novo modelo organizacional que, com variações, esteve presente na maioria das ocupações. Surgiu originalmente nas experiências do Egito e da Espanha, e depois passou por um processo de coevolução entre os muitos lugares ocupados mediante a polinização cruzada, a consulta mútua e a retroalimentação (CASTELLS, 2013, p. 137-138).

Apesar de dar ênfase para o poder das redes da Internet nesse cenário de revolta, ao analisar essas novas formas de organização e também as expressões culturais dos protestos – da Tunísia aos Estados Unidos –, Castells (2013, p. 82) considera que “a tecnologia não determina os movimentos sociais nem [...] qualquer espécie de comportamento social”. De tal modo, ele reafirma a importância da ocupação do espaço público urbano, seja em forma de acampadas ou de tomada das ruas em protestos como os efetivados no Brasil em 2013.

Como observam Hardt e Negri (2014), há dificuldade e mesmo resistência em perceber as relações estabelecidas entre todas essas (e outras) manifestações, que não começaram nas datas em que explodiram para o mundo e não terminaram com o atendimento de uma ou algumas de suas demandas. Qual seria, então, “o fio comum que unia, na mente das pessoas, suas experiências de revolta, a despeito de contextos amplamente diversos em termos culturais, econômicos e institucionais? Em resumo, era a sensação de empoderamento” (CASTELLS, 2013, p. 23), que também envolveu os brasileiros, como vemos a seguir.

4.2 SOBRE O BRASIL

A pesquisa *Sonho Brasileiro da Política*, divulgada pela BOX1824⁴⁹ em outubro de 2014, traça uma linha do tempo dos principais movimentos políticos do País (consultar Anexo A). As Diretas Já (1984) e os Caras Pintadas favoráveis ao *impeachment* de Collor (1992) figuram no ciclo histórico delimitado pelo estudo (de 1984 a 2013). Especificamente sobre as manifestações de junho, a ARTIGO 19⁵⁰ publicou, em 2014, o relatório *Protestos no Brasil*

⁴⁹ Empresa de pesquisa global focada no mapeamento de tendências e *consumer insights*, segundo apresentação em seu site. Disponível em: <<http://box1824.com.br/>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

⁵⁰ “No Brasil, realiza atividades na área de acesso à informação desde 2005” (ARTIGO 19, 2015). Disponível em: <<http://artigo19.org/blog/o-que-fazemos-2/>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

2013. Nele, consideram-se os atos de 2013 como propulsores de um modelo de mobilização até então não realizado no País.

Desde meados dos anos de 1990, os principais protestos eram geralmente organizados por movimentos sociais atuantes (como o MST) e partidos políticos de esquerda, sendo que aqueles que tinham um número maior de participantes não chegavam a índices tão grandes quanto aos das manifestações pelas Diretas ou pelo *impeachment* do presidente Collor, nem à amplitude de grupos e classes sociais que aderiram àqueles protestos (ARTIGO 19, p. 18, 2014).

Conforme Márton Reis (2013), se compararmos os levantes de junho de 2013 a essas duas manifestações, “podemos verificar que, nos casos anteriores, a mobilização massiva foi sempre precedida de grande tempo de acúmulo de forças por parte das lideranças desses movimentos. Em junho de 2013, não” (REIS, 2013, p. 38). Já aqui percebemos que definir um significado único para as manifestações de junho de 2013 não será possível. À época, jornalistas, políticos e intelectuais também se perceberam estarecidos com a dificuldade de enquadrar os movimentos em antigos padrões de organização e causa. Conforme Maria da Glória Gohn (2015), podem-se

[...] buscar as entidades ou siglas que convocaram o ato, pela internet e outros; podem-se captar os nomes das entidades pelos cartazes; ou podem-se resgatar as falas das lideranças que “puxam” a marcha. [Mas] Tudo isso fica difícil quando a manifestação foge do padrão usual das realizadas pelos movimentos sociais tradicionais, considerando-se que são contra palavras de ordem, líderes verticais, bandeiras partidárias e outras (GOHN, 2015, p. 39).

Tema de diversos trabalhos científicos e de muitas reportagens, a sequência de atos reivindicatórios que tomou as ruas do Brasil em 2013 constituiu-se pluralmente. Lutava-se contra o aumento da tarifa de ônibus, em desaprovação ao dinheiro gasto com as obras da Copa do Mundo de 2014, por mais saúde, maiores investimentos na educação, por uma reforma política e por outros múltiplos desejos. Empossando-se de uma liderança provisória, o Movimento Passe Livre (MPL)⁵¹ conduziu os primeiros protestos realizados em oposição ao reajuste de três reais para R\$ 3,20 nas passagens de ônibus de São Paulo. O aumento passou a vigorar no dia 2 de junho de 2013⁵². Assim que a revogação foi conquistada, no dia 19 de junho,

⁵¹ “Movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada” (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2015). Disponível em: <<http://www.mpl.org.br/>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

⁵² O reajuste havia sido anunciado no mês de janeiro de 2013 pelo prefeito Fernando Haddad, como divulgado pelo portal G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/01/sp-tera-aumento-de-tarifa-de-onibus-ate-o-mes-de-junho-diz-haddad.html>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

o MPL deixou o comando das mobilizações⁵³, mas elas continuaram ocorrendo. Antes, espalharam-se pelo Brasil em uma espécie de corrente solidária motivada pela repercussão da forte repressão policial na capital paulista, onde, no dia 6 de junho de 2013, manifestantes realizaram o que ficou conhecido como primeiro grande ato contra o aumento. Segundo Judensnaider et al. (2013), a passeata saiu do Teatro Municipal, às 18 horas, em direção ao Vale do Anhangabaú. Catracas alegóricas, construídas com madeira e pneus, foram queimadas. O Batalhão de Choque entrou em ação.

Na sexta-feira de 7 de junho, as manchetes do Estado de S. Paulo e da Folha de S. Paulo (Figura 2 e Figura 3, na sequência) resumiam o ponto de vista dos conglomerados de mídia sobre os atos realizados na noite anterior.

Figura 2 – Manchete Estado: 7 de junho de 2013



Fonte: Estado de S. Paulo

⁵³ Na época, o portal G1 noticiou o recuo do Movimento. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/mpl-diz-que-nao-convocara-novos-protestos-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

Figura 3 – Manchete Folha: 7 de junho de 2013



Fonte: Folha de S. Paulo

O Estado de S. Paulo anuncia: *Protesto contra tarifa acaba em depredação e caos em SP*. Já a Folha pontua que *Vandalismo marca ato por transporte mais barato em SP*. Por isso, para Judensnaider et al. (2013, p. 32-33), nesse dia, a “cobertura [...] inaugura uma abordagem característica de toda a cobertura dos meios de comunicação nos dias seguintes: a desqualificação das manifestações como atos de vandalismo”. Note-se que as manchetes priorizam a violência. Ainda no dia 7, o segundo grande ato grande foi realizado e partiu do Largo da Batata em direção à Marginal Pinheiros, em São Paulo⁵⁴.

Durante o final de semana as críticas ao vandalismo continuaram⁵⁵. Na segunda, dia 10, a imprensa divulgou a revogação temporária do aumento das passagens em Goiânia⁵⁶. O Jornal Nacional enfatizou o protesto realizado no Centro do Rio de Janeiro. Na terça-feira, 11 de junho de 2013, o terceiro grande ato chegou às ruas de São Paulo e reuniu aproximadamente cinco mil pessoas, segundo a Polícia. Registros apontam que “19 pessoas foram detidas [...], cerca de 100 pessoas foram feridas [...], 87 ônibus foram queimados ou apedrejados, vitrines quebradas, bancos depredados e estações de metrô danificadas” (GOHN, 2015, p. 26-27).

Conforme Judensnaider et al. (2013), o dia 12 de junho de 2013 ficou marcado pela disseminação dos relatos de violência policial nas redes sociais da Internet. Um dia depois, os

⁵⁴ “Considerada a segunda via da América do Sul em volume de tráfego de veículos” (JUDENSNAIDER et al., 2013, p. 37)

⁵⁵ O jornal O Estado de S. Paulo de 8 de junho de 2013 trazia na capa a chamada “Manifestantes causam medo, param marginal e picham ônibus” (JUDENSNAIDER, 2013, p. 41).

⁵⁶ A anulação foi celebrada pelo Movimento Passe Livre de São Paulo. Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/2013/06/11/vitoria-em-porto-alegre/>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

jornais impressos pediam mais firmeza na repressão⁵⁷. A ação dos policiais foi, então, intensificada durante o quarto grande ato e “provocou repulsa e revolta na população. A polícia tratou a todos como inimigos, houve centenas de feridos, muitas prisões e muita indignação. Entidades nacionais e estrangeiras se manifestaram” (GOHN, 2015, p. 27). A bala de borracha que atingiu o olho da repórter da Folha de S. Paulo⁵⁸, Giuliana Vallone, incorporou as justificativas para a mudança de abordagem da imprensa, mesmo porque o

[...] 4º ato demonstrou o despreparo das forças policiais para atuar em cenas de conflitos coletivos e difusos, assim como a incapacidade dos poderes constituídos de dialogar/negociar com lideranças dos manifestantes. A polícia argumentou que os manifestantes quebraram o acordo para não ir para a Avenida Paulista. Segundo publicação na mídia, a polícia descumpriu regras do CDC (Controle de Distúrbios Cívicos). Não havia mediadores, eram os manifestantes de um lado e a polícia de outro. Sem diálogo, a violência imperou, foi a única linguagem a se explicitar. Houve 192 prisões de manifestantes, inúmeros feridos (GOHN, 2015, p. 28).

Nesse contexto de violência e repressão, o quinto grande ato levou às ruas de São Paulo mais de cem mil participantes no dia 17 de junho (JUDENSNAIDER et al., 2013). Em Brasília, o teto do Congresso Nacional foi ocupado⁵⁹. Segundo Maria da Glória Gohn (2015), outras cem mil pessoas saíram às ruas no Rio de Janeiro. Porto Alegre e outras capitais brasileiras também sediaram mobilizações. Dois dias antes, na abertura da Copa das Confederações, no Estádio Mané Garrincha, em Brasília, a presidente Dilma Rousseff havia sido vaiada⁶⁰ pelos torcedores. Do lado de fora dos campos esportivos, outras formas de protesto foram registradas⁶¹. As manifestações passaram a ser “vistas como algo legítimo, próprio da democracia. Criticaram-se as rotulações apressadas, a simples condenação como ação de baderneiros. Com isso, a polícia abrandou sua ação de repressão e aumentou a vigilância” (GOHN, 2015, p. 29).

A revolta, obviamente, não começou em São Paulo, no dia 6, e também não acabou no dia 17 – período que define nossa análise. Na capital gaúcha, a luta contra o aumento da tarifa

⁵⁷ O editorial da Folha de S. Paulo de 13 de junho de 2013 solicitava à Polícia a retomada da Avenida Paulista. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2013/06/1294185-editorial-retomar-a-paulista.shtml>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

⁵⁸ A reportagem sobre o incidente pode ser vista em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295067-reporter-da-folha-ferida-no-olho-volta-a-enxergar.shtml>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

⁵⁹ Reportagem do Jornal Nacional sobre o ato disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/manifestantes-sobem-no-teto-do-congresso-nacional-em-brasilia.html>>. Acesso em: 3 jun. 2015.

⁶⁰ Consultar Folha de S. Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2013/06/1295825-presidente-dilma-rousseff-e-vaiada-na-abertura-da-copa-das-confederacoes.shtml>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

⁶¹ A mobilização realizada no entorno do Estádio Mané Garrincha, no dia 14 de junho de 2014, virou notícia no Correio Braziliense. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/06/14/interna_cidadesdf,371371/protesto-contra-copa-causa-caos-nos-arredores-de-estadio-em-brasilia.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2015.

do transporte público já havia ocorrido em março. A revogação foi concedida em abril⁶². Em 2003, Salvador já havia vivido uma série de manifestações que ficou conhecida como Revolta do Buzu. E, em 2004, a Revolta da Catraca, em Florianópolis, também forçou o poder público a revogar o aumento das passagens (MARICATO et al., 2013). Os protestos de junho de 2013, porém, “pareciam um enigma. [...] a perplexidade adveio da manifestação puramente política, ainda que detonada pelos aumentos de tarifas de transporte público. Elas baixaram em mais de cem cidades e, ainda assim, as manifestações prosseguiram” (SECCO, 2013, p. 71). Configurava-se, portanto, um cenário de causas múltiplas – diferente daquele previsto pelo comentarista da Rede Globo Arnaldo Jabor⁶³.

Uma pesquisa⁶⁴ realizada de 9 a 12 de julho de 2013 pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), que contou com 7.686 entrevistas realizadas em 434 municípios, confirmou essa pluralidade de motivos que conduziram os levantes de junho de 2013. Questionados sobre o que os faria participar das manifestações, os entrevistados deram respostas variadas (Figura 4). Note-se que o transporte público ocupa a oitava posição.

⁶² A ação foi movida pela bancada do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) na Câmara de Vereadores, segundo o Portal G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/04/liminar-suspende-aumento-da-passagem-de-onibus-em-porto-alegre.html>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

⁶³ Em comentário no Jornal Nacional de 13 de junho de 2013, Jabor afirmou que a causa dos protestos era a falta de causas. Para ele, “os revoltosos de classe média” não valiam 20 centavos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RsYB2XpC7l0>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

⁶⁴ Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Documents/CNI_IBOPE_edicao%20especial_jul2013_web.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2015.

Figura 4 – Pesquisa CNI-IBOPE: Motivações dos protestos

Motivo	Percentual de entrevistados (%)
Maiores investimentos em saúde	43
Contra a corrupção	35
Falta de segurança pública (roubos, assaltos, mortes, etc.)	20
Contra a inflação	16
Melhorias nos serviços públicos	14
Maiores investimentos em educação	14
Contra os políticos em geral	14
Pela melhoria da qualidade do transporte público	11
Para gratuidade do transporte público	6
Contra a violência policial contra as manifestações	6
Contra a Fifa/ Copa no Brasil	6
Reforma política	5
Contra os governos em geral	5
Contra o Governo Federal/Presidente da República	4
Contra as empresas de ônibus	4
Contra os partidos políticos	3
Contra a Prefeitura/Prefeito da Cidade	3
Contra o Governo Estadual/Governador	2
Redução da jornada de trabalho	2
Baixar os impostos	1
Aumento do salário mínimo	1
Geração de empregos	1
Outros com menos de 1%	2
Nada faria participar	2
Não sabe/Não respondeu	19

Nota: Os entrevistados informaram, espontaneamente, até três motivos.

Fonte: Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (2013)

Ainda segundo o levantamento, à época, 89% dos entrevistados mostraram-se favoráveis às manifestações e 34% deles pretendiam participar de novos protestos. Duas semanas depois de iniciadas as passeatas na Avenida Paulista, “75% dos cidadãos apoiavam o movimento” (CASTELLS, 2013, p. 180). Segundo Manuel Castells (2013), as pessoas reunidas em mais de 350 cidades brasileiras não reivindicaram somente o preço do transporte público – embora, em sua opinião, esse tenha sido o estopim da revolta. De acordo com os resultados da investigação *Sonho Brasileiro da Política*, a onda de protestos brasileiros de 2013 também se caracterizou “pela horizontalidade, ausência de liderança e não institucionalização” (BOX1824, 2014, p. 43). A violência policial, conforme a análise, impeliu as manifestações. Ao mesmo tempo, aqueles que ultrapassaram as redes sociais puderam se reconhecer nas ruas, proliferando

a abundância de desejos. Dos entrevistados, 48% afirmaram que não se sentiam representados pelos políticos e 40% acreditavam que as manifestações pressionaram os governantes (BOX1824, 2014, p. 54-57). Na avaliação de Castells (2013, p. 178), com seus atos, os manifestantes

[...] também disseram: “Não são os centavos, são nossos direitos.” Porque, como todos os outros movimentos do mundo, ao lado de reivindicações concretas, que logo se ampliaram para educação, saúde, condições de vida, o fundamental foi – e é – a defesa da dignidade de cada um (CASTELLS, 2013, p. 178).

A exigência, então, é sempre no sentido de reivindicar o direito básico de ser respeitado como ser humano e como cidadão. Questão subjetiva que não pode ser atendida com uma ou outra medida paliativa, com foco único, adotada instantaneamente pelos governos e propagada do mesmo modo pela mídia que seleciona e hierarquiza o que lhe convém, como mostramos no capítulo seguinte.

5 APONTAMENTOS SOBRE O JORNALISMO E A TELEVISÃO

Como mencionamos, antes de analisarmos as 38 matérias sobre as manifestações brasileiras de junho de 2013 exibidas pelo Jornal Nacional de 6 a 17 de junho daquele ano, problematizamos as estratégias midiáticas de seleção dos acontecimentos e personagens – elementos constituintes da reportagem jornalística e que orientam a problematização do trabalho. A discussão engloba os papéis atribuídos ao Jornalismo e, mais especificamente, à televisão. Suas características também são delineadas com apontamentos de Charaudeau (2013), Alsina (2009), Traquina (2004), Kovach e Rosenstiel (2003), entre outros.

5.1 DOS COMPROMISSOS

Os meios de comunicação, segundo Pascual Serrano (2013, p. 78-79) “nasceram para garantir o acesso dos cidadãos às informações sobre acontecimentos, às propostas dos políticos, às ações de nossos governantes, às opiniões da oposição e dos movimentos sociais”. Já aqui percebemos a variedade de pautas e vozes que devem ser incluídas na apresentação dos fenômenos sociais – definidos por Patrick Charaudeau (2013, p. 221) como “uma série de fatos que se produzem no espaço público [...], cuja combinação e/ou encadeamento representa, de uma maneira ou de outra, uma desordem social ou um enigma [...] no qual o homem está implicado”. Para o francês, o relato desses fatos consiste em construí-los midiaticamente, por meio de descrição e de explicação. No que tange à notícia, segundo Charaudeau (2013, p. 154), explicar um fato é

[...] tentar dizer o que o motivou, quais foram as intenções de seus atores, as circunstâncias que o tornaram possível, segundo qual lógica de encadeamento, enfim, que consequências podem ocorrer. Isso na conceitualização intencional construída em torno de diferentes questões: a da origem (“por que as coisas são assim?”), a da finalidade (“para onde vão as coisas?”) e a do lugar do homem no universo (“por que eu sou assim no meio dessas coisas?”). São as respostas, ou tentativas de respostas, a essas questões que tornam o mundo inteligível [...]. É por isso que dentre os procedimentos necessários ao relato são esperadas explicações sobre o “por que é assim?” (remetendo à causa e à finalidade dos fatos) e sobre o “como é possível?” (remetendo à probabilidade e à consequência, real ou imaginada, dos fatos).

A necessidade de revelar a causalidade dos acontecimentos também é destacada por Carvalho et al. (2015) no livro *Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar*. De acordo com os autores, além do motivo (por quê), o jornalista deve oferecer ao público respostas a outras cinco perguntas (do *lead*: que, quem, quando, como e onde). “Não importa o

assunto, essas questões precisam ficar evidentes. Caso contrário, ou não fizemos Jornalismo ou o fizemos malfeito” (CARVALHO et al., 2015, p. 15).

Essas respostas são dadas considerando-se, conforme Miquel Alsina (2009), que os jornalistas *interpretam* os fenômenos da sociedade e, portanto, não são meros transmissores da realidade social como se autodefinem. Segundo o autor, os meios de comunicação *constroem* a realidade e “conhecem tudo porque são eles mesmos os que estabelecem ‘tudo’ o que ocorre” (ALSINA, 2009, p. 290). Para Nelson Traquina (2004), no entanto, é incabível o fato de ficcionalizar acontecimentos e personagens – mesmo porque a narrativa jornalística deve obedecer a um compromisso fundamental – a verdade – exposto no Art. 4º do Capítulo II do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros e adaptado, abaixo, em trecho extraído dos *Princípios editoriais das Organizações Globo*⁶⁵ (2011).

Antes, costumava-se dizer que o jornalismo era a busca pela verdade dos fatos. Com a popularização confusa de uma discussão que remonta ao surgimento da filosofia (existe uma verdade e, se existe, é possível alcançá-la?), essa definição clássica passou a ser vítima de toda sorte de malentendidos. A simplificação chegou a tal ponto que, hoje, não é raro ouvir que, não existindo nem verdade nem objetividade, o jornalismo como busca da verdade não passa de uma utopia. É um entendimento equivocado. Não se trata aqui de enveredar por uma discussão sem fim, mas a tradição filosófica mais densa dirá que a verdade pode ser inesgotável, inalcançável em sua plenitude, mas existe; e que, se a objetividade total certamente não é possível, há técnicas que permitem ao homem, na busca pelo conhecimento, minimizar a graus aceitáveis o subjetivismo (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011, p. 3).

O debate sobre a imparcialidade da abordagem também é promovido por Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003) no livro *Os elementos do jornalismo*. Na obra, os dois reposicionam a discussão que envolve a objetividade, colocando-a sob o guarda-chuva da verificação que, segundo eles, “é o que separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 113). Conforme Kovach e Rosenstiel (2003), a objetividade permite o registro correto do que ocorre, embora se deva levar em conta que o jornalista não é objetivo. Desse modo, a checagem dos dados de uma reportagem, por meio de técnicas pessoais inerentes a cada profissional, é que deve garantir o que os autores denominam *confiabilidade da interpretação jornalística*. Esses procedimentos pessoais, advertem, devem “ajudar-nos a chegar mais perto de uma verificação autêntica e uma versão confiável dos fatos”

⁶⁵ Divulgado pelas Organizações Globo, em 6 de agosto de 2011, o documento “tem como objetivo deixar claro para seus profissionais, leitores, ouvintes e telespectadores os princípios e valores que regem o jornalismo de suas empresas de comunicação” (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011). Disponível em: <<http://estatico.redeglobo.globo.com/2014/PRINCIPIOS-EDITORIAIS-DO-GRUPO-GLOBO.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2015.

(KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 121), sem invenções e enganações, com transparência e também com humildade.

Além disso, os jornalistas devem saber e o público deve exigir que a primeira obrigação do Jornalismo seja com a verdade e que sua lealdade seja com os cidadãos. Seus praticantes devem manter independência de quem estão cobrindo e ter liberdade para exercer sua consciência pessoal. O Jornalismo deve funcionar como um monitor independente do poder e apresentar um fórum para a crítica pública e o compromisso. Também deve lutar para transformar o fato significativo em interessante e relevante e manter as notícias compreensíveis e equilibradas (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003).

Nos já citados *Princípios editoriais das Organizações Globo*, por exemplo, a tríade composta por isenção, correção e agilidade é apresentada como fórmula para a obtenção de qualidade no trabalho jornalístico. Apesar disso, considera-se que, assim “como a verdade é inexaurível, é impossível que alguém possa se despir totalmente do seu subjetivismo” (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011, p. 5).

Diante desse contexto, a partir de agora, abordamos com mais ênfase os critérios de seleção adotados pelos meios de comunicação, considerados por Serrano (2013, p. 79) “interceptadores da informação”. As regras, invisíveis ao espectador leigo, orientam a escolha daquilo que será apresentado, bem como dos sujeitos que serão ouvidos. Seus usos e aplicações talvez possam justificar por que a “mídia conquistou, de fato, a capacidade política e tecnológica de ocultar até genocídios de grandes proporções” (ARBEX JÚNIOR, 2002, p. 121).

5.2 DOS DESÍGNIOS E SEUS SIGNIFICADOS

Em *A construção da notícia*, Miquel Alsina (2009) recorre a Ismael Herraiz (1966) para explicar as escolhas midiáticas exatamente a partir das subjetividades daqueles que as fazem. Para Herraiz (1966), a “notícia é o que os jornalistas acham que interessa aos leitores, portanto, a notícia é o que interessa aos jornalistas” (HERRAIZ, 1966, p. 19 apud ALSINA, 2009, p. 295). Bourdieu (1997) segue essa mesma linha ao propor que os jornalistas usam óculos especiais “a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p. 25). Depois de eleitas, assim, as informações ainda são hierarquizadas e ordenadas para, então, serem expostas. Para Patrick Charaudeau (2013), porém, as prioridades não dependem do sujeito, mas do próprio acontecimento, que, segundo ele, “é selecionado em

função de seu potencial de saliência, que reside ora no notável, no inesperado, ora na *desordem*” (CHARAUDEAU, 2013, p. 141, grifo nosso).

Arbex Júnior (2002) parece concordar com as duas possibilidades. Por um lado, destaca a força dos fatos, pontuando os limites de sua construção pela mídia e assinalando que, mesmo contra a vontade de determinados veículos, alguns assuntos acabam se impondo como notícia. Sob outra perspectiva, entretanto, enfatiza que o “narrador (historiador, jornalista, cientista político) escolhe e singulariza determinado fato, motivado por aquilo que pretende, estrategicamente, demonstrar” (ARBEX JÚNIOR, 2002, p. 108). Para Carvalho et al. (2015), isso equivale a dizer que as notícias são recortes da realidade que carregam as peculiaridades do jornalista, de sua empresa e também da sociedade. Alsina (2009, p. 295) pondera essas influências, ressaltando que

[...] o jornalista selecionará alguns dos acontecimentos aos quais ele tem acesso, para criar a notícia. Nessa seleção intervêm muitos critérios cuja importância pode ir variando segundo as circunstâncias do dia-a-dia. Mas, de qualquer jeito, o jornalista vai se perguntar se um fato merece ser notícia. Em alguns casos, a magnitude do acontecimento faz com que a pergunta, se é que chega a ser cogitada, seja absolutamente desnecessária; mas em outros casos, o jornalista vai se questionar quais elementos do acontecimento podem se tornar notícia. Para isso, ele levará em conta, basicamente, se isso interessa aos leitores, se interessa aos seus chefes, e se for possível, de acordo com o material que possui, se essa notícia pode ser feita.

No que se refere à seleção das informações, portanto, junto à viabilidade de produção estão os interesses da audiência e do próprio veículo jornalístico. As Organizações Globo (2011), às quais o Jornal Nacional – nosso objeto de análise – pertence, porém, listam outra regra para justificar suas prioridades. Conforme consta no documento que registra suas orientações editoriais, em seus veículos “só se divulga informação relevante” (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011, p. 20). Para Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003), salientamos, a relevância está relacionada à forma como os jornalistas apresentam o que é significativo e não com valor-notícia⁶⁶, pois as notícias mais envolventes nem sempre são as mais importantes. É ponderando questões além do binarismo *o que as pessoas querem saber* versus *o que as pessoas devem saber* que os autores admitem uma finalidade para o Jornalismo: “fornecer às pessoas informação que precisam para entender o mundo” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 226). De acordo com eles, o princípio fundamental do Jornalismo está ancorado em algo que vai além das técnicas de persuasão e engajamento – comumente

⁶⁶ Valor subjetivo que determina a importância que um fato ou acontecimento tem para ser noticiado (LAGE, 1993).

utilizadas nas rotinas produtivas da mídia. Seus pilares precisam ser construídos a partir da função exercida pelas notícias na vida das pessoas (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003).

De modo diferente, a Globo define o Jornalismo como “uma atividade cujo propósito central é produzir um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas” (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011, p. 5). Na televisão, especificamente, essa superficialidade é aceita a partir da justificativa de escassez do tempo – elemento que também influencia a seleção do conteúdo. Como expusemos na página 25, ele é um dos critérios para a exibição das matérias do Jornal Nacional. Por isso, segundo William Bonner (2009), em um dia repleto de temas considerados relevantes, por exemplo, o rigor no processo de triagem precisa ser maior. Como a duração do telejornal é fixa – cerca de 45 minutos, incluindo os intervalos comerciais –, o aprofundamento deixa de ser compromisso. O propósito, conforme o editor do JN, é permitir que a audiência tome conhecimento daquilo que fora avaliado como importante pela emissora – mesmo que o debate seja reduzido. “Nós acreditamos, no Jornal Nacional, que 30 segundos de informação podem levar uma parte dos nossos espectadores a buscar informações adicionais num jornal impresso no dia seguinte. Ou a pesquisar o assunto na internet” (BONNER, 2009, p. 110). Paternostro (1999) corrobora com essa perspectiva. Para ela, a desvantagem (superficialidade) aliada a uma vantagem (imagem), “gera um momento peculiar dentro do processo global de informação. A TV estimula e provoca o interesse e a necessidade de se ampliar o conhecimento dos fatos” (PATERNOSTRO, 1999, p. 64). No entanto, já mencionamos, grande parte da sociedade tem a televisão como canal exclusivo de notícias e, como lembra Alsina (2009, p. 270), não se pode “fazer muita coisa com só três colunas no jornal ou com trinta segundos na televisão”. Logicamente, os filtros tornam-se necessários porque os acontecimentos que ocorrem no mundo são bastante quantitativos e serão sempre mais numerosos do que aqueles apresentados pela mídia (CHARAUDEAU, 2013).

Os crivos, portanto, permitem a visibilidade de algumas realidades, mas não de todas. A partir dessa lógica, afirma Charaudeau (2013), o telenoticiário implica uma divisão temática que pretende, sem sucesso, dar conta da fragmentação cotidiana. Machado (2005), sob outra perspectiva, sustenta que essa colagem de depoimentos que constituem o telejornal não chega a formar um discurso organizado e unitário. Para ele, as notícias televisivas integram um procedimento em andamento. Então, por mais “que se queira ou se possa manipular as informações, elas chegam ao telespectador ainda não inteiramente processadas, portanto brutas, contraditórias, sem ordenação, sem acabamento final” (MACHADO, 2005, p. 110). Esse imediatismo, explica Paternostro (1999), é característica própria da TV, que tantas vezes transmite a informação no momento em que o fato ocorre, ao vivo. Para Ramonet (2013, p. 57)

“a primeira consequência dessa instantaneidade é o fato de as informações se sucederem a toda velocidade e de algumas serem esquecidas”, especialmente por falta de avaliação – e por falta de tempo para essa avaliação.

Se esse tempo desapareceu, não há análise. Então, a informação é arrastada por uma aceleração geral que faz com que a velocidade intrínseca de cada meio de comunicação não seja igual, todos se organizam em função da velocidade dominante – que é a do imediatismo, a da internet, mas também pode ser a do rádio ou a do canal de televisão (RAMONET, 2013, p. 56).

Em síntese, os conflitos que envolvem o tempo na televisão estão dispostos em pelo menos duas instâncias: produção e exibição. O jornalista precisa de tempo para entender o assunto de que trata antes de tentar explicá-lo ao público. Destaque-se que o “bom texto jornalístico é sempre resultado de uma reportagem sólida, profunda, unindo numa única peça detalhe e contexto” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 227). Reservado esse momento para a investigação e para a escrita, outro problema recorrente é o espaço destinado para a notícia. “Convencidas de que a duração do estado de atenção diminui cada vez mais entre leitores ou espectadores, as empresas jornalísticas exigem matérias cada vez mais curtas” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 228). Nesse processo, a agilidade passa a compensar as imperfeições porque a notícia tem pressa (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011). Discordante dessa permissividade, porém, Ramonet (2013) substitui a nomenclatura *jornalista* por *imedialista*, justificando que o primeiro é “o analista de uma jornada, de um período, como a própria palavra diz” (RAMONET, 2013, p. 56). Mas, se o tempo e a análise desapareceram, “não há mais jornalismo” (RAMONET, 2013, p. 56). É nesse cenário de pressa, reiteramos, que nossa reflexão sobre a seleção operada pela mídia se estabelece. Já tratamos dos acontecimentos e agora problematizamos a escolha de personagens.

5.3 DOS SUJEITOS

De acordo com Kovach e Rosenstiel (2003, p. 108), os “jornalistas gostam de pensar que são os representantes do público, cobrindo a sociedade em todos seus níveis, no interesse geral. Acontece que mais e mais o público não acredita nos jornalistas”. Uma das estratégias para amenizar esse descrédito é dar voz aos detentores da informação. Organizações, grupos sociais e personagens que testemunham ou participam de eventos e fatos de importância para a mídia compõem o grupo das *fontes*. Assim como os fatos, elas são escolhidas. Esta seleção,

afirma Charaudeau (2013, p. 168), “se faz em função da identidade do declarante e do valor de seu dito”. Esse valor, explica o francês, pode ser organizado a partir do efeito que causa:

- *efeito de decisão*, quando a declaração emana de um locutor que tem o poder de decidir. Trata-se do que em pragmática é chamado de palavra performativa: a declaração é, ao mesmo tempo a realização de uma ação. Aqui, evidentemente, trata-se de uma decisão relatada [...].
- *efeito de saber*, quando a declaração emana de um locutor que tem uma posição de autoridade pelo saber. É o caso da palavra de análise produzida por locutores especialistas de um domínio particular. A declaração relatada vem em apoio a uma explicação sobre o porquê e o como de um acontecimento [...].
- *efeito de opinião*, quando a declaração emana de um locutor que expressa um julgamento ou uma apreciação dos fatos. Partindo de uma personalidade conhecida ou de um anônimo, em ambos os casos trata-se de uma avaliação [...]. Nesse caso, a instância midiática parece assumir um papel de desvendamento das opiniões, principalmente se as declarações soarem como confissões ou denúncias.
- *efeito de testemunho*, quando a declaração emana de um locutor que se contenta em descrever o que viu ou ouviu a respeito de um certo fato. Quase sempre se trata de um *homo quotidianus*, mas qualquer que seja a identidade do locutor, trata-se de uma palavra testemunhal. A instância midiática parece ganhar em credibilidade: a declaração relatada se reveste de um caráter de veracidade por ter como única finalidade descrever a realidade tal como foi vista e ouvida [...] (CHARAUDEAU, 2013, p. 169-170).

Essa variedade de efeitos, contudo, perde sentido quando o que se vê é a reprodução de poucas vozes. Na televisão, por exemplo, é comum que algumas fontes sejam ouvidas com mais frequência que outras. Alsina (2009) reitera essa constatação afirmando que os jornalistas buscam informantes de fácil acesso. Por isso as repetições. Mas, vale lembrar, o espaço público é composto por uma pluralidade de atores sociais e uma história pode ter mais de dois lados (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003). Exatamente por isso, Alsina (2009) também alerta para o fato de que se deve dar atenção, sim, às opiniões, mas, antes, deve-se perceber quem são os nomeados para interpretar os acontecimentos. Se, por um lado, “[...] o jornalismo recorre ao conhecimento das fontes para aprofundar a apuração e humanizar a notícia” (SCHMITZ, 2011, p. 15), por outro, há “jornalistas que selecionam as fontes para expressar o que na verdade é seu próprio ponto de vista, e depois usam a voz neutra para que tudo pareça bem objetivo” (KOVACH; ROSENSTIEL, p. 2003, p. 117). Por isso, as declarações das personagens consultadas pelo JN também são consideradas na análise das matérias.

Tal qual a triagem dos fatos, o desígnio das fontes define o enfoque dado pelo veículo de comunicação aos acontecimentos. A partir dessas escolhas podem ser observadas que instâncias do espaço público são atendidas pela mídia e o quanto interessam a ela. Ainda sobre as fontes, no livro *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*, Nilson Lage (2001) classifica os entrevistados a partir de sua natureza. Segundo o autor, eles podem

ser mais ou menos confiáveis (na interpretação da mídia e do público, independentemente) e estão divididos em três grupos: fontes oficiais, oficiosas e independentes.

Fontes oficiais são mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; e por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc. Fontes oficiosas são aquelas que, reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela ou dele, o que significa que o que disserem poderá ser desmentido. Fontes independentes são aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso (LAGE, 2001, p. 63).

A definição de quem será consultado, explica Charaudeau (2013), também depende “da maneira pela qual as mídias constroem representações sobre o que pode interessar ou emocionar o público” (CHARAUDEAU, 2013, p. 138). É preciso perceber quem é capaz de fazer isso. A emoção, vale dizer, é descrita por Bourdieu (1997) como princípio seletivo da TV. De acordo com ele, o sensacional e o espetacular têm preferência, seja com exibição de imagens dramáticas, seja com palavras extraordinárias – proferidas pelos jornalistas e seus entrevistados.

5.4 DA PLURALIDADE

A fonte, propõe Schmitz (2011), refere-se àquilo que origina ou produz e, nesse sentido, é “empregada na anatomia (têmpora), eletricidade (fonte de energia), física e química (fonte térmica, de tensão e de corrente elétrica), tipografia (caracteres), astronomia (fonte de rádio), informática, fotometria, ótica (fonte luminosa)” (SCHMITZ, 2011, p. 8). No Jornalismo, a fonte é de notícia e, como vimos, pode testemunhar os acontecimentos, opinar sobre eles e/ou usar seus saberes para tentar explicá-los ao jornalista que, então, procede a uma espécie de tradução desse discurso para o público. Essa interpretação da realidade – ou de fragmentos dela – tende a ser hegemônica, no intuito de torná-la compreensível (ALSINA, 2009). Por isso, a

[...] escolha das fontes que serão entrevistadas merece atenção redobrada. Primeiro, porque é desejável termos entrevistas que tragam uma abordagem nova, um jeito de ver diferente. Segundo, porque quanto maior a pluralidade de opiniões, melhor será a leitura que o próprio telespectador fará sobre o assunto retratado (CARVALHO et al., 2015, p. 39-40).

Mais do que listar ou sobrepor acontecimentos e personagens, o jornalista deve contribuir para a construção da democracia – o pluralismo é fator decisivo nesta ação. Para tanto, é preciso oferecer ao público perspectivas diferentes, vozes antagônicas, que fujam da opressão da maioria sobre a minoria (RAMONET, 2013). “O bom telejornal é aquele que

responde, sim, às expectativas do telespectador, mas que também possibilita que ele levante novos questionamentos, perceba que há outras formas de ver a notícia em questão” (CARVALHO et al., 2015, p. 18-19). Como sugere Arbex Júnior (2002), só a narração dos fatos por diferentes atores pode possibilitar que a multiplicidade do espaço público seja respeitada e vença o discurso genérico da mídia.

Apenas e somente no processo de interlocução com o outro, no exercício cada vez mais difícil de saber identificar e escutar outras vozes, o crítico pode resgatar a memória dos fatos para além de sua representação estereotipada e manipulada, encontrando as perguntas certas para orientar o seu trabalho de investigação e compreensão dos fatos (ARBEX JÚNIOR, 2002, p. 270).

Em seus princípios editoriais, as Organizações Globo (2011) usam a isenção – definida como atributo da informação de qualidade – como sinônimo à pluralidade. Para a Globo, os diversos ângulos que cercam os acontecimentos retratados ou analisados por seus veículos devem ser abordados. “O contraditório deve ser sempre acolhido, o que implica dizer que todos os diretamente envolvidos no assunto têm direito à sua versão sobre os fatos, à expressão de seus pontos de vista ou a dar as explicações que considerarem convenientes” (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011, p. 6). É o que também sugerem Kovach e Rosenstiel (2003), quando propõem que todos os que aparecem na matéria precisam ser identificados e ter a oportunidade de emitir suas percepções, e Arbex Júnior (2002), quando sustenta que a “memória dos fatos narrada por outras vozes é a possibilidade de escapar ao ‘discurso único’, à versão pasteurizada e propagada pelas elites” (ARBEX JÚNIOR, 2002, p. 271).

Muitos estereótipos, inclusive, são construídos a partir da hegemonia televisiva. É por isso que Bourdieu (1997) considera a TV um instrumento democrático, mas alerta para a possibilidade de transformá-la em uma máquina de opressão simbólica. Observar o que vira ou não notícia e quem ganha ou não espaço é o primeiro passo para começar a entender as censuras invisíveis pois, “se minutos tão preciosos são empregados para dizer coisas tão fúteis, é que essas coisas tão fúteis são de fato muito importantes na medida em que ocultam coisas preciosas” (BOURDIEU, 1997, p. 23), por exemplo.

Esboçados os critérios de seleção dos assuntos e dos sujeitos pela mídia, procedemos à apreciação das 38 matérias exibidas pelo JN de 6 a 17 de junho de 2013 que trataram dos protestos realizado no País à época. É a partir de agora, efetivamente, que avaliamos como a multidão descrita por Hardt e Negri (2012) foi apresentada pelo referido telejornal.

6 DA ANÁLISE

Antes de analisarmos as matérias do Jornal Nacional (JN) que compõem o *corpus* da pesquisa⁶⁷, voltamos ao conceito que guia nosso debate. Recorremos a Hardt e Negri (2012) para reforçar a abrangência da multidão, pois, segundo os autores, ela não pode ser ordenada. A ação multitudinária depende do porvir e das condições e possibilidades específicas do tempo e do espaço. “Em outras palavras, não seria o caso de perguntar ‘Que é a multidão?’, mas ‘Que pode vir a ser a multidão?’” (HARDT; NEGRI, 2012, p. 146). Defini-la ou submetê-la à lógica moderna, marcada por padrões invariáveis, então, seria incorrer em erro. Desse modo, nossas inferências remetem exatamente à pluralidade: sua característica fundamental. Consideramos também que os sujeitos que constituem esses aglomerados estão dispostos livre e igualitariamente – já que nenhum é mais importante que o outro (HARDT; NEGRI, 2012). Como os nós que formam as redes descritas por Castells (2003), todos são essenciais. Essa recusa pela hierarquização atravessa, ainda, as causas que os mobilizam. Ninguém precisa abrir mão de suas diferenças e, por isso, nenhuma luta é desconsiderada ou subjugada. A multidão é irreduzível e o que assusta “é seu número indefinido, ao mesmo tempo muitos e um. [...] A multidão [...] é legião; ela é composta de inúmeros elementos que se mantêm diferentes [...] e ainda assim se comunicam, colaboram e agem em comum. Que poderia ser mais demoníaco?!” (HARDT; NEGRI, 2012, p. 188-189).

Ao transpormos essa perspectiva para os protestos realizados em junho de 2013 no Brasil, amparamo-nos nas ideias de Reis (2013), de Castells (2013) e de Gohn (2015). De acordo com eles, além da diversidade de sujeitos envolvidos, as discussões ultrapassaram o monólogo do transporte público. Daí a pluralidade. A pesquisa colhida pela CNI em parceria com o Ibope, que apresentamos na página 60, por exemplo, corrobora com o que temos discutido. Para ilustrar, mais uma vez, o que viemos afirmando, revisitamos o levantamento *Sonho Brasileiro da Política*, direcionado a jovens de 18 a 32 anos. O estudo aponta que 77% dos entrevistados afirmaram ter participado dos protestos porque estavam insatisfeitos com a política atual, 70% porque acreditavam que esta era uma ferramenta importante para a transformação política do País, 63% queriam exercer o direito de manifestar, 42% foram às ruas porque algumas das bandeiras em que acreditavam estavam sendo representadas, 37% pretendiam levar as causas que defendiam para o espaço público e 35% fizeram parte das

⁶⁷ Como especificamos no primeiro capítulo, o material abrange 38 matérias exibidas pelo JN de 6 a 17 de junho de 2013 (período que compreende os denominados primeiro e quinto grandes atos de manifestação). As transcrições de todas elas podem ser conferidas nos apêndices, a partir da página 149.

manifestações porque não concordavam com a atuação da Polícia nos primeiros atos. Importante destacar também que cidades

[...] de todos os perfis se viram envolvidas em mobilizações com as mais diversas pautas, ou seja, todas as regiões do Brasil foram alcançadas por algum tipo de manifestação [...]. Enquanto nas mobilizações anteriores as pessoas mobilizadas pertenciam a determinados grupos unidos por laços de interesse comum, como, por exemplo, por razões sindicais, agora, a nação brasileira se movimentava em suas mais diversas formas de expressão social (REIS, 2013, p. 38-39).

Diferentes causas e diferentes sujeitos, portanto, compuseram os levantes brasileiros de 2013. Com base nisso, retomamos nosso problema de pesquisa: como a multidão que executou os protestos de junho de 2013 foi apresentada pelo Jornal Nacional?

6.1 DAS CATEGORIAS

Como adiantamos no subcapítulo 2.6, depois da extração do *corpus* – em ordem cronológica –, realizamos a transcrição das falas constantes nas matérias. Já aqui foi possível visualizar as recorrências referentes a causas e a personagens. Assim, depois da discussão teórica sobre o Jornalismo, concentramos o debate em *quem* e *por que* protestou. Isso porque 1) personagens são as fontes dos jornalistas – é delas que a informação deve ser extraída (SCHMITZ, 2011); e 2) a explicação dos fenômenos é o fundamento do relato midiático (CHARAUDEAU, 2013). De volta às fichas de transcrição, os sujeitos localizados nos textos foram organizados em tabelas referentes a cada uma das 38 matérias que analisamos. Essas planilhas apresentam os atores citados e/ou ouvidos pelo Jornal Nacional por ordem de aparecimento. Quatro grandes grupos foram detectados durante o manuseio do material:

- 1) **Manifestantes (M)**: indivíduos, grupos e organizações protagonistas dos levantes (identificados em vermelho nos apêndices);
- 2) **Autoridades (A)**: políticos, policiais, religiosos e suas instituições (verde);
- 3) **Independentes (I)**: pessoas e instituições que não participaram dos protestos, mas que, de alguma forma, acabaram enredadas (amarelo) e
- 4) **Especialistas (E)**: pessoas e instituições capazes de fornecer dados sobre temas específicos e/ou elucidar dúvidas relativas a eles (azul).

Embora não façamos propriamente uma análise do(s) discurso(s), as falas são classificadas a partir do que sugere Charaudeau (2013) – com seus efeitos, como tratamos na página 68: *efeito de testemunho* (T), *efeito de opinião* (O), *efeito de decisão* (D) e *efeito de*

saber (S). Elas determinam as subdivisões das categorias e também auxiliam na avaliação dos espaços concedidos aos grupos. As motivações dos protestos também são analisadas e podem ser localizadas no item 6.4, mais adiante. Agora, então, procedemos à análise descritiva das tabelas elaboradas.

6.2 ANÁLISE DESCRITIVA DOS SUJEITOS

6.2.1 Matéria 1 – Manifestantes entram em confronto com a Polícia de SP contra aumento da passagem de ônibus⁶⁸

A matéria 1, de 6 de junho de 2013, é uma entrada ao vivo do repórter César Galvão, diretamente do Globocop, e tem duração de dois minutos e 54 segundos. Nela, os manifestantes são citados 12 vezes e a Polícia outras 11. Como mostra a Tabela 1, não há entrevistados.

Tabela 1 – Matéria 1

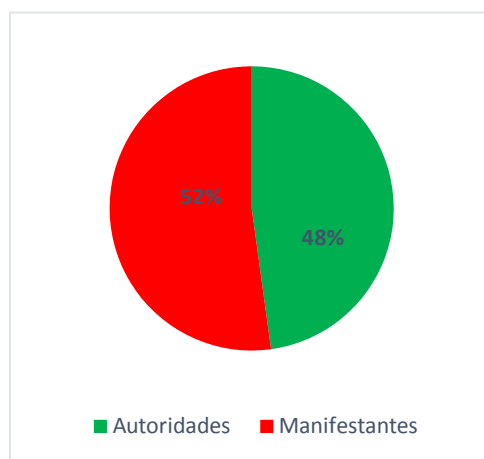
Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Manifestantes	-	-	M
Polícia	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Eles (os manifestantes)	-	-	M
Polícia	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Pelotão do Batalhão de Choque	-	-	A
Policiais	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Eles (os policiais)	-	-	A
Eles (os policiais)	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Policiais	-	-	A
Policiais	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Pelotão	-	-	A
Eles (os policiais)	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Tropa de Choque	-	-	A

Fonte: elaborada pela autora

⁶⁸ Os títulos usados aqui são os mesmos publicados pelo Jornal Nacional em seu *site*. Eles não integram a análise.

A representação percentual do número de vezes em que manifestantes e autoridades foram citados pode ser conferida no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Matéria 1



Fonte: elaborado pela autora

6.2.2 Matéria 2 – Protesto contra aumento de passagens causa nova confusão em São Paulo

A matéria 2, única que aborda as manifestações no dia 7 de junho de 2013, tem três minutos e 33 segundos. É uma entrada ao vivo de César Galvão – novamente do helicóptero da emissora –, seguida por uma matéria do mesmo repórter. A balconista de uma banca de jornais e um garçom são as fontes consultadas.

Karina Augusto – Balconista: “De repente tinha um barulho de bater aqui na lateral, que vocês viram que tá quebrada. Parece que foi um chute, uma bica na porta. Nunca tinha acontecido uma situação dessa comigo. Foi bem apavorante” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Marcos Dantas da Silva – Garçom: “Eles chegaram já tirando essas garrafas das mesas dos clientes. Nós tomamos um prejuízo de uma média de um mil e quinhentos reais a dois mil reais” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

As falas de ambos têm *efeito de testemunho* (CHARAUDEAU, 2013), como discutido no subitem 5.3 da dissertação. Isso porque os dois entrevistados fazem uma descrição daquilo que presenciaram. A Tabela 2, a seguir, apresenta em detalhes os sujeitos citados e ouvidos.

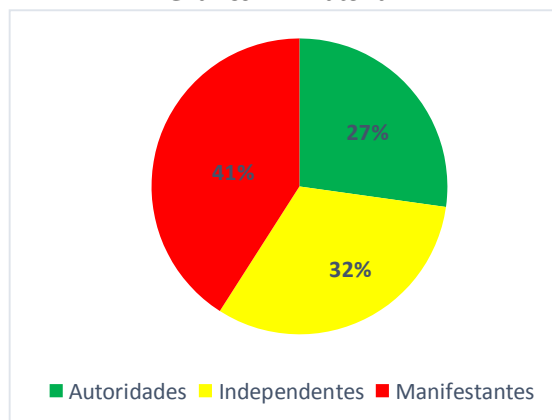
Tabela 2 – Matéria 2

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Polícia Militar	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Polícia	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Moradores	-	-	I
Balconista	Balconista	T	I
Manifestantes	-	-	M
Policiais	-	-	A
Polícia	-	-	A
Policiais	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Quem trabalha na região	Garçom	T	I
Eles (os manifestantes)	-	-	M
Clientes	-	-	I
Motoristas	-	-	I
Pessoas (autuadas em flagrante)	-	-	M
Companhia (do metrô)	-	-	I
Pessoas (que usam o metrô)	-	-	I
Polícia	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Eles (os manifestantes)	-	-	M

Fonte: elaborada pela autora

Há nove alusões aos manifestantes e seis a autoridades. Moradores da Cidade, motoristas que passavam pelo local da manifestação, a Companhia do metrô que teve lâmpadas e vidros quebrados, seus usuários, além da balconista e do garçom entrevistados, compõem o grupo daqueles que não têm ligação direta com o protesto. O Gráfico 2 mostra os percentuais dessa divisão.

Gráfico 2 – Matéria 2



Fonte: elaborado pela autora

6.2.3 Manifestantes protestam contra aumento na passagem de ônibus no Rio de Janeiro

Na matéria 3, o repórter André Trigueiro – a bordo do helicóptero da Globo – sobrevoa ao vivo a Avenida Presidente Vargas, no Rio de Janeiro. O vídeo tem um minuto e sete segundos e menciona quatro vezes os manifestantes e três vezes a Polícia, como consta na Tabela 3.

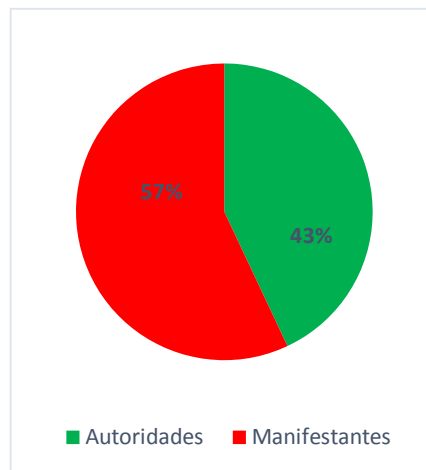
Tabela 3 – Matéria 3

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Polícia	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Alguns deles (manifestantes)	-	-	M
Batalhão de Choque da Polícia Militar	-	-	A
Pessoas (presas)	-	-	M
Polícia	-	-	A

Fonte: elaborada pela autora

Polícia e manifestantes não são consultados pelo JN. O Gráfico 3 aponta a fração dos atores referidos por Trigueiro.

Gráfico 3 – Matéria 3



Fonte: elaborado pela autora

6.2.4 Matéria 4 – Manifestantes voltam a protestar contra o aumento do preço das passagens em SP

Já no dia 11 de junho de 2013, a repórter Graziela Azevedo faz uma entrada ao vivo no Jornal Nacional. Ela está no Centro de São Paulo, a bordo do Globocop. Manifestantes, policiais e lojistas são personagens do vídeo que tem um minuto e 33 segundos. Das 12 referências, seis são à categoria dos manifestantes e cinco às autoridades. Lojistas que, segundo Graziela, precisaram fechar as portas não têm ligação direta com os protestos.

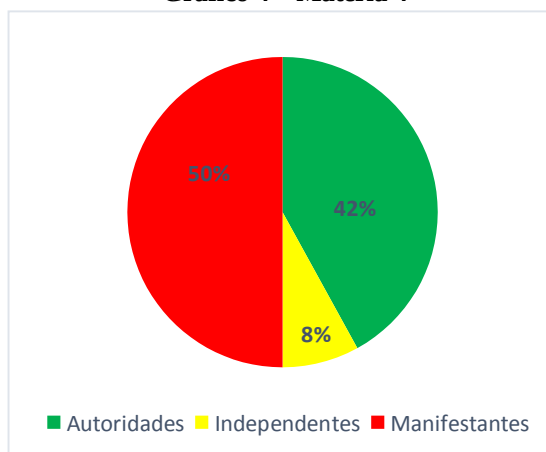
Tabela 4 – Matéria 4

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Manifestantes	-	-	M
Policiais	-	-	A
Lojistas	-	-	I
Manifestantes	-	-	M
Polícia	-	-	A
Policiais	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Tropa de Choque	-	-	A
Movimento Passe Livre	-	-	M
Polícia	-	-	A
Vários grupos (de manifestantes)	-	-	M

Fonte: elaborada pela autora

Como exhibe a tabela anterior, também na matéria 4, ninguém foi ouvido. As personagens mencionadas estão representadas no Gráfico 4, na sequência.

Gráfico 4 – Matéria 4



Fonte: elaborado pela autora

6.2.5 Matéria 5 – Manifestantes danificam estação do metrô e mais de 80 ônibus durante protesto em SP

A matéria 5 é de 12 de junho de 2013. Nela, o repórter Fábio Turci aborda o protesto realizado em São Paulo na noite anterior (11 de junho). Em três minutos e 29 segundos, são feitas 16 menções aos manifestantes, 15 às autoridades, quatro a pessoas sem implicação direta com a paralisação e uma a um especialista. Quatro são entrevistados: um professor que passava de carro pela manifestação, o prefeito de São Paulo, o governador de São Paulo e o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção São Paulo.

Vinícius César – Professor: “Não dava pra ir pra frente nem pra trás. Fiquei preso aqui e tal. O cara queria passar, não conseguia” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Fernando Haddad – Prefeito de São Paulo: “Eu me comprometi a reajustar a tarifa abaixo da inflação acumulada. Portanto, eu estou cumprindo rigorosamente aquilo que eu falei durante a campanha eleitoral” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Geraldo Alckmin – Governador de São Paulo: “Nós temos manifestação periodicamente, nenhum problema. Precisa ser investigado pra verificar a origem disso, tá bom? E deve ressarcir ao erário público porque isso é patrimônio de todos” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Marcos da Costa – Presidente da OAB-SP: “As pessoas se reúnem pra expressar uma indignação, no caso, pelo aumento do ônibus. Agora tem um limite. Então, quando o Movimento passa a violar patrimônios, principalmente o patrimônio público – o privado também –, ou prejudicar o direito de ir e vir das pessoas, ele ultrapassa os limites dele” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

A fala do professor, segundo Charaudeau (2013), tem *efeito de testemunho*. Já as entrevistas de Haddad e Alckmin são caracterizadas pelo *efeito de decisão*. Ambos relatam suas determinações a partir dos poderes que lhes são conferidos. Enquanto Haddad delibera o reajuste da tarifa, Alckmin define a investigação e o ressarcimento das depredações. O presidente da OAB-SP, por sua vez, dá uma declaração com *efeito de saber*. Ele usa seus conhecimentos sobre Direito para explicar os porquês dos limites aos manifestantes.

Outras duas pessoas que não são mencionadas por Turci ganham voz na matéria: um homem, que não é identificado, e uma mulher, creditada⁶⁹ como auxiliar de saúde bucal.

Homem sem identificação: “Não pode acabar prejudicando tanta gente aí também, né?” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Arlete Passante – Auxiliar de saúde bucal: “Milhares de pessoas estão voltando do trabalho, depois de um dia cansativo, embaixo de chuva e passar esse pânico aqui. Eu tô aqui sem saber pra onde correr” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

⁶⁹ “Crédito: identificação de repórteres, entrevistados, cidades, estados ou país” (PATERNOSTRO, 1999, p. 140).

A fala do homem tem *efeito de opinião*. Por outro lado, a declaração da mulher tem propriedade *testemunhal* (CHARAUDEAU, 2013). A Tabela 5 traz os apontamentos gerais da matéria em questão.

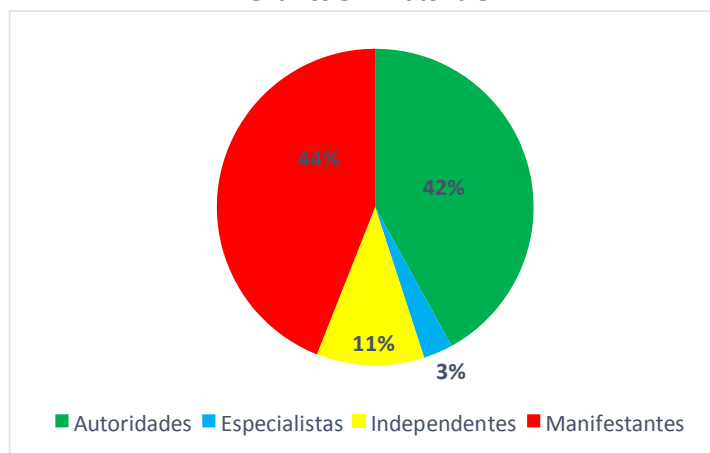
Tabela 5 – Matéria 5

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
-	Homem sem identificação	O	I
-	Auxiliar de saúde bucal	T	I
Pessoas (que estão voltando do trabalho)	-	-	I
Manifestantes	-	-	M
Policiais	-	-	A
Polícia	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
PM	-	-	A
Polícia	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Eles (os manifestantes)	-	-	M
Muita gente (acabou no meio do tumulto)	Professor	T	I
Motorista	-	-	I
Manifestantes	-	-	M
Dois (manifestantes)	-	-	M
PM	-	-	A
Policiais	-	-	A
Este (policia)	-	-	A
Este outro (policia)	-	-	A
Eles (os manifestantes)	-	-	M
Prefeitura	-	-	A
Polícia	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Dez (manifestantes indiciados)	-	-	M
Movimento Passe Livre	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Ministério Público	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Prefeitura	-	-	A
Governo	-	-	A
Eles (os manifestantes)	-	-	M
Prefeito de São Paulo	Prefeito de São Paulo	D	A
Governador do Estado	Governador de São Paulo	D	A
OAB	Presidente da OAB-SP	S	E
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Movimento (de manifestantes)	-	-	M
Pessoas (prejudicadas)	-	-	I

Fonte: elaborada pela autora

A referência a cada grupo é retratada percentualmente no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Matéria 5



Fonte: elaborado pela autora

6.2.6 Matéria 6 – Avenida Paulista segue bloqueada nos dois sentidos por causa dos protestos

No dia 13 de junho de 2013, pela primeira vez, o Jornal Nacional faz mais de uma alusão às manifestações. A edição contempla sete matérias sobre os protestos. A primeira delas é uma entrada ao vivo do repórter César Galvão e tem 54 segundos de duração. No helicóptero da emissora, César sobrevoa a Avenida Paulista e faz referência aos manifestantes cinco vezes. Jornalistas sem relação direta com os levantes também são mencionados, além de autoridades, que são citadas outras cinco vezes. Ninguém é entrevistado, como exposto na Tabela 6.

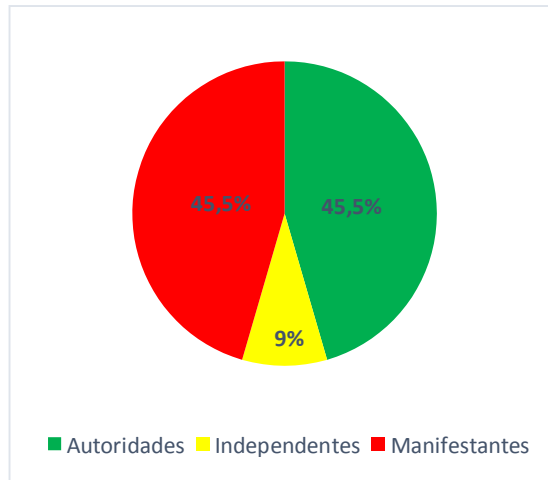
Tabela 6 – Matéria 6

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Manifestantes	-	-	M
Batalhão de Choque	-	-	A
Grupo de manifestantes	-	-	M
Policiais	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Policiais	-	-	A
Grupo de estudantes	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Polícia	-	-	A
Secretaria de Segurança Pública	-	-	A
Jornalistas (presos)	-	-	I

Fonte: elaborada pela autora

O gráfico a seguir apresenta a proporcionalidade dessas menções.

Gráfico 6 – Matéria 6



Fonte: elaborado pela autora

6.2.7 Matéria 7 – Manifestantes entram em confronto com a Polícia no Rio de Janeiro

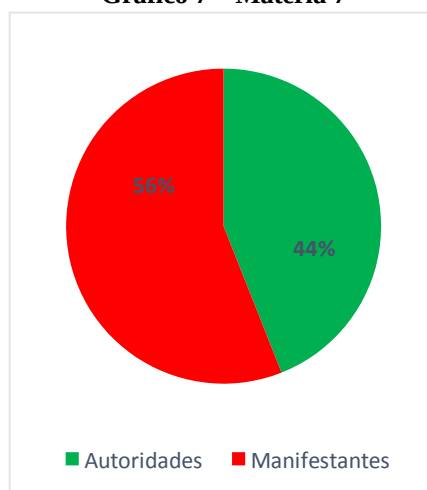
A segunda matéria de 13 de junho de 2013 – uma entrada ao vivo da repórter Bette Lucchese – tem 59 segundos. Bette está no Rio de Janeiro, a bordo de um helicóptero, e cita autoridades (quatro vezes) e manifestantes (cinco vezes).

Tabela 7 – Matéria 7

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Policiais militares	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
PMs	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Policias militares	-	-	A
Eles (os manifestantes)	-	-	M
Policiais	-	-	A
Manifestantes	-	-	M

Fonte: elaborada pela autora

Como mostra a Tabela 7, ninguém é consultado. Assim, o Gráfico 7 demonstra a proporcionalidade dos atores citados pela repórter.

Gráfico 7 – Matéria 7

Fonte: elaborado pela autora

6.2.8 Matéria 8 – Manifestantes protestam contra possibilidade de reajuste nas passagens em Porto Alegre

A terceira referência aos protestos, na edição de 13 de junho de 2013 do JN, é uma nota pelada⁷⁰ lida por William Bonner. Em seus 14 segundos, somente os manifestantes são citados – sem serem ouvidos –, como detalhado na Tabela 8.

Tabela 8 – Matéria 8

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Manifestantes	-	-	M

Fonte: elaborada pela autora

6.2.9 Matéria 9 – Anistia Internacional critica repressão violenta aos protestos do RJ e SP

Na sequência de Bonner, Patrícia Poeta lê outra nota pelada. Manifestantes, jornalistas presos e a Anistia Internacional – mencionada três vezes – são referidos nos 21 segundos do vídeo esboçado na tabela a seguir.

⁷⁰ Notícia lida pelo apresentador sem imagem de ilustração (PATERNOSTRO, 1999).

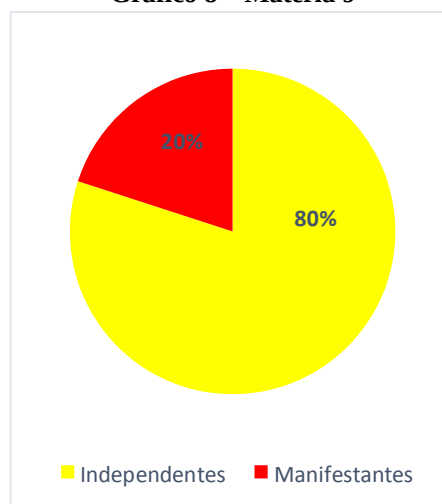
Tabela 9 – Matéria 9

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Anistia Internacional	-	-	I
Organização (Anistia Internacional)	-	-	I
Jornalistas (presos)	-	-	I
Manifestantes (presos)	-	-	M
Organização (Anistia Internacional)	-	-	I

Fonte: elaborada pela autora

As frações compatíveis às categorias dos citados estão no Gráfico 8.

Gráfico 8 – Matéria 9



Fonte: elaborado pela autora

6.2.10 Matéria 10 – Governador e prefeito de São Paulo descartam reduzir preço das passagens

A repórter Graziela Azevedo é a autora da quinta matéria de 13 de junho de 2013 – a primeira a dar voz aos manifestantes. Em três minutos e 37 segundos, ela cita autoridades (19 vezes) e manifestantes (34 vezes). Advogados, a moradora de um prédio e a população integram o grupo daqueles que não estão diretamente envolvidos com os levantes. Uma ativista, o governador de São Paulo, o prefeito de São Paulo e o ministro da Justiça são entrevistados.

Mayara Vivian – Ativista: “A orientação do Movimento é sempre de ser um movimento pacífico. Nossa radicalidade é fechar ruas pra pressionar o Poder Público ao diálogo. Agora não tá no nosso *script* depredação ou ações do tipo” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Geraldo Alckmin – Governador de São Paulo: “O que a gente percebe é que é um Movimento político pequeno, mas muito violento, né? (*Repórter: Não se cogita, então, a redução de tarifas?*) Não, não” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Fernando Haddad – Prefeito de São Paulo: “O valor será mantido porque ele está muito abaixo da inflação acumulada. Considero legítima toda e qualquer forma de manifestação e expressão. O que a Cidade repudia é a violência” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

José Eduardo Cardozo – Ministro da Justiça: “Imaginar que as pessoas precisam ir pra violência pra tentar atingir seus objetivos... Isso é inaceitável e, portanto, o Governo Federal está à disposição para aquilo que for necessário, para aquilo que nos for solicitado pelo Governo do Estado de São Paulo ou por qualquer outro governo que acredite que nós possamos ajudar nessa área” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

A Tabela 10 mostra que a declaração da manifestante possui *efeito de opinião*, de acordo com Charaudeau (2013). O governador paulista, por sua vez, conclui sua fala com uma *decisão* – de não revogar o ajuste da tarifa. Na sequência, o prefeito paulistano explana a mesma *decisão*: manter o valor reajustado das passagens. Por fim, o ministro da Justiça *decide* pela ajuda aos governos estaduais.

Tabela 10 – Matéria 10

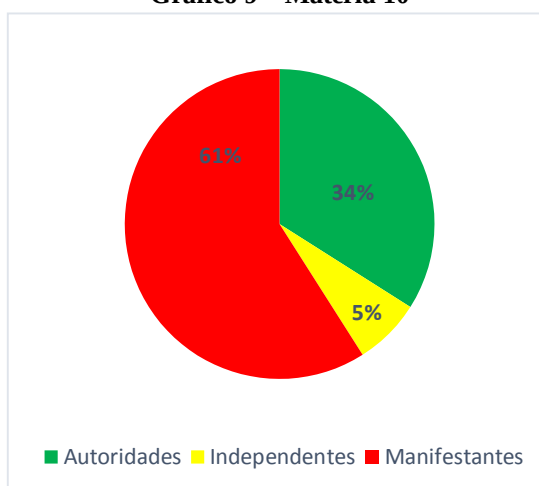
Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Polícia	-	-	A
Vinte presos (manifestantes)	-	-	M
Treze (manifestantes detidos)	-	-	M
Polícia	-	-	A
Eles (manifestantes detidos)	-	-	M
Treze presos (manifestantes)	-	-	M
Advogados	-	-	I
Movimento (de manifestantes)	-	-	M
O mais novo (dos manifestantes detidos)	-	-	M
O mais velho (dos manifestantes detidos)	-	-	M
Estudantes (manifestantes detidos)	-	-	M
Outros (manifestantes detidos)	-	-	M
Professores (manifestantes detidos)	-	-	M
Metalúrgico (manifestante detido)	-	-	M
Publicitário (manifestante detido)	-	-	M
Editor (manifestante detido)	-	-	M
Artista (manifestante detido)	-	-	M
Mulher (manifestante detida)	-	-	M
Estudante desempregada (manifestante detida)	-	-	M
Dois jornalistas (manifestantes detidos)	-	-	M
Um deles (manifestante)	-	-	M
Ele (manifestante)	-	-	M
Moradora de um prédio	-	-	I
Jornalista (manifestante)	-	-	M
Policiais militares	-	-	A
Colegas de Pedro	-	-	M
Mayara Vivian (uma ativista)	Ativista	O	M

Eles	-	-	M
Presos	-	-	M
Mayara	-	-	M
Polícia	-	-	A
Pedro	-	-	M
Ela	-	-	M
Policiais	-	-	A
Ativista	-	-	M
Movimento	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Movimento	-	-	M
Poder Público	-	-	A
Oito policiais	-	-	A
Polícia Militar	-	-	A
População	-	-	I
PM	-	-	A
Policiais	-	-	A
Prefeitura	-	-	A
Governo do Estado	-	-	A
Governador Geraldo Alckmin	Governador de São Paulo	D	A
Prefeito Fernando Haddad	Prefeito de São Paulo	D	A
Movimento (de manifestantes)	-	-	M
Ministro da Justiça José Eduardo Cardozo	Ministro da Justiça	D	A
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Governo Federal	-	-	A
Governo do Estado de São Paulo	-	-	A
Qualquer outro governo	-	-	A
Governo do Estado de São Paulo	-	-	A
Detidos (manifestantes)	-	-	M

Fonte: elaborada pela autora

O Gráfico 9 apresenta os percentuais respectivos às categorias mencionadas.

Gráfico 9 – Matéria 10



Fonte: elaborado pela autora

6.2.11 Matéria 11 – Manifestantes fazem novos protestos contra aumento das passagens no Rio

A matéria 11 – sexta a ser exibida pelo JN de 13 de junho de 2013 – é uma entrada ao vivo de Bette Lucchese. Em 58 segundos, faz alusões a manifestantes e autoridades – o que pode ser conferido na Tabela 11.

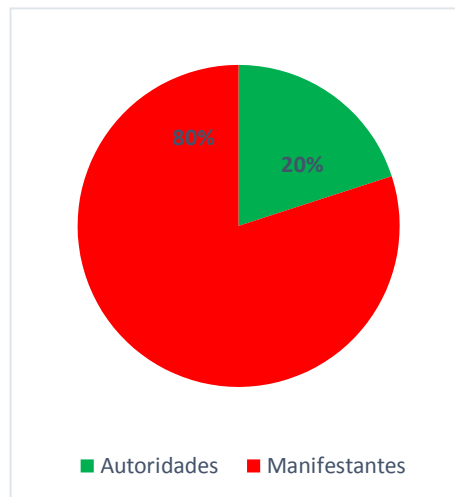
Tabela 11 – Matéria 11

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Policiais militares	-	-	A

Fonte: elaborada pela autora

Há quatro referências aos manifestantes e uma às autoridades. A porcentagem dessa divisão está representada no Gráfico 10, a seguir.

Gráfico 10 – Matéria 11



Fonte: elaborado pela autora

6.2.12 Matéria 12 – Manifestantes voltam às ruas de São Paulo e enfrentam a PM

A matéria 12 é a sétima e última a abordar as manifestações no Jornal Nacional de 13 de junho de 2013. Em uma entrada ao vivo, do helicóptero da emissora, o repórter César Galvão cita autoridades (nove vezes) e manifestantes (18 vezes), como situa a Tabela 12.

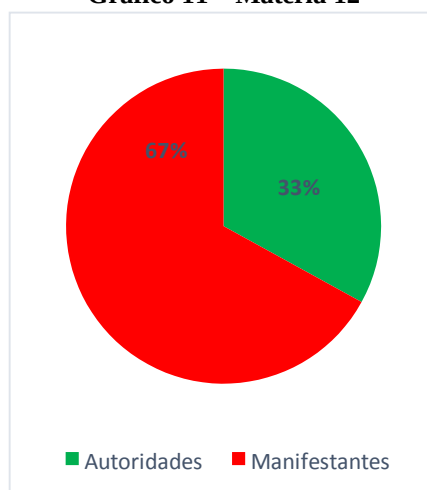
Tabela 12 – Matéria 12

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Manifestantes	-	-	M
PMs	-	-	A
Pessoas	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M
Polícia	-	-	A
Eles (manifestantes)	-	-	M
Batalhão de Choque	-	-	A
Deles (manifestantes)	-	-	M
Batalhão de Choque	-	-	A
Eles (manifestantes)	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M
Policiais	-	-	A
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Algumas (pessoas manifestantes)	-	-	M
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Batalhão de Choque	-	-	A
Manifestante	-	-	M
Manifestante	-	-	M
Prefeito	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M
PM	-	-	A
Eles (manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Batalhão de Choque	-	-	A

Fonte: elaborada pela autora

Nos dois minutos e 32 segundos de duração, o vídeo contempla, além das imagens capturadas ao vivo, do alto, cenas gravadas horas antes do JN ir ao ar. Ninguém é entrevistado. A fração destinada a cada um dos grupos aludidos está posicionada no Gráfico 11.

Gráfico 11 – Matéria 12



Fonte: elaborado pela autora

6.2.13 Matéria 13 – Protestos contra aumento no preço das passagens de ônibus se espalham pelo Brasil

Uma nota coberta⁷¹ de 46 segundos é a primeira alusão aos protestos no JN de 14 de junho de 2013. Nela, somente os manifestantes são mencionados. Não há entrevistados.

Tabela 13 – Matéria 13

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Elas (pessoas manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M

Fonte: elaborada pela autora

6.2.14 Matéria 14 – Manifestantes depredam prédios durante protesto contra aumento da passagem em Porto Alegre

Também no dia 14 de junho de 2013 uma matéria da repórter Guacira Merlin aborda os protestos realizados em Porto Alegre. O vídeo tem um minuto e 37 segundos. Nele, os manifestantes são mencionados dez vezes, as autoridades três e as empresas de transporte uma. A Tabela 14, na sequência, expõe os detalhes.

⁷¹ Notícia lida pelo apresentador com imagens de ilustração (PATERNOSTRO, 1999).

Tabela 14 – Matéria 14

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Manifestantes	-	-	M
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Muitas (pessoas manifestantes)	-	-	M
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Participantes (manifestantes)	Homem sem identificação	O	M
Polícia	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Policiais militares	-	-	A
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Elas (pessoas manifestantes)	-	-	M
-	Comandante do Comando de Policiamento	T	A
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Prefeitura	-	-	A
Empresas de transporte	-	-	I
Manifestantes	-	-	M

Fonte: elaborada pela autora

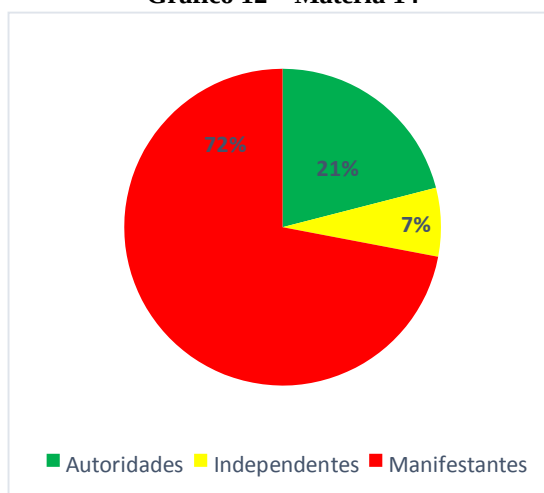
Um homem sem identificação, do grupo dos manifestantes, e o comandante do Comando de Policiamento (autoridade) são entrevistados.

Homem sem identificação: “Isso aí, meu, que tão fazendo aqui é um absurdo. Começou com um negócio bom e uns imbecil tomaram conta” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Coronel João Diniz Godoi – Comandante do Comando de Policiamento: “Nós identificamos algumas pessoas que, se aproveitando desta manifestação pacífica e ordeira, se aproveitaram para fazer atos de depredação ao longo das ruas da Cidade” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

A declaração do manifestante tem *efeito de opinião*, ao passo que a do coronel tem caráter *testemunhal* (CHARAUDEAU, 2013). O Gráfico 12, em seguida, retrata a porcentagem de cada uma das categorias mencionadas.

Gráfico 12 – Matéria 14



Fonte: elaborado pela autora

6.2.15 Matéria 15 – Comissão de Direitos Humanos da OAB declara ser inaceitável a postura adotada pela PM

A matéria 15 é uma nota pelada lida por Patrícia Poeta no JN de 14 de junho de 2013. Tem 17 segundos de duração e menciona (duas vezes) a Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil, que não é ouvida⁷².

Tabela 15 – Matéria 15

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil	-	-	E
Comissão da OAB	-	-	E

Fonte: elaborada pela autora

6.2.16 Matéria 16 – Manifestações terminam com atos de vandalismo e três feridos no Rio

A matéria 16, a quarta de 14 de junho de 2013, é da repórter Bette Lucchese. Tem dois minutos e 17 segundos de duração e conta com declarações de duas pessoas: um manifestante e um policial.

Vitor del Rey – Estudante: “Quando a gente estava na Presidente Vargas, na metade dela, o Batalhão de Choque da Polícia apareceu e começou uma espécie de ofensiva contra nós. No meio do caminho, nós percebemos que alguns dos manifestantes estavam feridos” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

⁷² No texto, a apresentadora cita uma nota divulgada pela Comissão da OAB.

Coronel Frederico Caldas – Porta-voz da Polícia Militar-RJ: “O Batalhão de Choque não participou de toda trajetória porque só os policiais militares do 5º Batalhão, que é o batalhão do Centro, atuaram. Mas nesse momento houve a necessidade de intervenção do Batalhão de Choque, principalmente, porque a gente percebeu que houve uma radicalização do Movimento” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

A entrevista concedida pelo estudante tem *efeito de testemunho*, enquanto que a do coronel é *opinativa* (CHARAUDEAU, 2013). A Tabela 16 estampa as listas dos mencionados e dos consultados.

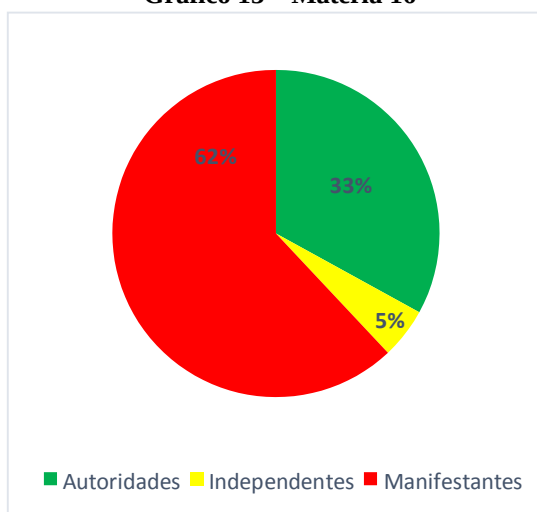
Tabela 16 – Matéria 16

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Polícia Militar	-	-	A
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Maioria (das pessoas manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
PMs	-	-	A
Policiais	-	-	A
Movimento (de manifestantes)	-	-	M
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Motoristas	-	-	I
Feridos	Estudante	T	M
Batalhão de Choque da Polícia	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Batalhão de Choque	-	-	A
Policiais militares	Porta-voz da Polícia Militar-RJ	O	A
Batalhão de Choque	-	-	A
Movimento (de manifestantes)	-	-	M
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Homem (manifestante)	-	-	M
Outros três (homens manifestantes)	-	-	M
Um casal (manifestante)	-	-	M
Manifestante	-	-	M

Fonte: elaborada pela autora

Das 21 referências, sete são à categoria das autoridades, uma ao grupo dos independentes e 13 aos manifestantes. O percentual correspondente a cada categoria pode ser conferido no Gráfico 13.

Gráfico 13 – Matéria 16



Fonte: elaborado pela autora

6.2.17 Matéria 17 – Manifestações viram manchetes em jornais internacionais

Com cinco minutos e seis segundos, a matéria de Monalisa Perrone é a quinta exibida sobre os protestos em 14 de junho de 2013. A reportagem menciona a categoria dos manifestantes (seis vezes), das autoridades (44 vezes) e dos independentes (11 vezes). Cinco fontes são consultadas: o governador de São Paulo, o secretário paulista de Segurança Pública, o prefeito de São Paulo, o senador paulista Aloysio Nunes Ferreira e o ministro da Justiça.

Geraldo Alckmin – Governador de São Paulo: “A Polícia até acompanha as manifestações para proteger inclusive os manifestantes. Isso é feito permanentemente. A Polícia trabalha dia e noite pra proteger a população e garantir a segurança. O que nós vimos nos últimos dias foi um ato de vandalismo, de violência, deixando um verdadeiro rastro de destruição. Quero também deixar claro o seguinte: nós não temos nenhum compromisso com o erro. A Polícia tem uma corregedoria. Então, será apurado qualquer abuso que tenha sido cometido. Será apurado de forma rigorosa” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Fernando Grella – Secretário de Segurança Pública-SP: “A atuação da Polícia foi correta, né? E, como eu disse, nós temos o compromisso de apurar todos esses fatos que aconteceram, o porquê dessas situações noticiadas de abuso. Mas ela cumpriu o papel dela de procurar preservar a ordem e garantir o direito de liberdade de ir e vir das pessoas” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Fernando Haddad – Prefeito de São Paulo: “Nos três primeiros atos, a condução da Polícia Militar, até aquele momento, parecia estar adequada aos protocolos que a própria Polícia estabelece para os seus integrantes, para os seus membros. O dia de ontem, segundo as imagens, eu tô me baseando nas imagens e no depoimento dos repórteres, parece que esses protocolos não foram observados, razão pela qual o secretário de Segurança Pública determinou apuração” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Senador Aloysio Nunes Ferreira, PSDB-SP – Líder do partido: “Não cabe a forma de luta violenta para defender qualquer reivindicação, por mais legítima que seja, no regime democrático. Se isso ocorrer, cabe, sim, a intervenção da Polícia para a manutenção da ordem, para garantir o respeito à lei” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

José Eduardo Cardozo – Ministro da Justiça: “Podemos auxiliar na questão dos serviços de inteligência policial. Nós podemos somar também para questões do tipo para entendermos o Movimento, para que possamos ter as situações de análise adequadas, como também podemos ajudar na mediação de conflitos. A Força Nacional tem uma expertise indiscutível para atuação nesses casos de distúrbios civis” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

A partir das classificações propostas por Charaudeau (2013), podemos afirmar que a declaração de Alckmin tem *efeito de decisão* – porque o governador de São Paulo determina a apuração dos erros da Polícia. As entrevistas de Fernando Grella, de Fernando Haddad, do senador paulista e do ministro da Justiça assumem um modo *opinativo*, como exposto na Tabela 17, na sequência.

Tabela 17 – Matéria 17

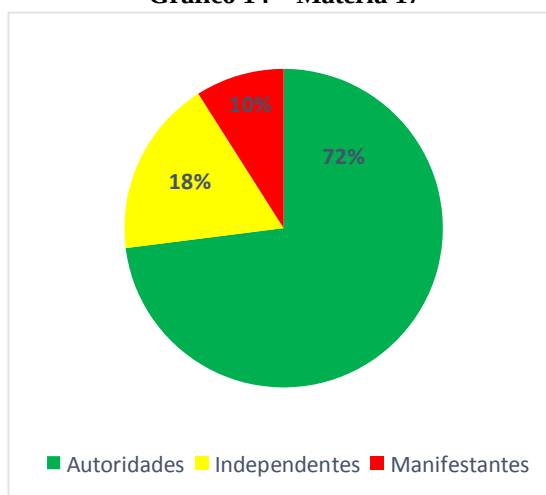
Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Diversas autoridades	-	-	A
Governo de São Paulo	-	-	A
Polícia Militar	-	-	A
The New York Times	-	-	I
Jornal (The New York Times)	-	-	I
Washington Post	-	-	I
Post	-	-	I
Papa Francisco	-	-	A
Rede britânica BBC	-	-	I
El País	-	-	I
CNN	-	-	I
Manifestantes	-	-	M
Policiais	-	-	A
Autoridades de São Paulo	-	-	A
Governador Geraldo Alckmin	-	-	A
Movimento	-	-	M
Polícia	-	-	A
Governador	Governador de São Paulo	D	A
Polícia	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Polícia	-	-	A
População	-	-	I
Polícia	-	-	A
Secretário de Segurança Pública Fernando Grella	Secretário de Segurança Pública-SP	O	A
Polícia	-	-	A
Ele (secretário)	-	-	A
Polícia	-	-	A
Nós (da Secretaria)	-	-	A
Ela (Polícia)	-	-	A

Pessoas	-	-	I
Prefeito Fernando Haddad	-	-	A
Polícia	-	-	A
Ele (prefeito)	Prefeito de São Paulo	O	A
Polícia Militar	-	-	A
Polícia	-	-	A
Integrantes (da Polícia)	-	-	A
Membros (da Polícia)	-	-	A
Repórteres	-	-	I
Secretário de Segurança Pública	-	-	A
Líder do PSDB	Líder do partido	O	A
PM	-	-	A
Polícia	-	-	A
Ministro da Justiça	-	-	A
Polícia	-	-	A
Ele (ministro)	Ministro da Justiça	O	A
Governo do Estado	-	-	A
Nós (Governo Federal)	-	-	A
Movimento (de manifestantes)	-	-	M
Força Nacional	-	-	A
Secretário de Segurança Pública Fernando Grella	-	-	A
PM	-	-	A
Ministro da Justiça José Eduardo Cardozo	-	-	A
Secretário (de Segurança Pública)	-	-	A
Prefeito de São Paulo Fernando Haddad	-	-	A
Representantes do Movimento (de manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Governo	-	-	A
Prefeito	-	-	A
Organização Repórteres sem Fronteiras	-	-	I
Secretaria de Direitos Humanos	-	-	A
PM	-	-	A

Fonte: elaborada pela autora

Meios de comunicação estrangeiros, a população, repórteres e uma organização formam o grupo dos que não estão ligados diretamente às manifestações – independentes. O Gráfico 14 apresenta a relação percentual de cada uma das categorias aludidas.

Gráfico 14 – Matéria 17



Fonte: elaborado pela autora

6.2.18 Matéria 18 – Capital paulista vive mais um dia de protestos contra aumento das passagens

A matéria de Fábio Turci e Jean Raupp, apresentada em 14 de junho de 2013, tem cinco minutos e 59 segundos de duração. Sete pessoas são consultadas pelo Jornal Nacional: um policial militar, três manifestantes, duas mulheres e um homem sem identificação.

Major Lídio – Polícia Militar-SP: “É só questão de cumprir acordo. Agora, se não é pra cumprir acordo, não reclamem do resultado” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Mayara Vivian – Ativista: “Nós estávamos parados, aguardando. E, durante esse processo de negociação, enquanto nós aguardávamos a resposta, começou esse tipo de ação desproporcional” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

José Augusto Portela – Estudante: “Nós estávamos indo pra faculdade. O protesto estava sendo normal, quando, de repente, começou a estourar bomba aqui. Isso partiu da PM. Depois começou a generalizar, tanto de um lado como o outro” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Mulher sem identificação (1): “Tava aqui nesse carro. (Repórter: Você largou seu carro lá?) Larguei, um monte de gente em cima” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Felipe Martins – Estudante de Psicologia: “Não sou eu que tô transtornado. (Repórter: Eles atiraram primeiro?) É lógico. Cê acha que eu vou partir pra cima de alguém com uma arma na mão?” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Mulher sem identificação (2): “Tô até agora mal. Todo o meu aparelho respiratório tá péssimo” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Homem sem identificação: “O policial começou a me bater sem perguntar nada” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Enquanto a fala do major tem *efeito de decisão*, todas as outras são de domínio *testemunhal* (CHARAUDEAU, 2013). A Tabela 18 traz os referidos e entrevistados.

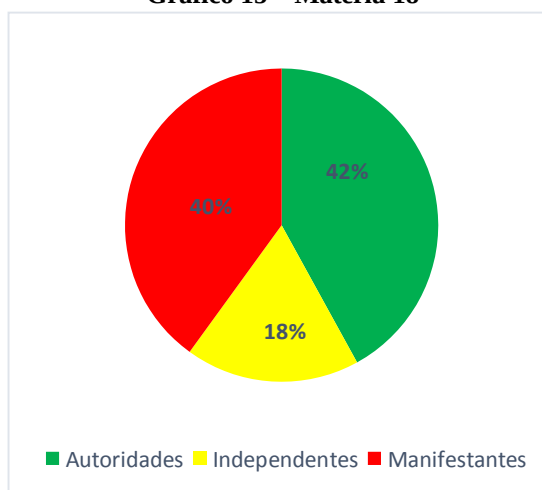
Tabela 18 – Matéria 18

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Prefeitura	-	-	A
Governo do Estado	-	-	A
Polícia	-	-	A
Quem protestava	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Polícia	-	-	A
Eles (manifestantes)	-	-	M
Trinta (manifestantes)	-	-	M
PM	-	-	A
Eles (manifestantes)	-	-	M
Rapaz (manifestante)	-	-	M
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Repórter da Revista Carta Capital	-	-	I
Ele (repórter)	-	-	I
Manifestantes	-	-	M
Policiais	-	-	A
Movimento (de manifestantes)	-	-	M
Polícia	-	-	A
Jornal O Estado de São Paulo	-	-	I
Policial	Polícia Militar-SP	D	A
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Tropa de Choque	-	-	A
Policiais	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Polícia	-	-	A
Manifestante	Ativista	T	M
Polícia	-	-	A
Manifestantes	Estudante	T	M
PM	-	-	A
Muita gente	-	-	I
População	-	-	I
Tropa de Choque	-	-	A
Motoristas	-	-	I
Manifestantes	-	-	M
Médica	Mulher sem identificação (1)	T	I
Monte de gente (manifestante)	-	-	M
Pessoas	-	-	I
Uma jornalista da Folha de São Paulo	-	-	I
Estudante	Estudante de Psicologia	T	M
Eles (policiais)	-	-	A
Alguém (policial)	-	-	A
Repórter do G1	-	-	I
Polícia	-	-	A
Policiais	-	-	A
Manifestantes	-	-	M

Passageiros	-	-	I
Homem	-	-	M
Policiais do Choque	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Tropa	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Polícia	-	-	A
Policial	-	-	A
Polícia	-	-	A
PM	-	-	A
Policial	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Ele (policial)	-	-	A
Quem protestava	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Tropa de Choque	-	-	A
Polícia	-	-	A
-	Mulher sem identificação (2)	T	I
Policiais	-	-	A
Pessoas	-	-	I
Um casal	Homem sem identificação	T	I
Policial	-	-	A
Seguranças de um centro comercial	-	-	I
Manifestantes	-	-	M
Participantes	-	-	M
Polícia	-	-	A
Alguns deles (participantes detidos)	-	-	M
Todos (participantes detidos)	-	-	M
Quatro (participantes detidos)	-	-	M
Participantes	-	-	M
Secretaria da Segurança Pública	-	-	A
Manifestantes	-	-	M

Fonte: elaborada pela autora

Das 77 citações feitas pelos repórteres na matéria, 32 são a autoridades, 31 são a manifestantes e 14 são a personagens sem vinculação direta com os protestos. A fração representativa de cada um desses grupos pode ser visualizada no Gráfico 15.

Gráfico 15 – Matéria 18

Fonte: elaborado pela autora

6.2.19 Matéria 19 – Manifestantes protestam contra valor gasto em reformas de estádios para Copa

A matéria 19 é uma entrada ao vivo de William Bonner, que está em Brasília, e tem um minuto e 35 segundos de duração. Em 14 de junho de 2013, o apresentador do Jornal Nacional cita manifestantes, autoridades e pessoas sem envolvimento direto com os protestos. Não há entrevistados, como aponta a Tabela 19.

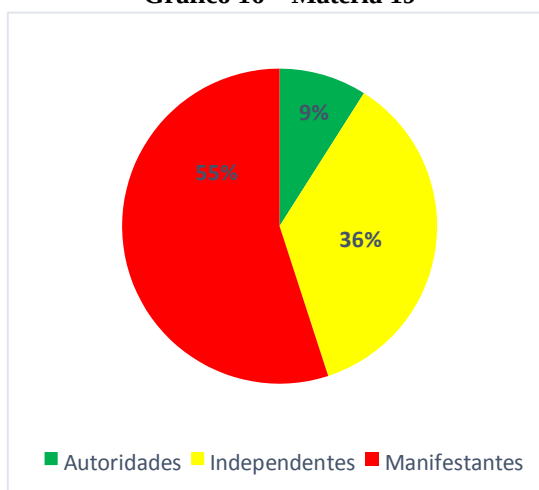
Tabela 19 – Matéria 19

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Nossa Seleção (de futebol)	-	-	I
Seleção (de futebol)	-	-	I
Grupo de sem-teto	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Motoristas	-	-	I
Manifestantes	-	-	M
Polícia Militar	-	-	A
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Grupo	-	-	M
Pessoas	-	-	I

Fonte: elaborada pela autora

A Polícia Militar é citada uma vez, enquanto que os manifestantes são aludidos em outras seis. O grupo dos independentes é referido em quatro momentos. O Gráfico 16, a seguir, apresenta a porcentagem relativa a essas categorias.

Gráfico 16 – Matéria 19



Fonte: elaborado pela autora

6.2.20 Matéria 20 – Insatisfação com transporte público é a maior em 26 anos de pesquisas

A matéria 20 é a primeira das quatro que tratam dos protestos no Jornal Nacional de 15 de junho de 2013. O texto é da repórter Graziela Azevedo. Pela primeira vez, o telejornal coloca em pauta alguns dos problemas enfrentados pelos usuários do transporte público. O vídeo se refere a uma pesquisa do DataFolha⁷³ e tem três minutos e 24 segundos. Dois especialistas são ouvidos pela reportagem.

Jaime Waisman – Professor de Transporte Público: “Nós temos um sistema de transporte por ônibus que, salvo exceções, é muito precário; um sistema de trens metropolitanos que está se modernizando muito lentamente e um sistema de metrô que é muito bom, mas que é muito pequeno pra cidade que ele atende” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Marco Antonio C. Teixeira – Cientista político FGV-SP: “Se há uma luta por uma tarifa menor, por uma qualidade melhor do serviço público, depredar aquilo que, de certa forma, é a tradução desse serviço só vai trazer dificuldade pro próprio usuário, além de demonstrar pouca civilidade, tá, que é fundamental pra qualquer defesa de qualquer tipo de causa pública” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

A frase do professor, segundo Charaudeau (2013), tem *efeito de saber*. Waisman domina a questão que discute e explica os porquês de tal situação. Por outro lado, o cientista da Fundação Getúlio Vargas⁷⁴ (FGV) faz uma declaração de caráter *opinitivo*. Os detalhes da matéria 20 podem ser conferidos na tabela a seguir.

⁷³ Instituto de pesquisa pertencente ao Grupo Folha. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 11 dez. 2015.

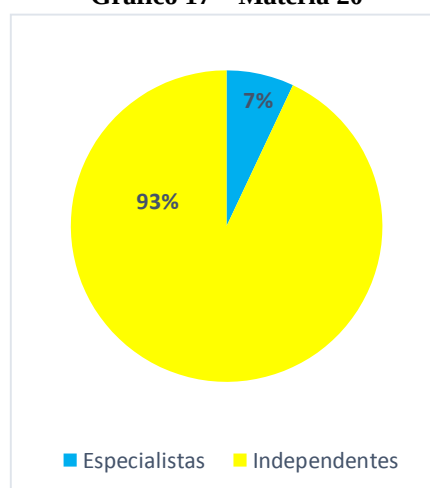
⁷⁴ Instituição dedicada ao ensino e à pesquisa, fundada em 1944. Disponível em: <<http://portal.fgv.br/>>. Acesso em: 11 dez. 2015.

Tabela 20 – Matéria 20

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Muita gente	-	-	I
Quem trabalha, estuda e precisa se movimentar	-	-	I
DataFolha	-	-	E
Entrevistados	-	-	I
Entrevistados	-	-	I
-	Professor de Transporte Público	S	E
Tanta gente	-	-	I
Gente	-	-	I
Quem anda de ônibus	-	-	I
Motoristas (de ônibus)	-	-	I
Quem anda de ônibus	-	-	I
Muita gente	-	-	I
Passageiros	-	-	I
Passageiros	-	-	I
-	Cientista político FGV-SP	O	E
Usuário	-	-	I

Fonte: elaborada pela autora

Nessa matéria não há menção às autoridades e aos manifestantes. São referenciados os grupos dos independentes (13 vezes) e dos especialistas (uma vez). O Gráfico 17 ilustra o percentual condizente a cada uma dessas duas categorias.

Gráfico 17 – Matéria 20

Fonte: elaborado pela autora

6.2.21 Matéria 21 – Oito mil pessoas protestam contra preço da passagem de ônibus em BH

Uma nota coberta de 29 segundos, lida por Patrícia Poeta em 15 de junho de 2013, cita três vezes os manifestantes e uma vez as autoridades. A Tabela 21 mostra que não há entrevistados.

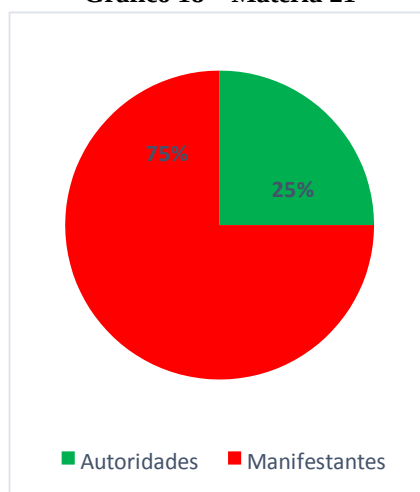
Tabela 21 – Matéria 21

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Polícia Militar	-	-	A
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Estudantes (manifestantes)	-	-	M

Fonte: elaborada pela autora

O Gráfico 18 traz a ilustração percentual dos grupos aludidos.

Gráfico 18 – Matéria 21



Fonte: elaborado pela autora

6.2.22 Matéria 22 – Protesto em Niterói (RJ) tem confusão e PM lança bombas de efeito moral

A matéria 22 é outra nota coberta lida por Patrícia em 15 de junho de 2013. Tem 32 segundos e cita manifestantes (cinco vezes) e autoridades (três vezes).

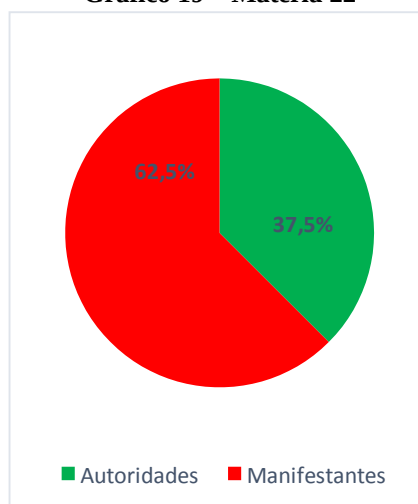
Tabela 22 – Matéria 22

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Manifestantes	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M
Alguns (manifestantes)	-	-	M
Policiais	-	-	A
PM	-	-	A
Batalhão de Choque	-	-	A
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Estudante (manifestante)	-	-	M

Fonte: elaborada pela autora

O Gráfico 19 apresenta a fração dos atores aludidos.

Gráfico 19 – Matéria 22



Fonte: elaborado pela autora

6.2.23 Matéria 23 – Manifestantes protestam em frente ao Estádio Nacional na estreia da Copa das Confederações

O foco da matéria 23 é a abertura da Copa das Confederações, realizada no Brasil de 15 a 30 de junho de 2013. Mesmo assim, há registro de protestos no vídeo de dois minutos e 34 segundos. A repórter Claudia Bomtempo entrevista oito pessoas – todas sobre a expectativa para o jogo de futebol, como mostra a Tabela 23, adiante.

Homem sem identificação (1): “Mogimirim” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Homem sem identificação (2): “Tubarão, Santa Catarina” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Homem sem identificação (3): “Belém do Pará” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Homem sem identificação (4): “Três Corações, terra do Pelé” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Mulher sem identificação (1): “*Very exciting*” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Mulher sem identificação (2): “A gente nem conseguiu dormir direito essa semana só pensando no jogo. Compramos ingresso em janeiro e desde lá só pensando nesse dia. Brasil! É nós!” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Mulher sem identificação (3): “Aquele expectativa boa, né? Dois a um, três a um” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Homem sem identificação (5): “É amizade, né? Muita amizade. É muito legal!” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Segundo Charaudeau (2013), as quatro primeiras falas são caracterizadas pelo *efeito de testemunho*, assim como a da segunda mulher citada. A primeira e a terceira mulher dão declarações com *efeito de opinião*, tal qual faz o quinto homem – último entrevistado.

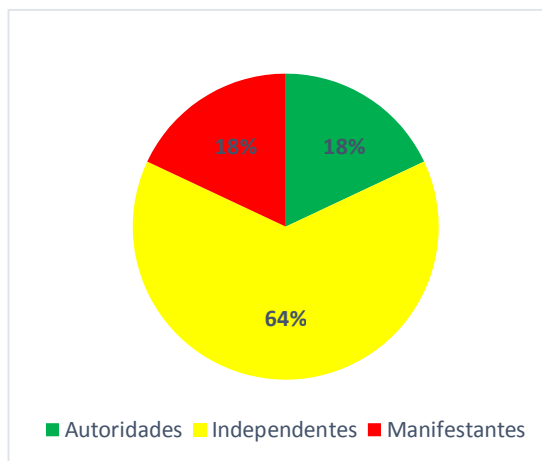
Tabela 23 – Matéria 23

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Pessoas (que foram ao estádio)	-	-	I
Gente (que foi ao estádio)	-	-	I
Torcedores	-	-	I
Gente (que foi ao estádio)	Homem sem identificação (1)	T	I
-	Homem sem identificação (2)	T	I
-	Homem sem identificação (3)	T	I
-	Homem sem identificação (4)	T	I
Torcida japonesa	-	-	I
Amigas (torcedoras)	Mulher sem identificação (1)	O	I
-	Mulher sem identificação (2)	T	I
-	Mulher sem identificação (3)	O	I
Torcida	-	-	I
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Polícia	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Polícia	-	-	A
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Policiais	-	-	A
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Policiais	-	-	A
Torcedores	-	-	I
Este (torcedor)	-	-	I
Adversários (torcedores)	-	-	I
-	Homem sem identificação (5)	O	I
Torcida	-	-	I
Quem veio a Brasília torcer	-	-	I
Pessoas (torcedores)	-	-	I
Diversos artistas	-	-	I

Fonte: elaborada pela autora

No Gráfico 20 estão as fatias percentuais dos grupos citados na matéria. Há menções às autoridades (quatro), aos manifestantes (quatro) e aos independentes (14).

Gráfico 20 – Matéria 23



Fonte: elaborado pela autora

6.2.24 Matéria 24 – Manifestantes levam faixas e cartazes para a Candelária

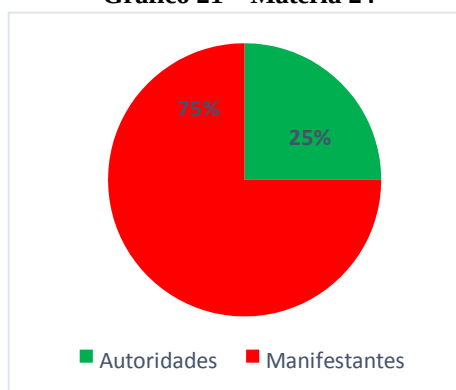
A matéria 24, de 17 de junho de 2013, é uma entrada ao vivo de Bette Lucchese. Do helicóptero, no Rio, ela faz referência aos manifestantes (três vezes) e às autoridades (uma vez).

Tabela 24 – Matéria 24

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Manifestantes	-	-	M
Grupos (de manifestantes)	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M
Polícia Militar	-	-	A

Fonte: elaborada pela autora

Nos 39 segundos, Bette não entrevista ninguém. A fração compatível às categorias aludidas está no Gráfico 21.

Gráfico 21 – Matéria 24

Fonte: elaborado pela autora

6.2.25 Matéria 25 – Cerca de dois mil manifestantes se concentram no Largo da Batata, em São Paulo

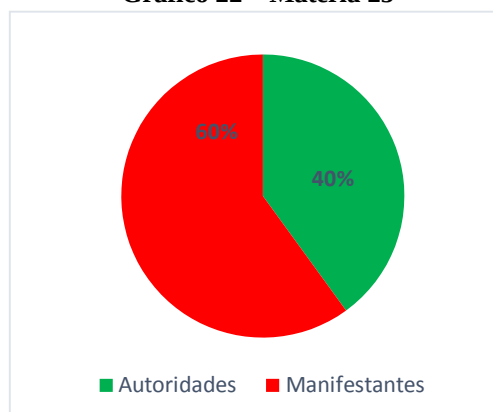
A entrada ao vivo de César Galvão, diretamente de São Paulo, é a segunda referência aos protestos em 17 de junho de 2013. O repórter está no Globocop e, em 37 segundos, refere-se três vezes aos manifestantes e duas às autoridades. Ninguém foi ouvido.

Tabela 25 – Matéria 25

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Manifestantes	-	-	M
Polícia Militar	-	-	A
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Grupos	-	-	M
Polícia	-	-	A

Fonte: elaborada pela autora

A porcentagem equivalente aos grupos mencionados é representada no Gráfico 22.

Gráfico 22 – Matéria 25

Fonte: elaborado pela autora

6.2.26 Matéria 26 – Manifestantes protestam na frente de hotel onde se hospeda Seleção Brasileira, no Ceará

Uma nota coberta de 57 segundos, lida por William Bonner, é a terceira referência às manifestações no JN de 17 de junho de 2013. O apresentador do telejornal está em Brasília, de onde fala sobre as ações dos manifestantes e a Seleção de futebol, o que pode ser conferido na Tabela 26, na sequência.

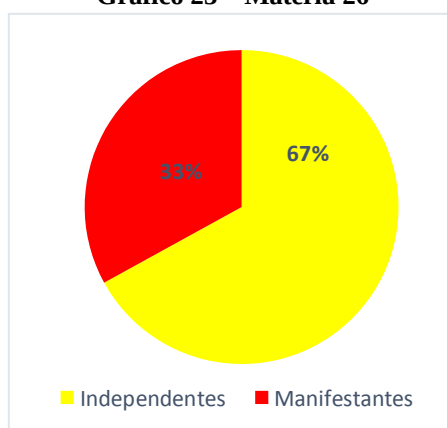
Tabela 26 – Matéria 26

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Seleção Brasileira	-	-	I
Seleção Brasileira	-	-	I
Seleção	-	-	I
Manifestantes	-	-	M
Delegação do Brasil	-	-	I
Todo mundo (manifestantes)	-	-	M

Fonte: elaborada pela autora

Não há entrevistados. Manifestantes são citados duas vezes, ao passo que a Seleção Brasileira de futebol é mencionada em quatro outros momentos. O Gráfico 23 indica as parcelas correspondentes aos sujeitos referidos.

Gráfico 23 – Matéria 26



Fonte: elaborado pela autora

6.2.27 Matéria 27 – Manifestantes se dividem pela Zona Sul de São Paulo

Também em 17 de junho de 2013, o repórter César Galvão faz uma entrada ao vivo direto de São Paulo. Em 52 segundos, cita seis vezes os manifestantes – que não são consultados –, como indica a Tabela 27.

Tabela 27 – Matéria 27

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Manifestantes	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Grupo (de manifestantes)	-	-	M

Fonte: elaborada pela autora

6.2.28 Matéria 28 – Situação no Rio segue tensa

Bette Lucchese faz uma entrada ao vivo do Rio de Janeiro, com 53 segundos. Ela menciona as autoridades (seis vezes), os manifestantes (cinco vezes) e o Corpo de Bombeiros (duas vezes) – que não tem ligação direta com os protestos. Não há entrevistados.

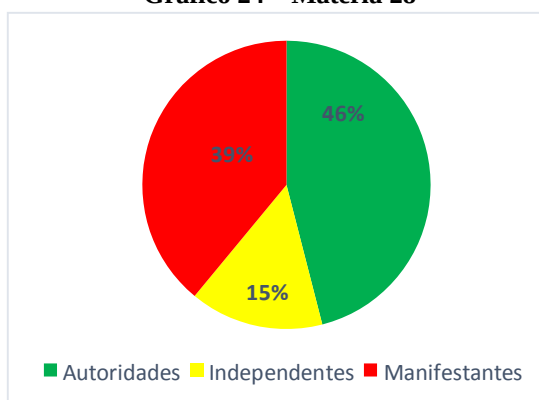
Tabela 28 – Matéria 28

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Polícia	-	-	A
Bombeiros	-	-	I
Manifestantes	-	-	M
Corporação	-	-	I
PM	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Secretaria de Segurança	-	-	A
PMs	-	-	A
Um deles (PM)	-	-	A
Outros (PMs)	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Trezentos (manifestantes)	-	-	M

Fonte: elaborada pela autora

O Gráfico 24, a seguir, mostra as frações relativas aos grupos referidos.

Gráfico 24 – Matéria 28



Fonte: elaborado pela autora

6.2.29 Matéria 29 – Manifestantes se concentram na Avenida Afonso Pena, em BH

O sexto vídeo exibido sobre os protestos em 17 de junho de 2013 é uma entrada ao vivo de 36 segundos do repórter Ricardo Soares. Ele fala de Belo Horizonte e cita três vezes os manifestantes e duas vezes as autoridades. A Tabela 29 traz os detalhes.

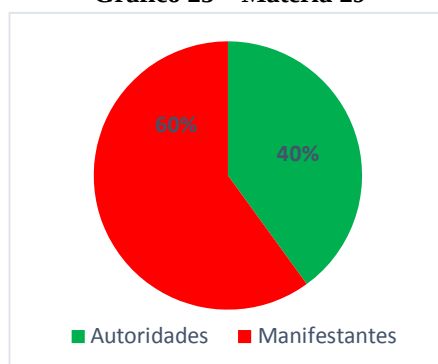
Tabela 29 – Matéria 29

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Manifestantes	-	-	M
Polícia	-	-	A
Multidão (de manifestantes)	-	-	M
Policiais	-	-	A
Pessoas (manifestantes)	-	-	M

Fonte: elaborada pela autora

No Gráfico 25 estão as proporcionalidades das alusões a cada uma das categorias.

Gráfico 25 – Matéria 29



Fonte: elaborado pela autora

6.2.30 Matéria 30 – Dilma diz que as manifestações pacíficas são legítimas e próprias da democracia

A matéria 30 é uma entrada ao vivo do repórter Vladimir Netto. Ele sobrevoa o Congresso, em Brasília, a bordo de um helicóptero. Como mostra a Tabela 30, cita autoridades (três vezes) e manifestantes (duas vezes). Sua participação no JN de 17 de junho de 2013 tem duração de um minuto e dois segundos.

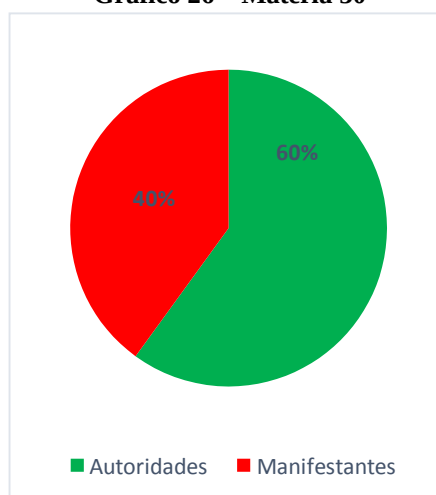
Tabela 30 – Matéria 30

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Ministério Público	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Presidente Dilma	-	-	A
Jovens (manifestantes)	-	-	M
Ministra-Chefe da Secretaria de Comunicação Social Helena Chagas	-	-	A

Fonte: elaborada pela autora

Os percentuais representativos dos dois grupos mencionados por Vladimir estão no Gráfico 26, abaixo.

Gráfico 26 – Matéria 30



Fonte: elaborado pela autora

6.2.31 Matéria 31 – Secretaria de Segurança Pública do DF identifica líderes da manifestação de sexta (14)

Camila Bomfim é a autora da matéria 31 – a oitava de 17 de junho de 2013 a apresentar os protestos. Durante dois minutos e 15 segundos, a repórter menciona autoridades (11 vezes) e manifestantes (18 vezes). Dois sujeitos de cada um desses grupos são entrevistados.

Gabriel Santos Elias – Estudante: “Todo servidor público tem os direitos civis e políticos garantidos” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Agnelo Queiroz – Governador do Distrito Federal: “Já tá comprovado, agora, que foi uma ação paga pra fazer uma manifestação” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Edemilson Paraná – Representante do Comitê Popular da Copa: “Nós não temos nenhum envolvimento com nenhum tipo de financiamento, conforme diz o Governo do Distrito Federal” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Gilberto Carvalho – Ministro-Chefe da Secretaria Geral da Presidência: “Se ele praticou algum ilícito, ele será responsabilizado pelo ilícito praticado. Mas pra isso temos que ter prova, temos que ter a comprovação” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Embora não seja consultado como especialista, o estudante ouvido pelo Jornal Nacional produz uma fala com *efeito de saber*, de acordo com Charaudeau (2013). Agnelo Queiroz e Edemilson Paraná dão declarações com *efeito de testemunho*, enquanto o ministro Gilberto Carvalho emite uma frase com *efeito de decisão*. A Tabela 31 apresenta os detalhes.

Tabela 31 – Matéria 31

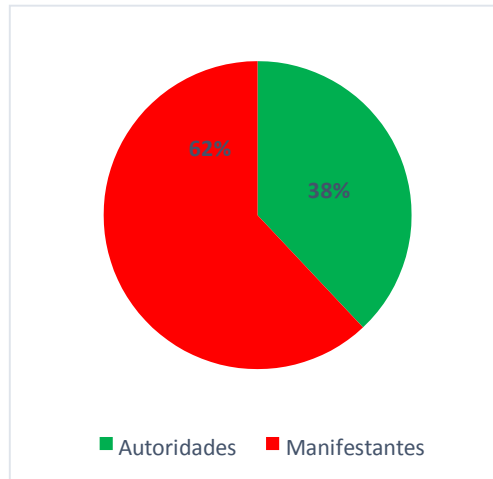
Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Ministro Gilberto Carvalho	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Secretaria de Segurança Pública	-	-	A
Líderes (da manifestação)	-	-	M
Polícia	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Um deles (motorista)	-	-	M
Motorista	-	-	M
Secretaria de Segurança	-	-	A
Líderes (do protesto)	-	-	M
Mayra Cotta Cardozo de Souza	-	-	M
Danniel Gobbi Fraga da Silva	-	-	M
João Vitor Rodrigues Loureiro	-	-	M
Gustavo Moreira Capela	-	-	M
Gabriel Santos Elias	Estudante	S	M
Governador do Distrito Federal	Governador do Distrito Federal	T	A

Um dos integrantes (da manifestação)	Representante do Comitê Popular da Copa	T	M
Governo do Distrito Federal	-	-	A
Ministro da Secretaria Geral da Presidência Gilberto Carvalho	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Funcionários subordinados	-	-	M
Ele (ministro)	-	-	A
Ministro	Ministro-Chefe da Secretaria Geral da Presidência	D	A
Ele (funcionário)	-	-	M
Ele (funcionário)	-	-	M
Casa Civil da Presidência	-	-	A
Servidores	-	-	M
Casa Civil	-	-	A
Gustavo Moreira Capela	-	-	M

Fonte: elaborada pela autora

A proporção condizente a cada um dos grupos mencionados por Camila Bomfim é representada no gráfico a seguir.

Gráfico 27 – Matéria 31



Fonte: elaborado pela autora

6.2.32 Matéria 32 – Manifestantes invadem espelho d'água e sobem teto do Congresso Nacional, em Brasília

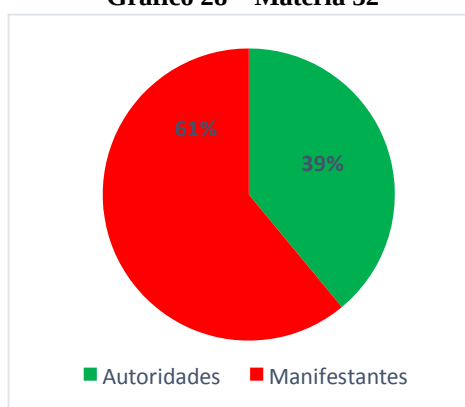
A matéria 32 tem três minutos e 21 segundos e é de autoria de Poliana Abritta. Conta, ainda, com uma entrada ao vivo de Vladimir Netto – direto do Globocop. Ambos falam de Brasília. Juntos, citam 15 vezes as autoridades e 23 vezes os manifestantes. Poliana e Vladimir não entrevistam ninguém, como apresenta a Tabela 32.

Tabela 32 – Matéria 32

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Policiais	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Muitos (manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Policiais	-	-	A
Quem tentou romper o cordão de isolamento	-	-	M
Polícia	-	-	A
Eles (manifestantes)	-	-	M
Policiais	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Alguns (manifestantes)	-	-	M
Maioria (dos manifestantes)	-	-	M
Parlamentares	-	-	A
Eles (manifestantes)	-	-	M
Policiais militares	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Polícia Legislativa	-	-	A
Policiais	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Dois deles (manifestantes)	-	-	M
Polícia	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
PM	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Policiais	-	-	A
Batalhão da Esplanada	-	-	A
Batalhão de Choque do Regimento de Polícia Montada	-	-	A
Eles (policiais)	-	-	A
Eles (manifestantes)	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M
Homens da Polícia do Exército	-	-	A

Fonte: elaborada pela autora

O Gráfico 28 ilustra a divisão proporcional aos grupos mencionados.

Gráfico 28 – Matéria 32

Fonte: elaborado pela autora

6.2.33 Matéria 33 – Diversas capitais do País também têm dia de protesto

A décima referência às manifestações feita pelo JN em 17 de junho de 2013 é uma nota coberta de dois minutos lida por Patrícia Poeta. Como exibe a Tabela 33, nela, há duas alusões ao grupo dos que não possuem ligação direta com os protestos, cinco a autoridades e 14 a manifestantes. Ninguém é consultado.

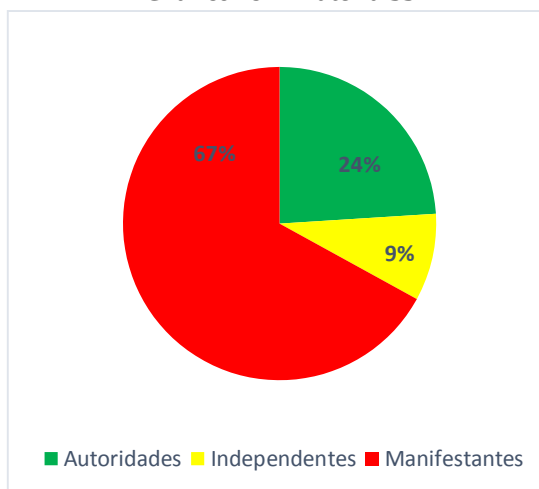
Tabela 33 – Matéria 33

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Manifestantes	-	-	M
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Polícia	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Polícia	-	-	A
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Motoristas	-	-	I
Manifestantes	-	-	M
Polícia	-	-	A
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Polícia	-	-	A
Brasil (Seleção de futebol)	-	-	I
Manifestantes	-	-	M
Polícia	-	-	A
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Manifestante	-	-	M
Ele (manifestante)	-	-	M

Fonte: elaborada pela autora

O Gráfico 29 estampa as fatias correspondentes aos grupos citados.

Gráfico 29 – Matéria 33



Fonte: elaborado pela autora

6.2.34 Matéria 34 – Mais de 20 mil pessoas protestam nas ruas em BH

A matéria 34 tem dois minutos e 41 segundos. Nela, a repórter Isabela Scalabrini e o repórter Ricardo Soares – que aparece no vídeo depois de um minuto e 55 segundos, em uma entrada ao vivo – se referem aos manifestantes (17 vezes) e às autoridades (14 vezes). Um representante da Polícia é entrevistado.

Tenente Coronel Alberto Luís – Polícia Militar-MG: “E aí nós vamos conversando e, paulatinamente, eles poderão seguir como nós estamos fazendo agora. Os militares estão recuando e eles poderão seguir. (*Repórter: Até o Mineirão?*) Pretendemos até o perímetro de segurança estabelecido pela Fifa” (JORNAL NACIONAL, 2013, *online*).

Conforme Charaudeau (2013), a fala do policial tem *efeito de decisão*. A Tabela 34, na sequência, apresenta esse e outros apontamentos.

Tabela 34 – Matéria 34

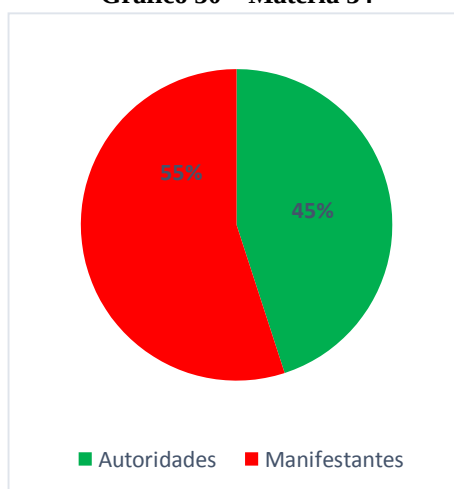
Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Governo	-	-	A
Tropa de Choque da Polícia Militar	-	-	A
Moradores (manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M

Manifestantes	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M
PM	-	-	A
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Batalhão de Choque	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Polícia	Polícia Militar-MG	D	A
Eles (manifestantes)	-	-	M
Militares	-	-	A
Eles (manifestantes)	-	-	M
Policiais	-	-	A
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Polícia	-	-	A
Comando da Corporação	-	-	A
Alguns policiais	-	-	A
Comando da PM	-	-	A
Alguns policiais	-	-	A
Rapaz (manifestante)	-	-	M
Tropa de Choque	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Governo do Estado	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Alguns deles	-	-	M

Fonte: elaborada pela autora

Os percentuais respectivos aos sujeitos mencionados pelos repórteres podem ser vistos no Gráfico 30.

Gráfico 30 – Matéria 34



Fonte: elaborado pela autora

6.2.35 Matéria 35 – Manifestação reúne 100 mil pessoas e se espalha pelo Centro do Rio de Janeiro

Bette Lucchese é a autora da matéria 35. A repórter, inclusive, faz uma entrada ao vivo ao final do vídeo que tem três minutos e 24 segundos de duração. Três homens sem identificação, do grupo dos manifestantes, têm voz no JN de 17 de junho de 2013.

Homem sem identificação (1): “Todo mundo aqui estuda junto. A gente achou superinteressante a gente expor nossa insatisfação com o que tá acontecendo nessa passeata e, por isso, a gente tá aqui, assim como a maioria dos jovens que estão aqui hoje” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Homem sem identificação (2): “A não violência é importante. Dá pra chegar num acordo, dá pra chegar onde quiser sem essa violência, sem quebrar tudo e é bacana isso” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Homem sem identificação (3): “O aumento da passagem pública, sem melhoria no transporte é roubo e também não é só isso. É questão de investimento na saúde, na educação. A gente não ganha nada” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

A primeira entrevista tem *efeito de testemunho* e as outras duas possuem *efeito de opinião* (CHARAUDEAU, 2013), como consta na Tabela 35.

Tabela 35 – Matéria 35

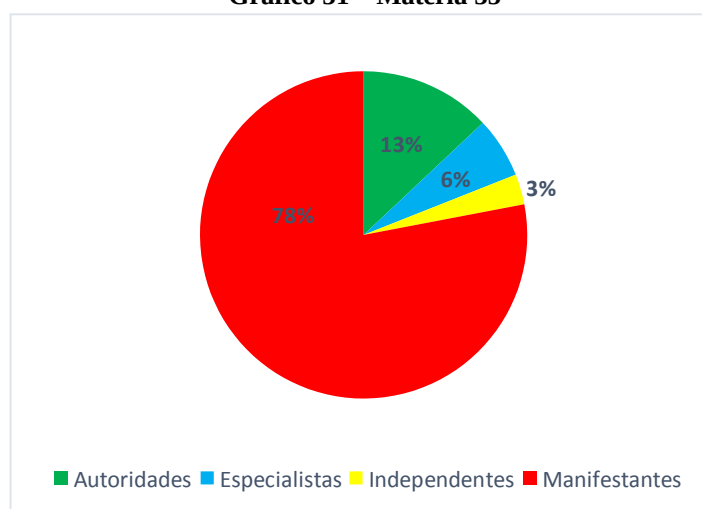
Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Multidão (de manifestantes)	-	-	M
Especialistas	-	-	E
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	Homem sem identificação (1)	T	M
Todo mundo (manifestantes)	-	-	M
Maioria dos jovens (manifestantes)	-	-	M
Grupos	-	-	M
Pessoas	-	-	I
Manifestantes	Homem sem identificação (2)	O	M
-	Homem sem identificação (3)	O	M
Participantes (manifestantes)	-	-	M
Multidão (de manifestantes)	-	-	M
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Polícia Militar	-	-	A
Participantes	-	-	M
Especialista	-	-	E
Manifestantes	-	-	M
Estudantes	-	-	M
Trabalhadores	-	-	M
Manifestantes	-	-	M

Polícia	-	-	A
Multidão (de manifestantes)	-	-	M
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Ele	-	-	M
Uma pessoa	-	-	M
Ela (pessoa ferida)	-	-	M
Pessoa ferida	-	-	M
Presidente da Assembleia Legislativa	-	-	A
PMs	-	-	A
Manifestantes			M

Fonte: elaborada pela autora

Quatro das 32 menções são feitas à categoria das autoridades, duas a especialistas, uma ao grupo dos independentes e 25 aos manifestantes. A porcentagem de cada uma dessas divisões está ilustrada no Gráfico 31.

Gráfico 31 – Matéria 35



Fonte: elaborado pela autora

6.2.36 Matéria 36 – São Paulo tem manifestação pacífica nesta segunda-feira (17)

Ainda em 17 de junho de 2013, Carla Modena, Jean Raupp, Fábio Turci e César Galvão apresentam a matéria 36, com três minutos e 36 segundos. Três sujeitos concedem entrevista.

Mulher sem identificação: “Por precaução, né? Demos um jeito de fechar as portas da loja. Porque não sabe o que vai acontecer, né?” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Major Paulo Wilhem – Polícia Militar-SP: “A gente pode dizer pra vocês hoje que, graças a Deus, vai ser tudo na paz” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Homem sem identificação: “Agora que eu me deparei que tá tudo parado aqui. (Repórter: Vai fazer o quê agora?) Ah, agora é esperar, né?” (JORNAL NACIONAL, 2013, on-line).

A Tabela 36 mostra que o homem e a mulher que não foram identificados emitem falas com *efeito de testemunho*, ao passo que o policial dá uma declaração com *efeito de decisão* (CHARAUDEAU, 2013).

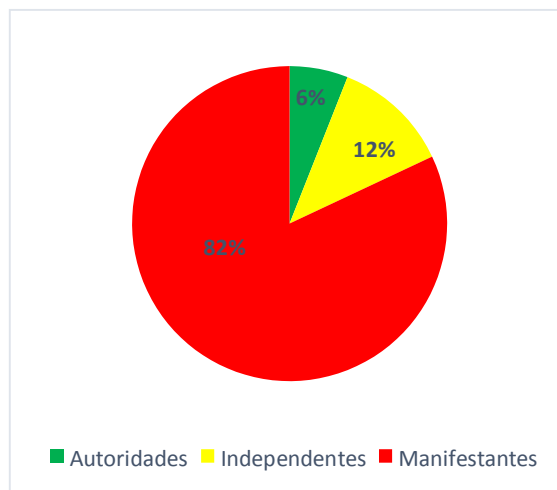
Tabela 36 – Matéria 36

Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Multidão (de manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Policiais	-	-	A
Comércio	Mulher sem identificação	T	I
Policiais	Polícia Militar-SP	D	A
Manifestantes	-	-	M
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
PSTU	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Multidão (de manifestantes)	-	-	M
Gente	Homem sem identificação	T	I
Muita gente	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M
Multidão (de manifestantes)	-	-	M
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Blocos (de manifestantes)	-	-	M
Outro bloco (de manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M
Motoristas	-	-	I
Eles (manifestantes)	-	-	M
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M
Grupo (de manifestantes)	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M
TV Globo	-	-	I

Fonte: elaborada pela autora

Dos citados, dois fazem parte da categoria das autoridades, quatro não têm ligação direta com as manifestações e 28 são do grupo dos manifestantes. O Gráfico 32 esclarece essa divisão.

Gráfico 32 – Matéria 36



Fonte: elaborado pela autora

6.2.37 Matéria 37 – TV Globo faz reportagens sobre as manifestações desde o início

A matéria 37 é um editorial⁷⁵ de 21 segundos. O texto menciona a TV Globo, a Polícia e os manifestantes (duas vezes). O editorial tem *efeito de opinião* (CHARAUDEAU, 2013).

Patrícia Poeta: “A TV Globo vem fazendo reportagens das manifestações desde o seu início e sem nada a esconder. Os excessos da Polícia, as reivindicações do Movimento Passe Livre, o caráter pacífico dos protestos e quando houve depredações e destruição de ônibus. É nossa obrigação e dela nós não nos afastaremos. O direito de protestar e se manifestar *pacificamente* é um direito dos cidadãos” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*, grifo nosso).

A tabela a seguir expõe os detalhes do vídeo.

Tabela 37 – Matéria 37

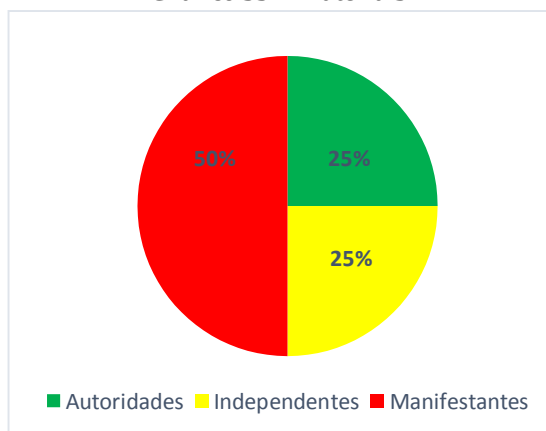
Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
TV Globo	TV Globo	O	I
Polícia	-	-	A
Movimento Passe Livre	-	-	M
Cidadãos	-	-	M

Fonte: elaborada pela autora

⁷⁵ “Texto que expressa a opinião da emissora sobre determinado assunto” (PATERNOSTRO, 1999, p. 141).

O Gráfico 33 ilustra a fração correspondente às categorias citadas no editorial.

Gráfico 33 – Matéria 37



Fonte: elaborado pela autora

6.2.38 Matéria 38 – Cerca de 65 mil pessoas protestam contra aumento da tarifa do transporte público em SP

A última matéria que aborda as manifestações em 17 de junho de 2013 tem quatro minutos e 16 segundos. É uma entrada ao vivo de César Galvão seguida por uma reportagem de Graziela Azevedo. Há 50 menções: 25 aos manifestantes, 23 às autoridades e duas a especialistas. Duas autoridades e quatro manifestantes são entrevistados.

Caio Martins – Integrante do Movimento (1): “O trajeto não está decidido ainda. E ele só vai ser definido na hora, com avaliação do número de pessoas, da Polícia, com uma negociação com todos os grupos da manifestação” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Érica de Oliveira – Integrante do Movimento (2): “O objetivo das manifestações e dessa luta, desde que ela começou, ele é um só. É a revogação do aumento da tarifa. Independentemente da amplitude que os atos tomaram, por diversas razões. Então, eu acho que esse é um ponto que precisa ser esclarecido e fundamental” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Mateus Preis – Integrante do Movimento (3): “A gente vai acompanhar o Comando da Polícia, ao longo do trajeto, e vai informar o trajeto pra gente manter a ordem e impedir que haja pressão policial” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Mayara Vivian – Integrante do Movimento (4): “A nossa manifestação será, como sempre foi, pacífica. E a gente espera que a Polícia Militar cumpra o seu acordo de não agredir, não gerar cenas de brutalidade, como a gente assistiu na quinta-feira” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Fernando Grella – Secretário de Segurança Pública-SP: “Eles vão poder ir. Se eles quiserem ir, eles vão poder ir. O trajeto vai ser definido pelo Movimento e comunicado à Polícia Militar. Essa é a diretriz nossa: que não haja emprego de bala de borracha, nem o emprego no momento do Pelotão de Choque. Agora, o comando operacional é do comandante e mais: foi acertado com ele que as ações de pessoas ou de grupos, ações violentas, criminosas, serão objeto de uma atuação policial pontual da Polícia e não de dispersão da manifestação” (JORNAL NACIONAL, 2013, *on-line*).

Geraldo Alckmin – Governador de São Paulo: “Proibimos a utilização de bala de borracha em manifestações públicas e o mais importante: eu acho que nós podemos dar um grande exemplo, né, de que preservar o direito de manifestação sem prejuízo pra ninguém. E quero aqui publicamente elogiar as lideranças do Movimento e também a Polícia Militar e a Segurança Pública” (JORNAL NACIONAL, 2013, *online*).

As seis falas têm *efeito de decisão* (CHARAUDEAU, 2013), como mostra a Tabela 38.

Tabela 38 – Matéria 38

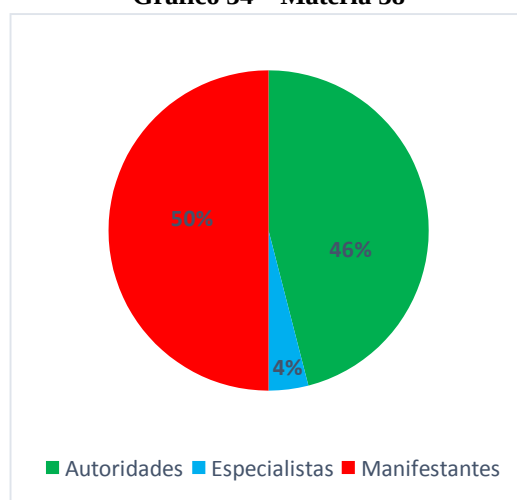
Sujeitos citados	Sujeitos ouvidos	Efeito da fala	Categoria
Manifestantes	-	-	M
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Instituto DataFolha	-	-	E
Manifestantes	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M
Manifestantes	-	-	M
Instituto DataFolha	-	-	E
Eles (manifestantes)	-	-	M
Polícia Militar	-	-	A
Manifestantes	-	-	M
Autoridades do Estado de São Paulo	-	-	A
Integrantes do Movimento Passe Livre	-	-	M
PM	-	-	A
Secretaria de Segurança	-	-	A
Representantes do Movimento	Integrante do Movimento (1)	D	M
Pessoas	-	-	M
Polícia	-	-	A
Grupos da manifestação	-	-	M
Eles (manifestantes)	Integrante do Movimento (2)	D	M
Movimento	-	-	M
Ministério Público	-	-	A
Polícia Militar	-	-	A
Igreja Católica	-	-	A
Movimentos sociais	-	-	M
Lideranças do Movimento	Integrante do Movimento (3)	D	M
-	Integrante do Movimento (4)	D	M
Secretário da Segurança Pública	Secretário de Segurança Pública-SP	D	A
Comando da Polícia	-	-	A
Polícia Militar	-	-	A
Polícia Militar	-	-	A
Movimento (de manifestantes)	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M
Eles (manifestantes)	-	-	M
Movimento	-	-	M
Polícia Militar	-	-	A

Pelotão de Choque	-	-	A
Comandante (da Polícia)	-	-	A
Ele (comandante da Polícia)	-	-	A
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Grupos (de manifestantes)	-	-	M
Polícia	-	-	A
Governador Geraldo Alckmin	Governador de São Paulo	D	A
Polícia	-	-	A
Pessoas (manifestantes)	-	-	M
Lideranças do Movimento	-	-	M
Polícia Militar	-	-	A
Segurança Pública (Secretaria)	-	-	A
Prefeitura de São Paulo	-	-	A
Movimento Passe Livre	-	-	M
Conselho da Cidade	-	-	A

Fonte: elaborada pela autora

O Gráfico a seguir traz as representações percentuais de cada grupo citado.

Gráfico 34 – Matéria 38



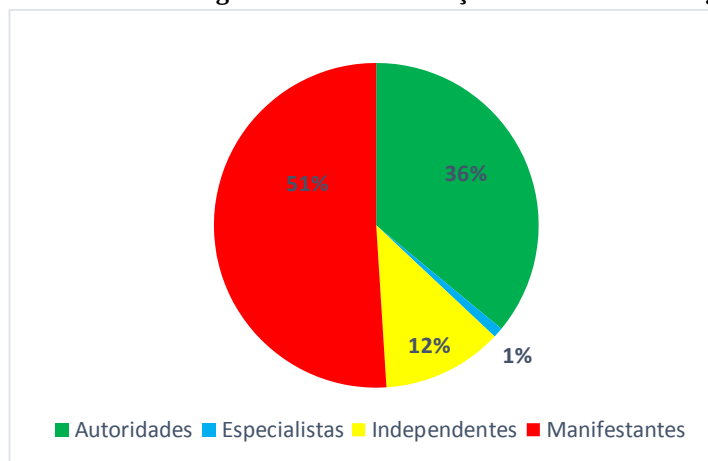
Fonte: elaborada pela autora

6.3 ANÁLISE DISSERTATIVA DOS SUJEITOS

Para que possamos avançar na discussão e no aprofundamento dos dados apresentados no tópico 6.2, retomamos – e compilamos – alguns deles. A ideia é criar um panorama das 38 matérias que formam nosso *corpus* de investigação a fim de que este nos dê os subsídios necessários para a problematização que vem a seguir. Nesse sentido, primeiro, enfatizamos que das 736 referências localizadas, 374 remetem à categoria dos manifestantes, 262 às autoridades,

92 a sujeitos sem relação direta com os protestos e oito a especialistas. A representação percentual desse total pode ser conferida no Gráfico 35, na sequência.

Gráfico 35 – Porcentagens relativas às menções totais a cada categoria



Fonte: elaborado pela autora

Das 38 matérias, 23 não contam com entrevistados – o que representa 61%. Ou seja, em apenas 15 delas há consulta a algum tipo de fonte –39%. Há 56 sonoras⁷⁶: 19 de autoridades, 19 de pessoas sem ligação direta com as manifestações, 15 de manifestantes e três de especialistas. Dessas 56 falas, 22 têm *efeito de testemunho*, 16 de *decisão*, 15 de *opinião* e três de *saber* (CHARAUDEAU, 2013). É a partir dessas informações que avançamos, agora, no detalhamento de cada uma das quatro categorias de sujeitos: manifestantes, autoridades, independentes e especialistas.

6.3.1 Manifestantes – A desordem que não se pode apreender

Como aferimos ao longo do trabalho, as fontes são fundamentais para a narrativa midiática. “A maioria das informações jornalísticas advém de organizações ou personagens que testemunham ou participam de eventos e fatos de interesse da mídia” (SCHMITZ, 2011, p. 9). Nos protestos de junho de 2013, os manifestantes protagonizaram cenas extraordinárias – no sentido de que fugiram à ordem preestabelecida. A pluralidade de suas características e reivindicações confundiu até mesmo a imprensa – que tem a função de esclarecer aos cidadãos aquilo que acontece no mundo. Em 23 de junho de 2013, por exemplo, a *ombudsman*⁷⁷ da Folha

⁷⁶ “Termo que se usa para designar uma fala da entrevista” (PATERNOSTRO, 1999, p. 151).

⁷⁷ Profissional contratado por um órgão, instituição ou empresa para receber críticas, sugestões e reclamações de usuários e consumidores. Deve mediar conflitos entre as partes envolvidas: empresa e seus consumidores.

de S. Paulo, Suzana Singer, perguntava: “Quem entrevistar, se são milhares e não há líderes?” (SINGER, 2013, *on-line*). Hardt e Negri (2012) já haviam alertado para o fato de que a multidão não se limita a um comando central. Mas, no afã de conjugar os levantes brasileiros de 2013 nos mesmos moldes em que cobriu as reivindicações dos Caras Pintadas, em 1992, o Jornal Nacional nomeou uma capitania para as insurgências, baseando-se em informações repassadas pela Polícia, primordialmente. A matéria 31, de Camila Bomfim, apresenta os manifestantes para além dessa nomenclatura, fornecendo informações complementares sobre eles. Nesse caso, para apontá-los como líderes. Comandantes também são indicados na matéria 38, de Graziela Azevedo. É nesta, inclusive, que se consegue a confirmação daquilo que o JN pronunciava. Uma integrante do Movimento Passe Livre garante que só há um objetivo para a luta: a revogação do aumento da tarifa. Das causas, porém, vamos tratar à frente.

“Uma organização guerrilheira tem muitas cabeças, mas um enxame não tem cabeça”, asseguram Hardt e Negri (2012, p. 89). Por que, então, procurar por comandantes? Como expusemos na página 55, desde a metade da década de 1990, movimentos sociais e partidos políticos se caracterizaram como os principais organizadores de manifestações no País. Estes, sim, com lideranças deliberadas. Acostumada com essa forma de organização – definida por Bauman (2003) como *sargento-soldados* –, a mídia (a Globo e, por consequência, o Jornal Nacional) foi às ruas procurar respostas para as seis perguntas do *lead* – o que inclui *Quem*. Não obstante, nessa caça às cabeças, considerou que as fontes podem ser mais ou menos confiáveis. Logo, aqueles que se expõem como chefes têm menos propensão a mentir. Além disso, “[...] *militantes políticos* são treinados para estar convencidos daquilo que dizem e, portanto, para se mostrarem convincentes” (LAGE, 2001, p. 59, grifo nosso).

Os manifestantes, mencionados 374 vezes pelo Jornal Nacional – no período que analisamos –, foram ouvidos em 15 diferentes momentos de sete das 38 matérias: seis vezes com *efeito de testemunho*, quatro vezes com *efeito de opinião*, outras quatro vezes com *efeito de decisão* e uma vez com *efeito de saber* (CHARAUDEAU, 2013). Protagonistas dos levantes que viraram notícia fora do Brasil, aqueles que protestaram expuseram suas causas para os repórteres do JN apenas uma vez (ver tópico 6.3.1.3). Também não falaram sobre si. Então, quem eram? Para Hardt e Negri (2012), lembramos, a multidão é uma coleção de singularidades. Mas os créditos no GC⁷⁸ classificaram os manifestantes de forma superficial: estudantes, ativistas e integrantes do Movimento. Perfis diferentes do que apresenta a Folha de

⁷⁸ Gerador de caracteres: onde estão os nomes dos entrevistados, do repórter, legendas (PATERNOSTRO, 1999).

S. Paulo em infográfico⁷⁹ produzido ainda em junho de 2013. Segundo o jornal, a maioria (39%) das pessoas que saíram às ruas eram trabalhadores assalariados.

Agora, retomamos de modo breve e reunido as falas dos insurgentes entrevistados pelo Jornal Nacional. Para que possam ser visualizadas com melhor clareza, estão arranjadas a partir dos efeitos que causam (CHARAUDEAU, 2013). Não pretendemos – reiteramos – analisar o(s) discurso(s). Essa disposição, no entanto, deve dar a dimensão do lugar cedido aos manifestantes (e aos outros sujeitos) pelo telejornal que analisamos, bem como sugestionar por quais razões foram consultados pelos repórteres do JN e se sua pluralidade foi considerada.

6.3.1.1 Manifestantes que testemunham

1) Na matéria 16, o *estudante* Vitor del Rey relata que estava na Avenida Presidente Vargas, no Rio de Janeiro, quando o Batalhão de Choque da Polícia passou a atacar os manifestantes. Vitor percebeu que alguns estavam feridos. Sua declaração confirma o que a repórter Bette Lucchese havia anunciado: a manifestação terminou com três feridos.

2) Na matéria 18, a *ativista* Mayara Vivian conta que presenciou uma ação desproporcional dos policiais. Sua entrevista vem logo depois do *off*⁸⁰ de Fábio Turci, que adianta: Mayara reclama da Polícia.

3) Também na matéria 18, depois de o repórter comentar que manifestantes lançaram pedras e fogos de artifício, o *estudante* José Augusto Portela dá sua versão. Ele conta que estava a caminho da faculdade quando notou a explosão de bombas que partiram da PM. Em seguida, policiais e manifestantes, segundo ele, se envolveram na confusão.

4) Ainda na matéria 18, o *estudante* de Psicologia Felipe Martins explica para o repórter – que alega que o estudante levou um tiro de bala de borracha nas costas – que a Polícia atirou primeiro e que não partiria para uma ofensiva contra policiais armados.

5) Já na matéria 31, o *representante* do Comitê Popular da Copa Edemilson Paraná nega que os protestos tenham sido financiados, como disse, na mesma matéria, o governador do Distrito Federal.

6) Na matéria 35, um manifestante que não é identificado declara que participa do protesto junto com colegas de aula.

⁷⁹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/infograficos/2013/06/18849-perfil-dos-manifestantes.shtml>>. Acesso em: 15 dez. 2015. O infográfico é caracterizado por ilustrações explicativas sobre um tema ou assunto. É a junção das palavras *info* (informação) e *gráfico* (desenho, imagem, representação visual) (GRAFFO, 2015).

⁸⁰ “Quando o locutor está lendo o texto sem aparecer na tela” (PATERNOSTRO, 1999, p. 146).

Sem muitas variações, as falas 1, 2, 3 e 4 consistem na descrição de ações da Polícia. A terceira inclui a violência dos manifestantes, enquanto a quinta serve de contraponto a uma entrevista do governo do DF e a sexta versa sobre a participação do próprio entrevistado no levante. Ou seja, os manifestantes ouvidos como testemunhas foram abordados durante a realização dos protestos e dirigem suas falas, basicamente, contra a Polícia.

6.3.1.2 *Manifestantes que opinam*

1) Na matéria 10, a *ativista* Mayara Vivian julga que o Movimento é pacífico. A sonora de Mayara complementa o texto de Graziela Azevedo, que sugere que o Movimento não apoia a violência.

2) Na matéria 14, depois que a repórter Guacira Merlin afirma que o vandalismo é reprovado por participantes das manifestações, um homem sem identificação define a ação de outros manifestantes como imbecilidade.

3) Na matéria 35, o segundo homem sem identificação que aparece no vídeo defende a ideia de que a não violência é importante. Sua fala vem na sequência do *off* de Bette Lucchese, que afirma que flores foram distribuídas por quem protestava.

4) O terceiro homem sem identificação na matéria 35 classifica como roubo o aumento da tarifa sem melhoria no transporte público.

As quatro declarações aqui trazidas tratam, respectivamente, da necessidade de passividade nos protestos, da aversão ao vandalismo, do repúdio à violência e do investimento no transporte público como justificativa para o reajuste. Os manifestantes consultados, no geral, inferem sobre a legitimidade do protesto a partir da passividade – menção feita pelo JN em diferentes matérias e que pode ser conferida, por exemplo, na matéria 37 (página 119). Essa repetição não é vã, considerando-se que o jornalista opera a partir da lógica de que precisa “encontrar várias fontes que digam a mesma coisa para garantir a veracidade da informação” (RAMONET, 2013, p. 69).

6.3.1.3 *Manifestantes que decidem*

1) Na matéria 38 são apontados alguns dos líderes eleitos pelo JN. Um deles é o *integrante* do Movimento (1) Caio Martins. Em sua explanação, ele assegura que o trajeto a ser percorrido pela manifestação será decidido na hora em que ela for realizada.

2) Na mesma matéria, a *integrante* do Movimento (2) Érica de Oliveira afirma que a revogação do aumento da tarifa é a única causa dos protestos.

3) Ainda na matéria 38, o *integrante* do Movimento (3) Mateus Preis sugere que os manifestantes acompanhem o comando da Polícia e mantenham a ordem.

4) Por fim, também na matéria 38, a *integrante* do Movimento (4) Mayara Vivian recomenda que a manifestação deve ser pacífica.

Nas declarações 1, 3 e 4 são explicitadas as *regras do jogo* – como os manifestantes devem se comportar. Já a entrevista 2 reserva um debate mais aberto. Oriunda do Movimento Passe Livre, Érica procura fixar *sua* reivindicação como principal. Esquece, porém, que as manifestações ocorrem há, pelo menos, 11 dias e que as exigências de quem protesta incluem maiores investimentos em saúde, o fim da corrupção, questões de segurança pública, redução da inflação, melhorias nos serviços públicos, maiores investimentos em educação, entre outras causas (IBOPE, 2013, *on-line*). Além disso, como apontam Hardt e Negri (2012, p. 422), na multidão, “o uno nunca decide”.

6.3.1.4 Manifestantes que sabem

1) Na matéria 31, o *estudante* Gabriel Elias dos Santos demonstra possuir conhecimentos jurídicos. Gabriel distingue seus direitos e afirma que é livre para protestar – mesmo que seja um servidor público, como faz questão de frisar a reportagem do JN.

Como relatou a *ombudsman* da Folha de S. Paulo, “a *multidão* que tomou conta das ruas do país deixou desorientados não apenas os políticos e intelectuais mas também a imprensa” (SINGER, 2013, *on-line*). O Jornal Nacional recorreu à antiga fórmula de identificar o comando das ações. Nesse impasse, tratou de homogeneizar aqueles que foram às ruas, nomeando-os *manifestantes* – de forma generalizada. Eles foram apresentados ao público como estudantes e integrantes do Movimento Passe Livre. Mas, como asseguram Hardt e Negri (2012, p. 248), “ainda que a multidão forme um corpo, continuará sempre e necessariamente a ser uma composição plural, e nunca se tornará um todo unitário dividido por órgãos hierárquicos”.

6.3.2 Autoridades (ou sobre quem tem direito ou poder de mandar)

Os sujeitos classificados como autoridades (policiais, políticas e religiosas) foram citados 262 vezes em dez das 38 matérias que analisamos. Eles foram entrevistados em 19

ocasiões. Suas falas geraram *efeito de decisão* (12 vezes), de *opinião* (cinco vezes) e de *testemunho* (duas vezes). De modo que nosso interesse – anunciado antes – está dirigido para quem protestou e por que motivos, não nos aprofundaremos na discussão desse grupo (e dos próximos dois) tal qual fizemos com os manifestantes. Trazemos à tona, no entanto, a essência de cada declaração.

- 1) Na matéria 5, o prefeito de São Paulo *decide* que vai reajustar a tarifa.
- 2) Também na matéria 5, o governador de São Paulo *decide* que aqueles que danificam o patrimônio público devem ressarcir o erário público.
- 3) Na matéria 10, o governador paulista *decide* que não haverá redução de tarifas.
- 4) Na mesma matéria, o prefeito de São Paulo *decide* que o valor será mantido.
- 5) Ainda na matéria 10, o ministro da Justiça *decide* que o Governo Federal está à disposição para ajudar o Estado de São Paulo contra a violência nos protestos.
- 6) Na matéria 17, o governador de São Paulo *decide* que os abusos da Polícia devem ser apurados de forma rigorosa.
- 7) Na matéria 18, o major da Polícia Militar *decide* que, se os acordos não forem cumpridos pelos manifestantes, haverá reação da Polícia.
- 8) Na matéria 31, o Ministro-Chefe da Secretaria Geral da Presidência *decide* que, se for comprovada a prática de ilícito por um de seus subordinados, este deverá ser responsabilizado.
- 9) Na matéria 34, o tenente-coronel *decide* que os manifestantes poderão avançar na medida em que os policiais recuarem.
- 10) Na matéria 36, o major *decide* que a manifestação transcorrerá pacificamente.
- 11) Na matéria 38, o secretário de Segurança Pública *decide* que balas de borracha não serão usadas.
- 12) Também na matéria 38, o governador de São Paulo *decide* que está proibida a utilização de balas de borracha.
- 13) Na matéria 16, o coronel *opina* sobre a intervenção do Batalhão de Choque.
- 14) Na matéria 17, o secretário de Segurança Pública *opina* sobre a atuação policial.
- 15) Na mesma matéria, o prefeito de São Paulo *opina* sobre a condução policial.
- 16) Ainda na matéria 17, o senador paulista *opina* sobre o modo de luta.
- 17) Na matéria 17, o ministro da Justiça *opina* sobre a expertise da Força Nacional.
- 18) Na matéria 14, o coronel dá seu *testemunho* sobre os depredadores.
- 19) Na matéria 31, o governador do Distrito Federal dá seu *testemunho* sobre a realização de um protesto.

Vale salientar que as autoridades somam 36% de todas as menções. É a categoria que mais se aproxima – em números – dos manifestantes, o que nos leva a problematizar, mais uma vez, a seleção das fontes pelos jornalistas. Como explicam Kovach e Rosenstiel (2003, p. 122), “às vezes buscar o equilíbrio de todos os lados não resulta numa reflexão verdadeira da realidade”, especialmente porque, aqui, os lados configuram, basicamente, um binarismo. Além disso,

[...] não se pode construir uma democracia com a tirania da maioria sobre a minoria, a democracia só funciona se as minorias tiverem direitos e não forem subjugadas pelas majorias. A democracia não é a ditadura da maioria, ou não é assim que ela deveria ser; é necessário aceitar as minorias (RAMONET, 2013, p. 66).

Destaque-se que, para Hardt e Negri (2012), a “multidão é o único sujeito social capaz de realizar a democracia” (HARDT; NEGRI, 2012, p. 141). Mas, para isso, é preciso que suas singularidades sejam acolhidas. Note-se que a maior parte dos manifestantes entrevistados falou como testemunha dos protestos (40%). Já as autoridades, emitiram decisões em 63% das vezes em que foram consultadas.

6.3.3 Independentes – o *homo quotidianus*

Os sujeitos sem associação direta com as manifestações foram citados 92 vezes nas 38 matérias que compõem nosso *corpus* de investigação. A eles, a palavra foi dada em 19 ocasiões, em seis matérias. Deram testemunho em 15 oportunidades e opinaram em outras quatro.

- 1) Na matéria 2, a balconista dá seu *testemunho* sobre as depredações.
- 2) Na mesma matéria, a fala é do garçom que *testemunhou* cenas de violência.
- 3) Na matéria 5, um professor dá seu *testemunho* sobre as complicações causadas pelos protestos no trânsito.
- 4) Também na matéria 5, uma auxiliar de saúde bucal é *testemunha* do que as pessoas que voltam para casa do trabalho têm de enfrentar durante as manifestações.
- 5) Na matéria 18, uma mulher sem identificação (1) *testemunha* pessoas subindo em seu próprio carro, o qual precisou abandonar.
- 6) Na mesma matéria, outra mulher sem identificação *testemunha* o efeito das bombas de gás arremessadas pela Polícia.
- 7) Na matéria 18, um homem sem identificação *testemunha* a agressão policial.

- 8) Na matéria 23, cinco homens e duas mulheres sem identificação descrevem em seus *testemunhos* a expectativa para o jogo de abertura da Copa das Confederações.
- 9) Na matéria 36, uma mulher *testemunha* o fechamento das portas do comércio.
- 10) Na mesma matéria, um homem sem identificação é *testemunha* do trânsito.
- 11) Na matéria 5, um homem sem identificação *opina* sobre os efeitos do protesto.
- 12) Na matéria 37, a TV Globo *opina* sobre sua própria cobertura das manifestações.

O *homo quotidianus* descrito por Charaudeau (2013) é testemunha em 79% das vezes que é consultado. Esses dados reforçam a ideia de que “dar a palavra aos anônimos corresponde a mostrar-se como organismo da informação cidadã ou mesmo popular” (CHARAUDEAU, 2023, p. 168), apesar de que, assim, as mídias podem ser acusadas de demagogia.

6.3.4 Especialistas – Declarantes profissionais

Os especialistas, sujeitos com domínio particular sobre alguns fenômenos, tiveram oito alusões em cinco das 38 matérias que analisamos. Eles foram entrevistados três vezes. Uma delas na matéria 5 (*efeito de saber*) e outras duas na matéria de número 20 (*efeito de saber* e *efeito de opinião*). Saliente-se que eles são os responsáveis pela explicação dos fatos.

- 1) Na matéria 5, o presidente da OAB-SP usa seus conhecimentos jurídicos para dizer que os manifestantes passam dos limites a partir do momento em que violam patrimônios públicos e privados e prejudicam o direito de ir e vir das pessoas.
- 2) Na matéria 20, o professor de Transporte Público apresenta um panorama da atual situação desse sistema, classificando-o como precário e pouco abrangente.
- 3) Também na matéria 20, o cientista político da Fundação Getúlio Vargas julga os atos de depredação dos ônibus.

Como mencionamos, os especialistas são indivíduos capacitados em campos específicos do conhecimento. Cabe a eles, inúmeras vezes, abastecer os jornalistas para que estes possam esclarecer para o público o que acontece no mundo. Além disso, “é conveniente ouvir mais de um especialista e variar os especialistas que se ouvem” (LAGE, 2001, p. 68). Como, então, anunciar e traduzir as significações de dezenas de protestos sem consultá-los? Talvez assumindo fielmente o objetivo de produzir um “primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas” (GLOBO, 2011, p. 3), sem que isso se configure como “uma reportagem didática” (BONNER, 2009, p. 110).

6.4 ANÁLISE DAS CAUSAS

Como expusemos ao longo do texto, as motivações que levaram os manifestantes às ruas eram variadas. Segundo pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), realizada em julho de 2013, o transporte público ocupava a oitava posição na lista das reivindicações (ver página 60). Para o Jornal Nacional, porém, esta foi a principal causa dos protestos. Das 38 matérias, 27 explicaram o *porquê*⁸¹ das insurgências. Foram 58 declarações nesse sentido, como mostra a Tabela 39.

Tabela 39 – Por que os manifestantes protestaram

Matéria	Causa
1	Aumento do preço das passagens dos transportes públicos Preço das passagens Aumento do preço das passagens dos transportes públicos Aumento da passagem
2	Aumento das passagens de transporte público Reajuste nas passagens de ônibus e do metrô
3	Aumento da passagem de ônibus Reajuste das passagens de ônibus
4	Aumento do preço das passagens de transporte público Aumento dos transportes coletivos
5	Aumento da tarifa do transporte público Transporte público As passagens de ônibus, trem e metrô Aumento do ônibus
7	Aumento da passagem de ônibus Aumento das passagens de ônibus
8	Reajuste nas passagens
11	Aumento das passagens Aumento do preço das passagens de ônibus
12	Preço da passagem de ônibus
13	Preço das passagens Passagens Qualidade de transporte público
14	Preço das passagens
16	Preço da passagem dos ônibus

⁸¹ Nos apêndices, essa questão está assinalada na cor cinza.

17	Aumento de passagem Redução das tarifas de ônibus, trem e metrô Aumento das passagens
18	Aumento das passagens de ônibus
19	Dinheiro que foi usado na construção do estádio
20	Aumento das passagens Insatisfação com as tarifas dos transportes
21	Preço da passagem de ônibus Redução do valor da passagem Qualidade do transporte público e passe-livre nos ônibus
22	Reajuste das passagens de ônibus
23	Contra os gastos da organização da Copa
24	Aumento do custo de vida
26	Gastos da Copa do Mundo
30	Passe livre, contra o dinheiro gasto nos estádios e contra a PEC 37
32	Apoio aos manifestantes de São Paulo e contra o dinheiro investido na Copa
33	Preços das passagens de ônibus, contra a violência e pela melhoria dos serviços públicos Contra a realização da Copa do Mundo e o preço da passagem de ônibus Solidariedade aos protestos no Rio de Janeiro e em São Paulo
34	Dinheiro investido pelo governo na Copa Melhorias no transporte público
35	Aumento das passagens de ônibus e do custo de vida
38	Aumento da tarifa do transporte público Aumento das tarifas dos transportes públicos Revogação do aumento da tarifa

Fonte: elaborada pela autora

O preço da passagem de ônibus é apontado como motivador dos levantes 41 vezes, ou seja, em 71% dos casos. Depois aparecem as queixas relativas aos investimentos na Copa do Mundo, realizada no Brasil em 2014. As despesas com o Mundial são citadas oito vezes (14%). A melhoria no transporte público representa 5% das reclamações identificadas pelo Jornal Nacional e foi mencionada três vezes. A exigência do passe livre e o aumento do custo de vida foram referidos duas vezes cada (3%+3%). Ainda há uma alusão à Proposta de Emenda Constitucional 37⁸² (2%) e uma à violência registrada nas manifestações (2%).

⁸² A PEC 37 sugeria incluir um novo parágrafo ao Artigo 144 da Constituição Federal, que trata da Segurança Pública. O item adicional traria a seguinte redação: "A apuração das infrações penais de que tratam os §§ 1º e 4º deste artigo, incumbem privativamente às polícias federal e civis dos Estados e do Distrito Federal, respectivamente" (EBC, 2013, *on-line*). Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/06/entenda-o-que-e-a-pec-37>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

Configurado como um movimento multitudinário, o ciclo de protestos de 2013 no Brasil permitiu, nas ruas, a expressão de todas as diferenças (HARDT; NEGRI, 2012) e manteve atuação mesmo depois que o Movimento Passe Livre recuou. Como sugere Bauman (2003), em vez de colunas em marcha, doutrinadas e guiadas, foram os *enxames* sincronizados que movimentaram o País. Afinal, a multidão aberta e expansiva produz o comum, mesmo que aparente caos e confusão social (HARDT; NEGRI, 2012). Além disso do “ponto de vista da ordem e do controle políticos [...], a carne elementar da multidão é desesperadoramente fugidia, pois não pode ser inteiramente enfeixada nos órgãos hierárquicos de *um* corpo político” (HARDT; NEGRI, 2012, p. 251, grifo nosso). A escolha de lideranças, então, e o absolutismo do preço das passagens aferido pelo JN ofuscaram a pluralidade emergente. Ocorre, porém, que

[...] já não existe qualquer possibilidade de voltar atrás em direção aos modelos modernos de representação, para criar uma ordem democrática. Precisamos inventar formas diferentes de representação, ou talvez novas formas de democracia que vão além da representação (HARDT; NEGRI, 2012, p. 322).

Na multidão, as “singularidades efetivamente se comunicam, e podem fazê-lo por causa do que compartilham” (HARDT; NEGRI, 2012, p. 174). É por isso que as incoerências dos objetivos que sacudiram o Brasil e os brasileiros são possíveis – o levantamento CNI-Ibope confirma essa possibilidade. No entanto, elas não foram discutidas no horário nobre do telejornalismo da Rede Globo. As diferenças que formam a própria multidão e suas causas ficaram restritas aos *estudantes e ativistas que queriam baixar o preço da passagem dos ônibus*.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os protestos realizados no Brasil em junho de 2013 perturbaram os políticos, os intelectuais e a mídia – que foi cobrada a explicar o que acontecia nas ruas. Muitas reportagens, salientamos, foram feitas com imagens aéreas capturadas a partir de helicópteros. Equipes em solo tiveram que esconder itens que identificassem suas empresas: crachás, canoplas. Em meio à desordem, repórteres foram atingidos por manifestantes e também por policiais – que agrediram, lembramos, muitos manifestantes e, em alguns casos, também foram atacados.

Contextualizamos que, a partir de 6 de junho daquele ano, o Movimento Passe Livre passou a convocar, por meio das redes sociais da Internet, mobilizações contra o aumento da tarifa do transporte público de São Paulo – o aparente estopim das insurgências. Logo, porém, outras causas foram ganhando espaço. Como apresentamos no capítulo quatro, por exemplo, as exigências giravam em torno de maiores investimentos em saúde, segurança e educação. O fim da corrupção e o controle da inflação também figuraram na lista das reivindicações que contava, ainda, com pedidos de melhoria nos serviços públicos, reforma política e cortes nas obras para a Copa do Mundo sediada pelo País, em 2014.

Apesar dessa variedade de motivos, a mídia – e o Jornal Nacional – seguiu o fio inicial: o reajuste das passagens. Não obstante – e diante de novos modos de cobertura, como o adotado pela Mídia NINJA –, saiu em busca de rostos e vozes que pudessem completar a narrativa. Líderes e testemunhas foram procurados e apontados. Embora tenha sido ouvido em pouquíssimos 15 casos, o sujeito mais citado pelo telejornal da Rede Globo foi o *manifestante*. Essa, inclusive, foi a nomenclatura pasteurizadora adotada pelo programa. Com ela, tornou-se desnecessário esclarecer, de fato, quem eram e o que queriam aqueles que protestaram.

A multidão, conceituada por Hardt e Negri (2012) – tão próxima dos enxames de Bauman (2003, 2007, 2008a, 2008b, 2013) e tão diferente das multidões de Le Bon (2008) e das massas de Viana (19-) e Baudrillard (2004) – é plural e acata a polifonia carnavalesca dos novos movimentos sem que isso signifique o abafamento de qualquer causa. Mas o JN deixou de lado uma das mais importantes premissas do Jornalismo, anotada, inclusive, nos *Princípios Editoriais das Organizações Globo*: dar voz a todas as partes envolvidas no acontecimento. Em apenas uma das 38 matérias que analisamos, os insurgentes tiveram a oportunidade de falar sobre o que os movia. A declaração – não à toa – condisse com o que o telejornal elegeu como desejo fundamental das passeatas: a revogação do aumento das passagens.

A justificativa de que o tempo é limitador e de que, quando há muitos assuntos para serem exibidos no horário nobre da emissora, não se pode fazer uma reportagem didática não cai bem, por exemplo, para o programa exibido em 17 de junho – data em que são veiculadas 15 matérias sobre os protestos. A explicação também não é suficiente se comparamos a matéria 8 (com 14 segundos) e a matéria 18 (com cinco minutos e 59 segundos): ambas têm o mesmo cerne, que é, de novo e sempre, o reajuste das passagens. Aqui, torna-se oportuno retomar nosso problema de pesquisa. Depois de apresentarmos o conceito de multidão, traçarmos um panorama de alguns levantes realizados por esses aglomerados ao redor do mundo, suscitarmos as causas dos manifestantes brasileiros e apontarmos, com o auxílio dos autores, as fórmulas midiáticas de seleção, afirmamos que a generalização das personagens e de suas motivações foi preponderante no lapso temporal analisado. Logo, a pluralidade da multidão não foi alcançada pelo Jornal Nacional. Ao chegarmos ao detalhamento do *corpus*, conseguimos confrontar a generalização apresentada pelo JN e a multiplicidade multitudinária alvitada pelos autores. É assim que garantimos que as variantes que fizeram pulsar as ruas não foram abordadas pelo telejornal no período estudado. Nossos gráficos, inclusive, comprovam nossa afirmativa. Eles ilustram, basicamente, um binarismo centrado em duas cores: vermelho (manifestantes) e verde (autoridades). A pluralidade, assim, não foi compreendida.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Tradução Jacob A. Pierce. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 351 p. Tradução de: *La construcción de la noticia*.
- ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnlismo**: a notícia como espetáculo. 2. ed. São Paulo: Casa Amarela, 2001. 294 p.
- ARTIGO 19. 2015. Disponível em: <<http://artigo19.org/blog/o-que-fazemos-2>>. Acesso em: 7 jun. 2015.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE MONITORAMENTO DE INFORMAÇÃO. 2015. Disponível em: <<http://www.abemo.org/>>. Acesso em: 3 de abr. 2015.
- BANCO DE TESES CAPES. 2015. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/>>. Acesso em: 31 mar. 2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977. 229 p. Tradução de: *L'Analyse de Contenu*.
- BAUDRILLARD, Jean. **À sombra das maiorias silenciosas**: o fim do social e o surgimento das massas. 1 ed. 1 reimp. Tradução Suely Bastos. São Paulo: Brasiliense, 2004. 86 p. Tradução de: *A l'ombre des majorités silencieuses on la fin du social*.
- BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 112 p. Tradução de: *Culture in a liquid modern world*.
- _____. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 144 p. Tradução de: *Community: seeking safety in as insecure world*.
- _____. **Medo líquido**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b. 240 p. Tradução de: *Liquid fear*.
- _____. **Vida líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 212 p. Tradução de: *Liquid life*.
- _____. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a. 200 p. Tradução de: *Consuming life*.
- BONNER, William. **Jornal Nacional**: modo de fazer. 1 ed. 2. reimp. São Paulo: Globo, 2009. 247 p.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. 143 p. Tradução de: *Sur la télévision*.
- BOX1824. 2015. Disponível em: <<http://box1824.com.br/>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

BROWN, Nicholas; SZEMAN, Imre. O que é a multidão? Questões para Michael Hardt e Antonio Negri. **Novos Estudos**. [S.l]. n. 75, p. 93-108, jul. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n75/a07n75.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

CARVALHO, Alexandre et al. **Reportagem na TV**: como fazer, como produzir, como editar. 1. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2015. 142 p.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 243 p. Tradução de: *The internet galaxy: reflections on the interbet, business and society*.

_____. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p. Tradução de: *Networks of outrage and hope: social movements in the internet age*.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução Angela M. S. Corrêa. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2013. 285 p. Tradução de: *Les médias et l'information: l'impossible transparence du discours*.

COMPANHIA DAS LETRAS. 2015. **O Príncipe**. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=85009>> Acesso em: 7 jun. 2015.

CORREIO BRAZILIENSE. 14 jun. 2013. **Protesto contra Copa causa caos nos arredores de estádio em Brasília**. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/06/14/interna_cidadesdf,371371/protesto-contr-copa-causa-caos-nos-arredores-de-estadio-em-brasilia.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. 1 ed. 5. reimp. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: 34, 2007. 1 v. 96 p. Tradução de: *Mille plateaux: capitalisme et schizophrénie*.

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. 1 ed. 5. reimp. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: 34, 2008a. 2 v. 112 p. Tradução de: *Mille plateaux: capitalisme et schizophrénie*.

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. 1 ed. 4. reimp. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: 34, 2008b. 3 v. 120 p. Tradução de: *Mille plateaux: capitalisme et schizophrénie*.

DEMOCRACIA REAL JÁ. 2015. Disponível em: <<http://www.democraciarealya.es/quienes-somos/>>. Acesso em: 8 jun. 2015.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. 2015. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. Disponível em: <<http://www.fenaj.org.br/materia.php?id=1811>>. Acesso em: 30 set. 2015.

FOLHA DE S. PAULO. 31 dez. 2005. **Globo censurou Diretas-Já, diz Boni**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc3112200508.htm#_=_>. Acesso em: 9 abr. 2015.

_____. 13 jun. 2013. **Editorial: Retomar a Paulista**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opinio/2013/06/1294185-editorial-retomar-a-paulista.shtml>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

_____. 14 jun. 2013. **Repórter da Folha ferida no olho volta a enxergar**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295067-reporter-da-folha-ferida-no-olho-volta-a-enxergar.shtml>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

_____. 15 jun. 2013. **Dilma é vaiada na abertura da Copa das Confederações**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2013/06/1295825-presidente-dilma-rousseff-e-vaiada-na-abertura-da-copa-das-confederacoes.shtml>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

_____. 28 jul. 2013. **Grupo Mídia Ninja se projeta ao cobrir protestos ao vivo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1317943-grupo-midia-ninja-se-projeta-ao-cobrir-protestos-ao-vivo.shtml>>. Acesso em: 5 jun. 2015.

GLOBO NEWS. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/index.html>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de junho d 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 157 p.

GRAFFO. 2015. Disponível em: <<http://graffo.inf.br/infografico/>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. 494 p. Tradução de: *Quaderni del carcere*.

HADDAD TRANQUILÃO. 2015. Perfil do Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/hadadtranquilao/status/556437125131141120>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Declaração** – Isto não é um manifesto. Tradução Carlos Szlak. São Paulo: n-1, 2014. 144 p. Tradução de: *Declaration*.

_____. **Multidão**. 2. ed. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2012. 530 p. Tradução de: *Multitude*.

IANNI, Octávio. O príncipe eletrônico. **Perspectivas**. São Paulo, v. 22, p. 11-29, 1999. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/2079/1701>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO PÚBLICA E ESTATÍSTICA. 2015. **Edição especial – Pesquisa CNI-IBOPE**. Julho. 2013. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Documents/CNI_IBOPE_edicao%20especial_jul2013_web.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2015.

JABOR, Arnaldo. **Revoltosos de classe média não valem nem 20 centavos**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RsYB2XpC7l0>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

JOHNSON, Steven. **Emergência**: a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 231 p. Tradução de: *Emergence: (the connected lives of ants, brains, cities and software)*.

JORNAL NACIONAL. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/index.html>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

_____. 17 jun. 2013. **Manifestantes sobem no teto do Congresso Nacional, em Brasília**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/manifestantes-sobem-no-teto-do-congresso-nacional-em-brasilia.html>>. Acesso em: 3 jun. 2015.

_____. **Manifestantes entram em confronto com polícia de SP contra aumento da passagem de ônibus**. 6 jun. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-entram-em-confronto-com-policia-de-sp-contr-aumento-da-passage-m-de-onibus/2620082/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Protesto contra aumento de passagens causa nova confusão em São Paulo**. 7 jun. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/jornal-nacional/t/edicoes/v/protesto-contr-aumento-de-passagens-causa-nova-confusao-em-sao-paulo/2622559/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Manifestantes protestam contra aumento na passagem de ônibus no Rio de Janeiro**. 10 jun. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-protestam-contr-aumento-na-passage-m-de-onibus-no-rio-de-janeiro/2626835/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Manifestantes voltam a protestar contra o aumento do preço das passagens em SP**. 11 jun. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-voltam-a-protestar-contr-o-aumento-do-preco-das-passage-m-em-sp/2629048/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Manifestantes danificam estação do metrô e mais de 80 ônibus durante protesto em SP**. 12 jun. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-danificam-estacao-do-metro-e-mais-de-80-onibus-durante-protesto-em-sp/2631377/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Avenida Paulista segue bloqueada nos dois sentidos por causa dos protestos**. 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/jornal-nacional/t/edicoes/v/avenida-paulista-segue-bloqueada-nos-dois-sentidos-por-causa-dos-protestos/2633646/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Manifestantes entram em confronto com a polícia no Rio de Janeiro**. 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-entram-em-confronto-com-a-policia-no-rio-de-janeiro/2633640/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Manifestantes protestam contra possibilidade de reajuste nas passagens em Porto Alegre.** 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-protestam-contra-possibilidade-de-reajuste-nas-passagens-em-porto-alegre/2633574/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Anistia Internacional critica repressão violenta aos protestos do RJ e SP.** 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/anistia-internacional-critica-repressao-violenta-aos-protestos-do-rj-e-sp/2633569/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Governador e prefeito de São Paulo descartam reduzir preço das passagens.** 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/governador-e-prefeito-de-sao-paulo-descartam-reduzir-preco-das-passagens/2633568/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Manifestantes fazem novos protestos contra aumento das passagens no Rio.** 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-fazem-novos-protestos-contra-aumento-das-passagens-no-rio/2633564/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Manifestantes voltam às ruas de São Paulo e enfrentam a PM.** 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-voltam-as-ruas-de-sao-paulo-e-enfrentam-a-pm/2633556/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Protestos contra aumento no preço das passagens de ônibus se espalham pelo Brasil.** 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/protestos-contra-aumento-no-preco-das-passagens-de-onibus-se-espalham-pelo-brasil/2635840/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Manifestantes depredam prédios durante protesto contra aumento da passagem em Porto Alegre.** 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-depredam-predios-durante-protesto-contra-aumento-da-passagem-em-porto-alegre/2635837/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Comissão de Direitos Humanos da OAB declara ser inaceitável a postura adotada pela PM.** 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/comissao-de-direitos-humanos-da-oab-declara-ser-inaceitavel-a-postura-adotada-pela-pm/2635832/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Manifestações terminam com atos de vandalismo e três feridos no Rio.** 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestacoes-terminam-com-atos-de-vandalismo-e-tres-feridos-no-rio/2635831/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Manifestações viram manchetes em jornais internacionais.** 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestacoes-viram-manchetes-em-jornais-internacionais/2635829/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Capital paulista vive mais um dia de protesto contra aumento das passagens.** 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/capital-paulista-vive-mais-um-dia-de-protesto-contr-aumento-das-passagens/2635824/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Manifestantes protestam contra valor gasto em reformas de estádios para Copa.** 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-protestam-contr-a-valor-gasto-em-reformas-de-estadios-para-copa/2635806/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Insatisfação com transporte público em SP é a maior em 26 anos de pesquisas.** 15 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/insatisfacao-com-transporte-publico-em-sp-e-a-maior-em-26-anos-de-pesquisas/2637345/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Oito mil pessoas protestam contra preço da passagem de ônibus em BH.** 15 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/oito-mil-pessoas-protestam-contr-a-preco-da-passagem-de-onibus-em-bh/2637336/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Protesto em Niterói (RJ) tem confusão e PM lança bombas de efeito moral.** 15 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/protesto-em-niteroi-rj-tem-confusao-e-pm-lanca-bombas-de-efeito-moral/2637335/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Manifestantes protestam em frente ao Estádio Nacional na estreia da Copa das Confederações.** 15 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-protestam-em-frente-ao-estadio-nacional-na-estreia-da-copa-das-confederacoes/2637334/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Manifestantes levam faixas e cartazes para a Candelária.** 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-levam-faixas-e-cartazes-para-a-candelaria/2639517/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Cerca de dois mil manifestantes se concentram no Largo da Batata em São Paulo.** 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/cerca-de-dois-mil-manifestantes-se-concentram-no-largo-da-batata-em-sao-paulo/2639521/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Manifestantes protestam na frente de hotel onde se hospeda Seleção Brasileira no Ceará.** 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-protestam-na-frente-de-hotel-onde-se-hospeda-selecao-brasileira-no-ceara/2640092/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Manifestantes se dividem pela Zona Sul de São Paulo.** 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-se-dividem-pela-zona-sul-de-sao-paulo/2640090/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Situação no Rio segue tensa.** 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/situacao-no-rio-segue-tensa/2640089/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Manifestantes se concentram na Avenida Afonso Pena, em BH.** 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-se-concentram-na-avenida-afonso-pena-em-bh/2640087/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Dilma diz que as manifestações pacíficas são legítimas e próprias da democracia.** 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/dilma-diz-que-as-manifestacoes-pacificas-sao-legitimas-e-proprias-da-democracia/2640084/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Secretaria de Segurança Pública do DF identifica líderes da manifestação de sexta (14).** 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/secretaria-de-seguranca-publica-do-df-identifica-lideres-da-manifestacao-de-sexta-14/2640046/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Manifestantes invadem o espelho d'água e sobem teto do Congresso Nacional em Brasília.** 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-invadem-o-espelho-dagua-e-sobem-teto-do-congresso-nacional-em-brasilia/2640043/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Diversas capitais do país também têm dia de protesto.** 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/diversas-capitais-do-pais-tambem-tem-dia-de-protesto/2640032/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Mais de 20 mil pessoas protestam nas ruas em BH.** 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/mais-de-20-mil-pessoas-protestam-nas-ruas-em-belo-horizonte/2640021/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Manifestação reúne 100 mil pessoas e se espalha pelo Centro do Rio de Janeiro.** 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestacao-reune-100-mil-pessoas-e-se-espalha-pelo-centro-do-rio-de-janeiro/2640018/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **São Paulo tem manifestação pacífica nesta segunda-feira (17).** 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/sao-paulo-tem-manifestacao-pacifica-nesta-segunda-feira-17/2640011/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **TV Globo faz reportagens sobre as manifestações desde o início.** 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/tv-globo-faz-reportagens-sobre-as-manifestacoes-desde-o-inicio/2640010/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **Cerca de 65 mil pessoas protestam contra aumento da tarifa do transporte público em SP.** 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/cerca-de-65-mil-pessoas-protestam-contr-aumento-da-tarifa-do-transporte-publico-em-sp/2640004/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

JUDENSNAIDER, Elena et al. **Vinte centavos**: a luta contra o aumento. São Paulo: Veneta, 2013. 237 p.

JUNHO: O FILME. São Paulo: TV Folha, 2013, (1:11:44). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dZlvZ0OCdvI>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. 1. ed. Tradução Wladir Dupont. São Paulo: Geração Editorial, 2003. 302 p. Tradução de: *The elements of journalism*.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001. 189 p.

_____. **Estrutura da notícia**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993. 64 p.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. **A TV sob controle**: a resposta da sociedade ao poder da televisão. São Paulo: Summus, 2006. 180 p.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. Tradução Mariana Sérvulo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008. 219 p. Tradução de: *Psychologie des foules*.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Tradução Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008. 350 p. Tradução de: *Public opinion*.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 2. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001. 245 p.

MACHIAVELLI, Nicoló di Bernardo dei. **O Príncipe**. Tradução Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre: L&PM, 2013. 176 p. Tradução de: *Il principe*.

MAIOR, Marcel Souto. **Almanaque TV Globo**. 1 ed. 1. reimp. São Paulo: Globo, 2006. 512 p.

MARICATO, Ermínia et al. **Cidades rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1. ed. 2. reimp. São Paulo: Boitempo; São Paulo: Carta Maior, 2013. 112 p.

MARQUES, Teresa Cristina Schneider; OLIVEIRA, Antônio Eduardo Alves. De Praga ao mundo árabe: uma análise comparada de primaveras políticas. **Revista Conjuntura Austral**. Porto Alegre, RS, v. 4, n. 17, p. 115-129, abr/mai. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/viewFile/34863/25324>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal nacional**: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 407 p.

_____. 2015. **Concessões de canais**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/concessoes-de-canais.htm>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

_____. 2015. **Debate Collor x Lula**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/erros/debate-collor-x-lula.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

_____. 2015. **Proconsult**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/proconsult.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

METROSCOPIA. 2015. Disponível em: <http://www.metroscopia.org/quienes_somos/info>. Acesso em: 31 mai. 2015.

MÍDIA NINJA. 2015. Disponível em: <<https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about>>. Acesso em: 9 mai. 2015.

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil**. A vida de Assis Chateaubriand. 3. ed. 3. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 732 p.

MOVIMENTO PASSE LIVRE. 2015. Disponível em: <<http://www.mpl.org.br>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

MOVIMENTO PASSE LIVRE – SÃO PAULO. 11 jun. 2013. **Goiânia derruba o aumento!** Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/2013/06/11/vitoria-em-porto-alegre/>>. Acesso em: 9 de junho de 2015.

MOVIMENTO 15M. 2015. Disponível em: <<http://www.movimiento15m.org/>>. Acesso em: 31 mai. 2015.

MUSEU MEMORIAL DO HOLOCAUSTO DOS ESTADOS UNIDOS. 2015. **A propaganda política nazista**. Disponível em: <<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005202>>. Acesso em: 27 mai. 2015.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais – A História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org). **Fontes históricas**. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, p. 235-290, 2008.

ORGANIZAÇÕES GLOBO. 2011. **Princípios editoriais do Grupo Globo**. Disponível em: <<http://estatico.redeglobo.globo.com/2014/PRINCIPIOS-EDITORIAIS-DO-GRUPO-GLOBO.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2015.

ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. 3. ed. Tradução Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 300 p. Tradução de: *La rebelión de las masas*.

PALÁCIO DO PLANALTO. Presidência da República. **Decreto nº 55.782**. 19 fev. 1965. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D55782.htm>. Acesso em: 7 jun. 2015.

_____. **Pronunciamento da presidenta Dilma Rousseff**. 21 jun. 2013. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/pronunciamento-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-em-cadeia-nacional-de-radio-e-tv>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999. 158 p.

PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA 2014. Disponível em:

<<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/relatorio-final-pesquisa-brasileira-de-midia-2014.pdf/view>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA 2015. Disponível em:

<<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf/view>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

PORTAL G1. 14 jan. 2013. **SP terá aumento da tarifa de ônibus até o mês de junho, diz Haddad**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/01/sp-tera-aumento-de-tarifa-de-onibus-ate-o-mes-de-junho-diz-haddad.html>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

_____. 4 abr. 2013. **Liminar suspende aumento da passagem de ônibus em Porto Alegre**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/04/liminar-suspende-aumento-da-passagem-de-onibus-em-porto-alegre.html>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

_____. 21 jun. 2013. **MPL diz que não convocará novos protestos em São Paulo**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/mpl-diz-que-nao-convocara-novos-protestos-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Recurso eletrônico, Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

PROFISSÃO REPÓRTER. 18 jun. 2013. (23 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9COUiLTteeA>>. Acesso em: 27 mar. 2015.

RAMONET, Ignacio. Meios de comunicação: um poder a serviço de interesses privados? In: MORAES, Dênis de. (Org). **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. 1. ed. Tradução Karina Patrício. São Paulo: Boitempo, 2013. 183 p.

REIS, Márlon. **O gigante acordado**: manifestações, Ficha Limpa e reforma política. Rio de Janeiro: LeYa, 2013. 192 p.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias**: ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011. 86 p.

SECCO, Lincoln. As Jornadas de Junho. In: MARICATO, Ermínia. et al. **Cidades rebeldes**: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1. ed. 2. reimp. São Paulo: Boitempo; São Paulo: Carta Maior, 2013. 112 p.

SERRANO, Pascual. Democracia e liberdade de imprensa. In: MORAES, Dênis de. (Org). **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. 1. ed. Tradução Karina Patrício. São Paulo: Boitempo, 2013. 183 p.

TECHTUDO. 2012. **O que são *hashtags***. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2012/03/o-que-sao-hashtags-e-como-usar.html>>. Acesso em: 30 set. 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. vol. 1. Florianópolis: Insular, 2004. 224 p.

TV GLOBO INTERNACIONAL. 2015. Disponível em: <<http://tvglobointernacional.globo.com/institucional.aspx>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

VIANA, Mário Gonçalves. **Psicologia das massas multitudinárias**. Porto, Portugal: Domingos Barreira, [19-], 336 p. (Biblioteca de Cultura Portuguesa, nº 9).

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 5. ed. Tradução Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1999. 271 p. Tradução de: *Teorie delle Comunicazioni di Massa*.

WORDLE. 2015. Disponível em: <<http://www.wordle.net/>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

YOUTUBE. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

APÊNDICES

Apêndice A – Ficha de transcrição

Matéria 3

10/06/2013 (1) – 1’07’’

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta lê o texto:

Um protesto contra o aumento da passagem de ônibus está provocando tumulto no Centro do Rio de Janeiro. O repórter André Trigueiro traz as informações pra gente. Boa noite pra você, André!

Do helicóptero, André Trigueiro diz:

Boa noite, Patrícia! Boa noite, Bonner! Nós estamos, nesse momento, sobrevoando a Avenida Presidente Vargas, uma das mais movimentadas do Centro do Rio, onde a Polícia continua ocupando os principais cruzamentos para evitar qualquer tipo de bloqueio dos manifestantes que protestam contra o reajuste das passagens de ônibus. Mais cedo, os manifestantes bloquearam as pistas da Presidente Vargas, alguns deles atiraram objetos em direção às lojas, que foram obrigadas a fechar as portas. O Batalhão de Choque da Polícia Militar usou bombas de efeito moral. Trinta e uma pessoas foram presas até o momento, como esta que você vê aí detida pela Polícia, entrando no camburão, com imagens que registramos há pouco no Campo de Santana, nas proximidades da Central do Brasil. Patrícia, Bonner.

Do estúdio do Jornal Nacional, o apresentador William Bonner diz:

Obrigado André Trigueiro, a bordo do Globocop, acompanhando os acontecimentos no Centro do Rio de Janeiro.

Apêndice B – Matéria 1

06/06/2013 (1) – 2'54"

Do helicóptero, César Galvão diz:

Boa noite, Bonner! Boa noite a todos! A manifestação já dura duas horas e é contra o aumento do preço das passagens dos transportes públicos. Nós vamos ver agora imagens dos manifestantes circulando pelo bairro da Bela Vista, no Centro de São Paulo. São seguidos de perto pela Polícia e ocupam ainda algumas ruas. Agora há pouco, o Globocop gravou imagens do momento em que cerca de dois mil manifestantes ocuparam as principais avenidas. Primeiro eles colocaram fogo na Avenida 9 de Julho, que liga a Zona Sul ao Centro da Cidade. Depois ocuparam os dois lados da Avenida Paulista. O trânsito parou, a Polícia chegou e jogou bombas de gás. Os manifestantes aí se dispersaram, atearam fogo em lixo e pedaços de madeira, e deixaram agora há pouco a avenida. A manifestação é porque o preço das passagens subiu no início do mês de três reais para R\$ 3,20. Bonner e Patrícia.

César Galvão diz:

E aqui a situação voltou a ficar tensa. Um grupo menor de manifestantes ocupou os dois lados da avenida. E agora há pouco chegou um pelotão do Batalhão de Choque. Os policiais avançaram em direção aos manifestantes. Eles estão seguindo neste momento. Agora há pouco, eles lançaram bombas de gás lacrimogêneo contra os manifestantes. Houve uma correria. Os manifestantes ainda estão no meio da avenida. Um carro também entrou entre os manifestantes e entre os policiais e tenta sair. Neste momento, a gente observa que policiais dão tiros de borracha, de balas de borracha, em direção aos manifestantes na calçada. Um outro pelotão avança também. Eles seguem agora na direção dos manifestantes que continuam no meio da avenida. Esse protesto começou por causa do aumento do preço das passagens dos transportes públicos de três reais para R\$ 3,20. A manifestação e o confronto continuam. Bonner e Patrícia.

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Obrigada, César! César Galvão, que continua acompanhando a situação por lá.

César Galvão diz:

Os manifestantes ainda estão no meio da avenida, bloqueiam um lado da pista, atearam fogo pra evitar o avanço da Tropa de Choque que voltou agora há pouco a lançar bombas de

gás em direção à manifestação para tentar liberar o trânsito. A situação, portanto, na Avenida Paulista, ainda é tensa por causa do protesto em relação ao aumento da passagem, do preço da passagem dos transportes. Bonner, Patrícia.

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Obrigada, César!

Do estúdio do Jornal Nacional, o apresentador William Bonner diz:

Nós continuamos acompanhando os acontecimentos em São Paulo e voltaremos a qualquer momento com novas informações. Você vai ter a cobertura completa sobre esses protestos na Avenida Paulista também logo mais no Jornal da Globo, depois de Globomar.

Apêndice C – Matéria 2

07/06/2015 (1) – 3’33”

Do estúdio do Jornal Nacional, o apresentador William Bonner lê o texto:

Pelo segundo dia seguido um protesto contra o aumento das passagens de transporte público provocou muita confusão em São Paulo. O repórter César Galvão é quem traz as informações ao vivo. Boa noite, César!

Do helicóptero, César Galvão diz:

Boa noite, Bonner! Boa noite a todos! O protesto, hoje, atingiu as principais avenidas da Zona Oeste de São Paulo. Nós vemos agora um bloqueio da Polícia Militar, que acompanhou os manifestantes desde às seis horas da tarde. Os manifestantes ocuparam as principais avenidas da Cidade. Desceram a Avenida Rebouças, numa grande concentração, foram para a Marginal Pinheiros, uma das avenidas mais movimentadas na Cidade, seguiram depois pra uma avenida menos movimentada e lá aconteceu um princípio de confronto. A Polícia teve que soltar bombas. Depois desse ponto, os manifestantes seguiram para o ponto inicial do protesto, onde estão até agora. A manifestação de ontem assustou os moradores da Cidade.

Roda a matéria em que César Galvão diz:

Pichações, vidros quebrados, bancas de jornais depredadas. Esta balconista estava dentro de uma delas.

Karina Augusto (balconista): De repente tinha um barulho de bater aqui na lateral, que vocês viram que tá quebrada. Parece que foi um chute, uma bica na porta. Nunca tinha acontecido uma situação dessa comigo. Foi bem apavorante.

Durante um protesto contra o reajuste de três reais para R\$ 3,20 nas passagens de ônibus e do metrô, começou a violência. No Anhangabaú, Centro da Cidade, manifestantes atearam fogo em cones. Depois, caminharam em direção à Avenida Paulista, onde houve o primeiro confronto com os policiais. Uma cabine da Polícia foi jogada ao chão. Uma lixeira foi usada como barreira. Bombas de gás, tiros para o alto e rojões pipocavam entre policiais e manifestantes. O vandalismo assustou quem trabalha na região.

Marcos Dantas da Silva (garçon): Eles chegaram já tirando essas garrafas das mesas dos clientes. Nós tomamos um prejuízo de uma média de um mil e quinhentos a dois mil reais.

Para fugir do confronto, motoristas fizeram manobras perigosas. Um shopping foi invadido, pichado e um carro que seria sorteado, depredado. O prejuízo foi de seis mil reais. Seis pessoas foram autuadas em flagrante. Quatro pagaram fiança e duas continuam presas. A avenida mais famosa de São Paulo ficou irreconhecível.

César Galvão aparece na tela, em uma estação de metrô, e diz:

As placas de madeira cobrem o que foi destruído nesta estação do metrô. Segundo a Companhia, o prejuízo foi de 73 mil reais só com lâmpadas e vidros quebrados. O valor que vai ser gasto com o conserto é equivalente à venda de bilhetes para que 22.812 pessoas usem o transporte apenas uma vez. Hoje, durante o dia, tudo começava a voltar ao normal.

Do helicóptero, César Galvão diz:

Bem, voltou ao normal na Avenida Paulista, mas na Zona Oeste a situação ainda está agitada. Voltou ao normal na Avenida Paulista, mas hoje a situação ainda está agitada na Zona Oeste. A Polícia mantém o bloqueio no local onde os manifestantes estão concentrados até este momento. Eles seguiram para esse local e no caminho picharam um ônibus. Escreveram três e 20 que é o preço da passagem normal. Estão agora no Largo da Batata, que fica ali na Zona Oeste da Cidade, esperando ali o desfecho dessa manifestação que ainda não terminou, mas neste momento não tumultua mais a Cidade. Bonner e Patrícia.

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia diz:

Obrigada, César, pelas suas informações!

Apêndice D – Matéria 3

10/06/2013 (1) – 1’07”

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta lê o texto:

Um protesto **contra o aumento da passagem de ônibus** está provocando tumulto no Centro do Rio de Janeiro. O repórter André Trigueiro traz as informações pra gente. Boa noite pra você, André!

Do helicóptero, André Trigueiro diz:

Boa noite, Patrícia! Boa noite, Bonner! Nós estamos, nesse momento, sobrevoando a Avenida Presidente Vargas, uma das mais movimentadas do Centro do Rio, onde a **Polícia** continua ocupando os principais cruzamentos para evitar qualquer tipo de bloqueio dos **manifestantes** que protestam **contra o reajuste das passagens de ônibus**. Mais cedo, os **manifestantes** bloquearam as pistas da Presidente Vargas, **alguns deles** atiraram objetos em direção às lojas, que foram obrigadas a fechar as portas. O **Batalhão de Choque da Polícia Militar** usou bombas de efeito moral. Trinta e uma **pessoas** foram presas até o momento, como a que você vê aí detida pela **Polícia**, entrando no camburão, com imagens que registramos há pouco no Campo de Santana, nas proximidades da Central do Brasil. Patrícia, Bonner.

Do estúdio do Jornal Nacional, o apresentador William Bonner diz:

Obrigado André Trigueiro, a bordo do Globocop, acompanhando os acontecimentos no Centro do Rio de Janeiro.

Apêndice E – Matéria 4

11/06/2013 (1) – 1'33”

Do estúdio do Jornal Nacional, o apresentador William Bonner diz:

Manifestantes voltaram a protestar contra o aumento do preço das passagens de transporte público, hoje, em São Paulo. Graziela Azevedo, boa noite! Qual é a situação deste momento?

Do helicóptero, Graziela Azevedo diz:

Boa noite, Bonner! Olha, é muito grande o número de **policiais** e de viaturas aqui na região do Parque Dom Pedro, no Centro de São Paulo. Ainda há barricadas formadas por sacos de lixo. A situação por aqui já é bem mais tranquila, mas houve muita tensão e confronto durante a tarde, agora há pouco, no começo da noite, aqui na região central. Os **lojistas** fecharam as suas portas, ficaram com muito medo. Houve confronto entre os **manifestantes** e a **Polícia**, que reagiu com bombas de gás, balas de borracha. Ônibus foram pichados. Muito lixo queimado nas ruas. Nós vimos aqui de cima os **policiais** abordando **manifestantes**, detendo **manifestantes**. Você vê aí a **Tropa de Choque** se posicionando pra enfrentar essa que foi a terceira manifestação do **Movimento Passe Livre** contra o aumento de vinte centavos de três para três e 20 no aumento dos transportes coletivos. A **Polícia** ainda está aqui na região. Nós vimos **vários grupos** sendo dispersados aqui de cima, mas a situação já é bem mais tranquila.

Apêndice F – Matéria 5

12/06/2013 (1) – 3'29"

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Agências bancárias, uma estação do metrô e mais de 80 ônibus foram danificados, em São Paulo, no protesto de ontem à noite **contra o aumento da tarifa do transporte público**.

Homem sem identificação: Não pode acabar prejudicando tanta gente aí também, né?

Fábio Turci diz:

A Avenida Paulista e o Centro de São Paulo amanheceram assim, com as marcas do vandalismo de ontem à noite. O Jornal Nacional acompanhou de perto.

Arlete Passante (auxiliar de saúde bucal): Milhares de **pessoas** estão voltando do trabalho, depois de um dia cansativo, embaixo de chuva e passar esse pânico aqui. Eu tô aqui sem saber pra onde correr.

Fábio Turci diz:

O protesto, que começou com **manifestantes** caminhando ao lado de **policiais**, virou uma batalha nas ruas. De um lado a **Polícia** com gás pimenta, bombas de fumaça, tiros de borracha. Do outro, rojões, pedras, garrafas e o que mais os **manifestantes** achassem no caminho. Um **grupo** tentou invadir este terminal de ônibus no Centro. A **PM** reagiu.

Fábio Turci aparece em meio à manifestação e diz:

A **Polícia** vai dispersando os **manifestantes**, mas **eles** continuam circulando aqui pelo Centro de São Paulo e a gente vai encontrando um rastro de destruição.

Fábio Turci diz:

Os confrontos se repetiram por mais de duas horas e **muita gente** acabou no meio do tumulto.

Vinícius César (professor): Não dava pra ir pra frente nem pra trás. Fiquei preso aqui e tal. O cara queria passar, não conseguia.

Fábio Turci diz:

Na avenida parada, um **motorista** avançou em direção aos **manifestantes** e atropelou **dois**. Segundo a **PM**, oito **policiais** ficaram feridos. **Este** levou uma pedrada. **Este outro** foi derrubado da moto. E nem os ônibus escaparam de um protesto que **era pelo transporte público**.

Fábio Turci aparece dentro de um ônibus e diz:

Aqui dentro a gente descobre como é que **eles** quebraram os vidros. Tem pedra. Agora, olha o tamanho daquela pedra ali. Oitenta e cinco ônibus, segundo a **Prefeitura**, foram depredados ou pichados. Agências bancárias e essa estação do metrô também foram alvos do vandalismo. A **Polícia** deteve **vinte manifestantes**. **Dez** foram indiciados por dano e formação de quadrilha, crimes inafiançáveis, e devem continuar presos. Em menos de uma semana foi o terceiro e mais violento protesto do **Movimento Passe Livre**. Os **manifestantes** querem que as passagens de ônibus, trem e metrô, que foram reajustadas para R\$ 3,20 no início do mês, voltem a custar três reais. Numa reunião hoje à tarde, o **Ministério Público** tentou um acordo com os **manifestantes**, mas como **Prefeitura** e **Governo** não pretendem rever o aumento da tarifa, **eles** disseram que vão continuar com os protestos. Hoje, em Paris, o **prefeito de São Paulo** e **governador do Estado** condenaram o vandalismo.

Fernando Haddad (prefeito de São Paulo): Eu me comprometi a reajustar a tarifa abaixo da inflação acumulada. Portanto, eu estou cumprindo rigorosamente aquilo que eu falei durante a campanha eleitoral.

Geraldo Alckmin (governador de São Paulo): Nós temos manifestação periodicamente, nenhum problema. Precisa ser investigado pra verificar a origem disso, tá bom? E deve ressarcir ao erário público porque isso é patrimônio de todos.

Fábio Turci diz:

Para a **OAB**, o que aconteceu ontem em São Paulo passou dos limites.

Marcos da Costa (presidente da OAB-SP): As **pessoas** se reúnem pra expressar uma indignação, no caso, pelo **aumento do ônibus**. Agora tem um limite. Então, quando o **Movimento** passa a violar patrimônios, principalmente o patrimônio público – o privado também –, ou prejudicar o direito de ir e vir das **pessoas**, ele ultrapassa os limites dele.

Apêndice G – Matéria 6

13/06/2013 (1) – 54”

Do estúdio do Jornal Nacional, o apresentador William Bonner diz:

Vamos agora a São Paulo, onde os manifestantes estão concentrados na região da Avenida Paulista. É César Galvão quem traz as informações ao vivo.

Do helicóptero, César Galvão diz:

Bonner, aqui em São Paulo, a Avenida Paulista está bloqueada nos dois sentidos. A gente acompanha aí o trabalho do Batalhão de Choque, tentando dispersar um grupo menor agora de manifestantes. Há poucos instantes, houve um novo confronto. A gente observou que os policiais lançaram bombas de gás e também tiros de borracha para que os manifestantes liberassem as avenidas. Foi feita uma varredura na Avenida Paulista. Os policiais encontraram um grupo de estudantes sentado perto de um parque. Mas, apesar de sentados e pedirem paz, foram lançadas bombas em direção a esses manifestantes. A Polícia apreendeu dois coquetéis molotov e uma faca. A Secretaria de Segurança Pública mandou investigar a prisão de dois jornalistas. A Avenida Paulista ainda está bloqueada.

Apêndice H – Matéria 7

13/06/2013 (2) – 59”

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Antes de terminar esta edição, vamos voltar ao Centro do Rio com a repórter Bette Lucchese porque a manifestação contra o aumento da passagem de ônibus continua. Bette!

Do helicóptero, Bette Lucchese diz:

Patrícia, a situação tá um pouco tensa. Policiais militares tentam controlar um tumulto na Avenida Presidente Vargas, que é uma das mais importantes do Centro do Rio. Isso tudo acontece no fim do protesto contra o aumento das passagens de ônibus. Manifestantes e PMs estão frente a frente. Os manifestantes fazem provocações o tempo todo. A confusão começou há pouco, quando os manifestantes jogaram pedras em policia militares, que tiveram que reagir. Vocês estão vendo aí que eles também jogaram fogo em lixo. Vocês estão vendo aí que os policiais tiveram que usar cassetetes, né, que tiveram que usar a força contra os manifestantes. Neste momento a Avenida Presidente Vargas está interditada e a gente espera que esse tumulto seja brevemente controlado. Bonner, Patrícia.

Apêndice I – Matéria 8

13/06/2013 (3) – 14”

Do estúdio do Jornal Nacional, o apresentador William Bonner diz:

Em Porto Alegre o protesto foi contra a possibilidade de reajuste nas passagens. Dois mil manifestantes gaúchos se reuniram em frente à Prefeitura de Porto Alegre e saíram em caminhada pelas ruas do Centro.

Apêndice J – Matéria 9

13/06/2013 (4) – 21”

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

E a **Anistia Internacional** manifestou preocupação com o aumento da violência na repressão aos protestos no Rio de Janeiro e em São Paulo. A **organização** mencionou a prisão de **jornalistas** e de **manifestantes**. A **organização** declarou que é contra a depredação do patrimônio público e atos violentos e que considera urgente o estabelecimento de um canal de diálogo entre as duas partes.

Apêndice K – Matéria 10

13/06/2013 (5) – 3'37"

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Segundo a **Polícia**, dos **vinte presos** no protesto de anteontem em São Paulo, **treze** passaram essa quinta-feira ainda detidos. Segundo a **Polícia**, são suspeitos de terem participado de atos de vandalismo. **Eles** moram em regiões diferentes da Cidade e têm profissões diversas.

Graziela Azevedo diz:

Em frente à delegacia onde está a maioria dos **13 presos** que esperam por liberdade provisória ou transferência, o clima é de preocupação. **Advogados** que apoiam o **Movimento** que organizou as manifestações entraram com pedido de *habeas corpus*. **O mais novo** dos detidos tem 19 anos, **o mais velho** 43. Três são **estudantes**, os **outros** têm profissões variadas: **professores**, **metalúrgico**, **publicitário**, **editor**, **artista**. A única **mulher** é uma **estudante desempregada**. Há também **dois jornalistas**. **Um deles**, Pedro Ribeiro Nogueira, de 27 anos, trabalha para o Portal Aprendiz da Internet. **Ele** foi indiciado por dano ao patrimônio e formação de quadrilha. Na noite de terça, as imagens feitas pela **moradora de um prédio** no Centro da Cidade mostram o momento em que o **jornalista** é cercado por, pelo menos, oito **policiais militares** que o levam para a esquina e o agridem. Hoje, os **colegas de Pedro** que o reconheceram nas imagens do vídeo estavam na porta da delegacia. Aqui, **Mayara Vivian**, uma das ativistas, diz que **eles** se reúnem, fazem trabalho social, não são vinculados a partidos e fazem vaquinha para, por exemplo, pagar a fiança dos **presos**. **Mayara** criticou a ação da **Polícia** no caso da prisão de **Pedro**. **Ela** disse, ainda, que a depredação só começou depois que **policiais** agiram de forma agressiva. A **ativista** também diz que o **Movimento** não apoia a violência praticada por alguns **manifestantes**.

Mayara Vivian (ativista): A orientação do **Movimento** é sempre de ser um movimento pacífico. Nossa radicalidade é fechar ruas pra pressionar o **Poder Público** ao diálogo. Agora não tá no nosso *script* depredação ou ações do tipo.

Graziela Azevedo diz:

Mas elas aconteceram. Pelo menos 85 ônibus foram danificados. Uma estação de metrô, prédios e agências bancárias foram depredados e **oito policiais** agredidos. Em nota, a **Polícia**

Militar diz que agiu para garantir o direito de livre manifestação, mas também assegurar o direito de ir e vir de toda a **população**. Segundo a **PM**, é descabida qualquer declaração de que **policiais** tenham agido com o intuito de insuflar a violência. Tanto **Prefeitura** quanto **Governo do Estado** informam que é impossível abrir mão do reajuste da tarifa de ônibus, trem e metrô que foi abaixo da inflação. Hoje, o **governador Geraldo Alckmin** e o **prefeito Fernando Haddad** falaram sobre os protestos.

Geraldo Alckmin (governador de São Paulo): O que a gente percebe é que é um **Movimento** político pequeno, mas muito violento, né? *(Não se cogita, então, a redução de tarifas?)* Não, não.

Fernando Haddad (prefeito de São Paulo): O valor será mantido porque ele está muito abaixo da inflação acumulada. Considero legítima toda e qualquer forma de manifestação e expressão. O que a Cidade repudia é a violência.

Graziela Azevedo diz:

Em Brasília, o **ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo**, ofereceu ajuda federal.

José Eduardo Cardozo (ministro da Justiça): Imaginar que as **pessoas** precisam ir pra violência pra tentar atingir seus objetivos... Isso é inaceitável e, portanto, o **Governo Federal** está à disposição para aquilo que for necessário, para aquilo que nos for solicitado pelo **Governo do Estado de São Paulo** ou por **qualquer outro governo** que acredite que nós possamos ajudar nessa área.

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Olha, o **Governo do Estado de São Paulo** agradeceu a oferta, mas não informou se pretende solicitar a ajuda federal. No início da noite, foram libertados dois dos treze **detidos** no protesto de anteontem.

Apêndice L – Matéria 11

13/06/2013 (6) – 58”

Do estúdio do Jornal Nacional, o apresentador William Bonner diz:

No Rio de Janeiro também houve um novo protesto contra o aumento das passagens, hoje, mas as informações que nós temos até o momento são de que a manifestação é pacífica até agora, né Bette Lucchese? Boa noite!

Do helicóptero, Bette Lucchese diz:

É pacífica, sim, Bonner, Patrícia... Boa noite a todos! Duas mil pessoas caminham há cerca de duas horas pelas ruas do Centro do Rio em clima de tranquilidade. Não houve confrontos, não houve correria. Depois de ocuparem as escadarias da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, os manifestantes voltaram agora para a região da Igreja da Candelária, onde o protesto começou. Eles levam bandeiras, faixas, cartazes. Protestam contra o aumento do preço das passagens de ônibus que passou de R\$ 2,75 para R\$ 2,95 no início do mês. Os manifestantes são acompanhados à distância por cerca de cem policiais militares. Patrícia.

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Obrigada Bette pelas suas informações!

Apêndice M – Matéria 12

13/06/2013 (7) – 2’32”

Do estúdio do Jornal Nacional, o apresentador William Bonner diz:

Manifestantes e **PMs** voltaram a se enfrentar hoje nas ruas de São Paulo e pelo menos 60 **pessoas** foram detidas. O repórter César Galvão acompanha este protesto, neste momento, na região central da Cidade. César, boa noite!

Do helicóptero, César Galvão diz:

Boa noite, Bonner! Boa noite a todos! Os **manifestantes** estão ainda nas avenidas do Centro da Cidade. **Eles** bloqueiam, neste momento, a Avenida Angélica, passam ali entre os ônibus e o trânsito fica praticamente parado. Durante essa manifestação aconteceram vários confrontos com a **Polícia**. **Eles** seguiram das ruas que davam acesso do Centro em direção à Avenida Paulista e ali aconteceram prisões. O **Batalhão de Choque** soltou bombas para tentar dispersar a manifestação. A concentração **deles** começou no Centro da Cidade. A gente observa aí que o **Batalhão de Choque** foi chamado e impediu que **eles** fossem em direção à Paulista. No caminho, **eles** picharam ônibus, tentaram fechar a Rua da Consolação, um dos principais acessos do Centro à Zona Oeste da Cidade. Os **policiais** dispararam bombas, foram atingidos por lixeiras, dispararam também tiros de balas de borracha. Aconteceram várias prisões. Cerca de 60 **pessoas** foram detidas durante o protesto. **Algumas** foram revistadas na rua, foram detidas também durante ali o início da concentração. Várias **pessoas** chegaram a ocupar o prédio da Justiça Federal, que fica no Centro da Cidade. Essas **pessoas** foram cercadas pelo **Batalhão de Choque**, colocadas em fila, levadas de ônibus em direção à delegacia. Na delegacia, foram colocados ali perto de uma parede e um **manifestante** passou mal. Esse **manifestante** teve que ser levado para o hospital. O **prefeito** da Cidade informou que não vai rever o preço da passagem de ônibus, aumentado de três reais para R\$ 3,20. Por isso, os **manifestantes** fazem aí o quarto dia de protesto. **Eles** continuam circulando pelas ruas da cidade. Essas são imagens da Avenida Paulista, que foi totalmente bloqueada. A **PM** tenta evitar que **eles** ocupem esse lugar porque a Paulista faz a ligação entre a Rua da Consolação e os acessos à Zona Sul da Cidade. A Avenida continua bloqueada. A gente vai ver, agora, imagens ao vivo da Avenida Angélica. Os **manifestantes** estão neste ponto, entre os ônibus e distantes, nesse momento, das barreiras montadas pelo **Batalhão de Choque** no Centro de São Paulo. Bonner e Patrícia.

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Obrigada, César! É a quarta manifestação em menos de uma semana.

Apêndice N – Matéria 13

14/06/2013 (1) – 46”

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

É... E também houve protesto contra o preço das passagens ontem em outras cidades do País. Em Manaus, oito pessoas foram presas acusadas de tentativa de depredação do patrimônio público. Elas prestaram depoimento e foram liberadas. Em Natal e em Sorocaba, no interior de São Paulo, manifestantes foram às ruas, mas não houve confusão e as passeatas seguiram tranquilamente. Em Maceió, os manifestantes queriam a liberação das roletas. Também não houve tumulto, mas alguns ônibus foram pichados. Eles tentam impedir que as passagens sejam reajustadas este ano. E em Curitiba, a passeata foi pela melhoria na qualidade de transporte público. Um dos principais cruzamentos da Cidade foi bloqueado. A manifestação foi pacífica e durou cerca de duas horas.

Apêndice O – Matéria 14

14/06/2013 (2) – 1’37”

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Em Porto Alegre, o protesto reuniu cerca de dois mil manifestantes. Prédios no Centro da Cidade foram danificados.

Guacira Merlin diz:

No Centro de Porto Alegre, a noite de confrontos deixou pedras pelo chão. Seis agências bancárias tiveram vidros quebrados. A manifestação de ontem à noite reuniu cerca de duas mil pessoas. Muitas escondiam o rosto. Ao longo do caminho, quebraram vidraças e picharam prédios e ônibus. Um grupo ateou fogo num contêiner de lixo e bloqueou uma avenida. Muitos participantes do Movimento ficaram indignados com a atitude e reprovaram o vandalismo.

Homem sem identificação: Isso aí, meu, que tão fazendo aqui é um absurdo. Começou com um negócio bom e uns imbecil tomaram conta.

Guacira Merlin diz:

De acordo com a Polícia, manifestantes começaram atirando pedras. Policiais militares reagiram. Usaram bombas de efeito moral, gás lacrimogêneo e balas de borracha. Vinte e três pessoas foram presas e liberadas em seguida. Elas vão responder por dano ao patrimônio público.

Coronel João Diniz Godoi (Comandante do Comando de Policiamento: Nós identificamos algumas pessoas que, se aproveitando desta manifestação pacífica e ordeira, se aproveitaram para fazer atos de depredação ao longo das ruas da Cidade.

Guacira Merlin diz:

Os protestos em Porto Alegre começaram em março, depois que a Prefeitura anunciou aumento no preço das passagens de R\$ 2,85 para R\$ 3,05.

Guacira Merlin aparece na rua e diz:

Uma liminar suspendeu o reajuste, mas as **empresas de transporte** brigam na Justiça pelo aumento. Já os **manifestantes** querem garantir que o preço das passagens não volte a subir.

Apêndice P – Matéria 15

14/06/2013 (3) – 17”

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

A Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil divulgou uma nota em que é contra o que chamou de truculência usada para coibir protestos no País. Na nota, a comissão da OAB também condena os atos de vandalismo ocorridos durante as manifestações.

Apêndice Q – Matéria 16

14/06/2013 (4) – 2'17"

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

No Rio, a manifestação de ontem começou de maneira pacífica, mas também acabou em confronto com a **Polícia Militar**.

Bette Lucchese diz:

Quando amanheceu, nossa equipe retornou às ruas do Centro do Rio por onde a manifestação passou. O prédio do Museu Nacional de Belas Artes estava com marcas de vandalismo e o monumento a Zumbi dos Palmares. O Palácio Tiradentes, sede da Assembleia Legislativa, também foi pichado.

Bette Lucchese aparece na tela diz:

Aqui, as paredes foram limpas durante a madrugada, mas há detalhes do prédio construído na década de 20 que acabaram danificados, como colunas e esculturas. Aquela teve os dedos quebrados.

Bette Lucchese diz:

A manifestação de ontem foi pacífica na maior parte do tempo. Duas mil **pessoas** atravessaram a Avenida Rio Branco, protestando **contra o preço da passagem dos ônibus** que, no início do mês, aumentou de R\$ 2,75 para R\$ 2,95. Quando a **maioria** já tinha ido embora, alguns **manifestantes** queimaram lixo para bloquear o trânsito numa das principais avenidas da Cidade e atiraram objetos nos **PMs**. Os **policiais** usaram spray de pimenta, bombas de efeito moral e balas de borracha para dispersar o **Movimento**. Um **grupo** destruiu abrigos em pontos de ônibus e quebrou vidros de prédios comerciais e agências bancárias. **Motoristas** ficaram em meio ao confronto. A manifestação terminou com três **feridos**.

Vitor del Rey (estudante): Quando a gente estava na Presidente Vargas, na metade dela, o **Batalhão de Choque da Polícia** apareceu e começou uma espécie de ofensiva contra nós. No meio do caminho, nós percebemos que alguns dos **manifestantes** estavam feridos.

Coronel Frederico Caldas (porta-voz da Polícia Militar-RJ): O Batalhão de Choque não participou de toda a trajetória porque só os policiais militares do 5º Batalhão, que é o batalhão do Centro, atuaram. Mas nesse momento houve a necessidade de intervenção do Batalhão de Choque, principalmente, porque a gente percebeu que houve uma radicalização do Movimento.

Bette Lucchese diz:

Das 19 pessoas levadas para a delegacia, apenas uma ficou presa – um homem que carregava um explosivo na mochila. Outros três vão responder judicialmente. Um casal pelo crime de desobediência e um manifestante indiciado por tentativa de lesão corporal.

Apêndice R – Matéria 17

14/06/2013 (5) – 5’06”

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Diversas autoridades se pronunciaram nesta sexta-feira sobre o protesto de ontem. O Governo de São Paulo prometeu investigar a ação da Polícia Militar. E as manifestações recentes foram notícia fora do País.

Monalisa Perrone diz:

As manifestações no Brasil tiveram destaque nos sites de jornais e TVs internacionais. O americano *The New York Times* disse: *Protestos por causa de tarifa de ônibus atingem as duas maiores cidades do Brasil*. O jornal afirma que os protestos vêm num momento delicado, em que o governo lida com a inflação mais alta e o baixo crescimento. Outro jornal americano, o *Washington Post*, publicou: *Protestos violentos no Brasil contra aumento das passagens de ônibus e metrô*. O *Post* também destaca que as manifestações acontecem na véspera da Copa das Confederações e pouco antes da visita do Papa Francisco. A rede britânica BBC afirmou que as manifestações contra aumento de passagem se tornaram violentas. Segundo o espanhol *El País*, São Paulo viveu mais uma noite de protestos com cenas de guerra. O site da rede americana CNN também deu destaque aos confrontos entre manifestantes e policiais. Logo pela manhã, as autoridades de São Paulo falaram sobre a quarta noite de conflitos. O governador Geraldo Alckmin voltou a afirmar que o Movimento que reivindica a redução das tarifas de ônibus, trem e metrô é político e violento. Sobre a atuação da Polícia, o governador disse que haverá investigação.

Geraldo Alckmin (governador de São Paulo): A Polícia até acompanha as manifestações para proteger inclusive os manifestantes. Isso é feito permanentemente. A Polícia trabalha dia e noite pra proteger a população e garantir a segurança. O que nós vimos nos últimos dias foi um ato de vandalismo, de violência, deixando um verdadeiro rastro de destruição. Quero também deixar claro o seguinte: Nós não temos nenhum compromisso com o erro. A Polícia tem uma corregedoria. Então será apurado qualquer abuso que tenha sido cometido. Será apurado de forma rigorosa.

Monalisa Perrone diz:

O **secretário de Segurança Pública, Fernando Grella**, também defendeu a ação da **Polícia**. **Ele** informou que foi aberta uma investigação para apurar se houve abusos.

Fernando Grella (secretário de Segurança Pública-SP): A atuação da **Polícia** foi correta, né? E como eu disse, **nós** temos o compromisso de apurar todos esses fatos que aconteceram, o porquê dessas situações noticiadas de abuso. Mas **ela** cumpriu o papel dela de procurar preservar a ordem e garantir o direito de liberdade de ir e vir das **pessoas**.

Monalisa Perrone diz:

O **prefeito Fernando Haddad** voltou a afirmar que não haverá redução da passagem de ônibus em São Paulo. Sobre a atuação da **Polícia**, **ele** disse que pode ter havido erro.

Fernando Haddad (prefeito de São Paulo): Nos três primeiros atos, a condução da **Polícia Militar** até aquele momento parecia estar adequada aos protocolos que a própria **Polícia** estabelece para os seus **integrantes**, para os seus **membros**. O dia de ontem, segundo as imagens, eu tô me baseando nas imagens e no depoimento dos **repórteres**, parece que esses protocolos não foram observados, razão pela qual o **secretário de Segurança Pública** determinou apuração.

Monalisa Perrone diz:

Em Brasília, houve repercussão no Senado sobre os conflitos em São Paulo. O **líder do PSDB** defendeu a conduta da **PM**.

Senador Aloysio Nunes Ferreira, PSDB-SP (líder do partido): Não cabe a forma de luta violenta para defender qualquer reivindicação, por mais legítima que seja, no regime democrático. Se isso ocorrer, cabe sim a intervenção da **Polícia** para a manutenção da ordem, para garantir o respeito à lei.

Monalisa Perrone diz:

O **ministro da Justiça** disse que, pelas imagens que viu, houve excesso da **Polícia** de São Paulo. **Ele** voltou a oferecer ajuda federal ao **Governo do Estado**.

José Eduardo Cardozo (ministro da Justiça): Podemos auxiliar na questão dos serviços de inteligência policial. **Nós** podemos somar também para questões do tipo para

entendermos o **Movimento**, para que possamos ter as situações de análise adequadas, como também podemos ajudar na mediação de conflitos. A **Força Nacional** tem uma expertise indiscutível para atuação nesses casos de distúrbios civis.

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Olha, o **secretário de Segurança Pública** de São Paulo, Fernando Grella, voltou a dizer que a **PM** agiu pra manter a ordem e que situações isoladas de abuso vão ser apuradas com rigor. Em relação às declarações do **ministro da Justiça**, José Eduardo Cardozo, o **secretário** reafirmou que não há necessidade de ajuda federal. O **prefeito de São Paulo**, Fernando Haddad, convidou **representantes do Movimento** que protesta **contra o aumento das passagens** pra um encontro na terça-feira. O objetivo é que **manifestantes** e **Governo** possam apresentar as suas propostas para o transporte público. Ontem, o **prefeito** já tinha dito que não há condições de reduzir a tarifa. A **organização Repórteres sem Fronteiras** pediu que a **Secretaria de Direitos Humanos** investigue os atos de violência da **PM**.

Apêndice S – Matéria 18

14/06/2013 (6) – 5'59"

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

E ontem a capital de São Paulo viveu mais um dia de protesto contra o aumento das passagens de ônibus, determinado pela Prefeitura, e do metrô e dos trens, pelo Governo do Estado. A manifestação, que começou pacífica, foi marcada por excessos da Polícia e no fim por atos de vandalismo de quem protestava.

Fábio Turci diz:

Os manifestantes estavam chegando no lugar marcado para o protesto e a Polícia queria saber o que eles levavam nas mochilas. Pelo menos trinta foram detidos naquele momento. Segundo a PM, eles tinham pedras e bombas caseiras. Este rapaz protestava contra as prisões quando foi levado também. No grupo preso, um repórter da Revista Carta Capital que estava a trabalho. Ele mesmo registrou a prisão.

Policia: Qual o objetivo do vinagre?

Repórter: Porque da última vez eu tive problema com gás lacrimogêneo, sendo que eu tava fazendo o meu trabalho.

Policia: Pode ficar ali com a mão pra trás.

Repórter: Como é que é? Eu tô sendo preso? É isso?

Policia: Pega, fica ali e fica com a mão pra trás.

Fábio Turci diz:

Os manifestantes partiram da frente do Teatro Municipal de São Paulo numa caminhada pacífica. Quando chegaram à Rua da Consolação, passaram por uma barreira de policiais. O Movimento queria esticar o trajeto e começou uma negociação com a Polícia, registrada pelo Jornal O Estado de São Paulo.

Jovem: Vamos ficar aqui. Vamos ficar aqui.

Policia: Pra mim, sem problemas, se continuar desse jeito.

Fábio Turci diz:

Um policial prevê confusão.

Major Lídio (Polícia Militar-SP): É só questão de cumprir acordo. Agora, se não é pra cumprir acordo, não reclamem do resultado.

Fábio Turci diz:

Quando o grupo chegou a uma segunda barreira, formada pela Tropa de Choque, os policiais começaram a disparar sem que tivessem sido agredidos pelos manifestantes, como conta o repórter Jean Raupp.

Jean Raupp aparece em meio à manifestação e diz:

Nós estamos na Rua da Consolação... A gente não consegue entender direito o que aconteceu. Existia um acordo com a Polícia de não subir a Rua da Consolação em direção à Avenida Paulista, mas isso não foi cumprido.

Fábio Turci diz:

Uma manifestante reclama da Polícia.

Mayara Vivian (ativista): Nós estávamos parados, aguardando. E durante esse processo de negociação, enquanto nós aguardávamos a resposta, começou esse tipo de ação desproporcional.

Fábio Turci diz:

Como resposta, manifestantes começaram a lançar pedras e fogos de artifício.

José Augusto Portela (estudante): Nós estávamos indo pra faculdade. O protesto estava sendo normal quando, de repente, começou a estourar bomba aqui. Isso partiu da PM. Depois começou a generalizar, tanto um lado como o outro.

Fábio Turci aparece em meio à manifestação em um posto de combustíveis e diz:

Dessa vez o tumulto acontece no meio de muita gente, no meio da população. A gente vê a Tropa de Choque do lado de lá, disparando bombas de gás, bombas de efeito moral, tiros de borracha. E, aqui, motoristas parados aqui no trânsito entre os manifestantes.

Fábio Turci diz:

Esta **médica** foi pedir socorro no posto de combustíveis.

Mulher sem identificação: Tava aqui nesse carro.

Fábio Turci: Você largou seu carro lá?

Mulher sem identificação: Larguei, um **monte de gente** em cima.

Fábio Turci diz:

No tumulto, **pessoas** feridas. **Uma jornalista da Folha de São Paulo** levou um tiro de bala de borracha no olho. Outra bala de borracha acertou este **estudante** nas costas.

Felipe Martins (estudante de psicologia): Não sou eu que tô transtornado.

Fábio Turci: **Eles** atiraram primeiro?

Felipe Martins (estudante de psicologia): É lógico. Cê acha que eu vou partir pra cima de **alguém** com uma arma na mão?

Fábio Turci diz:

Um **repórter do G1**, portal de notícias da Globo, foi atingido enquanto registrava a confusão. Este ônibus foi pichado. Estas imagens gravadas pela própria **Polícia** mostram os **policiais** tentando dispersar os **manifestantes** com uma sequência de bombas. No meio do confronto, um ônibus trouxe os últimos **passageiros**, que desceram do veículo em pânico. Um **homem** com o rosto coberto tentou depredar o ônibus. E a batalha da Consolação continuou. À medida em que os **policiais do Choque** avançavam, os **manifestantes** atevam fogo em lixo pra deter o avanço da **tropa**. Dispersos, os **manifestantes** se dividiram entre várias ruas. A **Polícia** também circulou e continuou atirando. Estas imagens mostram um **policia** quebrando o vidro de um carro da própria **Polícia**. Segundo a **PM**, o vidro já estava quebrado e o **policia** estava retirando os estilhaços, mas **manifestantes** dizem que **ele** fez isso para colocar a culpa em **quem protestava**. Na Paulista, os **manifestantes** continuaram espalhados. Um **grupo** sentou ao lado de uma estação do metrô e, mesmo sem sofrer agressão, a **Tropa de Choque** atirava. Perto dali, a **Polícia** atirou bombas de gás até perto de ônibus que estavam passando.

Mulher sem identificação: Tô até agora mal. Todo o meu aparelho respiratório tá péssimo.

Fábio Turci diz:

Policiais abordaram **pessoas** que estavam num café na Paulista. **Um casal** foi jogado no chão.

Homem sem identificação: O **policial** começou a me bater sem perguntar nada.

Fábio Turci diz:

Seguranças de um centro comercial agrediram os **manifestantes**. O protesto, então, resultou novamente em vandalismo. Ruas da região da Paulista ficaram assim, cheias de lixo espalhado. Prédios tiveram os vidros quebrados. Ao todo, mais de 200 **participantes** do protesto foram detidos. A **Polícia** mostrou máscaras e armas que estariam com **alguns deles**. **Todos** foram ouvidos e liberados. Exceto **quatro**, presos em flagrante por formação de quadrilha, incitação ao crime e dano qualificado, e transferidos hoje para uma penitenciária do interior. Com os **participantes** do protesto cada vez mais espalhados, a violência acabou mais de quatro horas depois do primeiro confronto.

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Olha, segundo a **Secretaria da Segurança Pública** de São Paulo, os treze **manifestantes** detidos no protesto de terça-feira já foram liberados.

Apêndice T – Matéria 19

14/06/2013 (7) – 1'35"

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Faltam pouco mais de 19 horas pra abertura da Copa das Confederações. E é de Brasília, cidade da estreia da **nossa Seleção**, que William Bonner apresenta esta edição do Jornal Nacional. Boa noite, Bonner!

William Bonner aparece na tela e diz:

Boa noite, Patrícia! Boa noite a todos! Olha, nessa véspera da estreia da **Seleção**, a capital federal vive um clima de festa, de excitação, claro. E nós vamos usar o Estádio Nacional Mané Garrincha, ali atrás, como cenário, com todas as informações sobre a Copa das Confederações. Mas, antes do futebol, o Jornal Nacional vai tratar das manifestações de protesto. Até porque esta área aqui atrás também foi afetada hoje de manhã. Nós temos imagens. Um **grupo de sem-teto** protestou aqui no Eixo Monumental **contra o dinheiro que foi usado na construção do estádio**. Os **manifestantes** queimaram pneus, a gente vê aí. Aí os **motoristas** se apavoraram, começaram a subir nas calçadas e foi uma confusão que provocou o bloqueio do trânsito por uma hora e meia, aqui em Brasília. Os **manifestantes** que trouxeram esses pneus que foram queimados acabaram sendo presos. E não foi só aqui que houve protesto, né Patrícia?

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Não foi mesmo, Bonner. Essas manifestações que nós vimos aí em Brasília também ocorreram em outras capitais. Em Porto Alegre, segundo a **Polícia Militar**, 200 **pessoas** estão reunidas em frente ao Mercado Público da capital gaúcha. Em São Paulo, o protesto foi na Avenida Paulista e durou cerca de uma hora. Os **manifestantes** chegaram a bloquear a pista e depois se concentraram em frente ao escritório da Presidência da República na Cidade. O **grupo** disse que 200 mil **pessoas** foram despejadas em todo o País por causa das obras da Copa de 2014.

Apêndice U – Matéria 20

15/06/2013 (1) – 3'24"

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

E as manifestações contra o aumento das passagens tem um reflexo direto no trânsito das grandes cidades, com muita gente enfrentando dificuldades enormes pra voltar pra casa. É o que a gente vai ver agora na reportagem de Graziela Azevedo.

Graziela Azevedo diz:

Bandeira das manifestações dessa semana em várias cidades, a insatisfação com as tarifas dos transportes foi estopim para cenas de violência em Porto Alegre, no Rio de Janeiro e São Paulo. A volta para casa foi um sufoco, mas o dia a dia também não é fácil para quem trabalha, estuda e precisa se movimentar nas grandes cidades do País. Pesquisa do DataFolha, feita na quinta-feira e divulgada hoje, mostra que a insatisfação com o transporte público, em São Paulo, é a maior em 26 anos de pesquisas. 55% dos entrevistados consideram o transporte público ruim ou péssimo. A pior avaliação tinha sido registrada em 2007, quando a reprovação era de 51%. O ônibus é o meio mais criticado. Ruim ou péssimo para 54% dos entrevistados. O metrô é o meio mais bem avaliado com 32% de ótimo ou bom e 34% de ruim ou péssimo.

Jaime Waisman (professor de Transporte Público): Nós temos um sistema de transporte por ônibus que, salvo exceções, é muito precário; um sistema de trens metropolitanos que está se modernizando muito lentamente e um sistema de metrô que é muito bom, mas que é muito pequeno pra cidade que ele atende.

Graziela Azevedo aparece na tela e diz:

Rápido, limpo, organizado e livre do trânsito, o transporte sobre trilhos, principalmente o metrô, é quase sempre o mais desejado e o mais elogiado. Mas, na falta dele, o ônibus é o mais usado em todo o Brasil. E por circular tanto, e com tanta gente, acaba sendo o mais prejudicado quando as cidades param.

Graziela Azevedo diz:

Em São Paulo, onde em dias normais se gasta em média quase duas horas e meia em deslocamentos, qualquer distúrbio piora tudo. A vida também é difícil no Recife, onde a

situação nos terminais deixa evidente que há **gente** demais para ônibus de menos. No Rio de Janeiro, a queixa de **quem anda de ônibus** é grande contra as longas viagens e o treinamento ruim dos **motoristas**. O metrô é pequeno para uma cidade turística e tão importante. Em Belo Horizonte, o desrespeito aos pontos de embarque e desembarque inferniza a vida de **quem anda de ônibus** e **muita gente** sonha com algo mais que uma única linha de metrô. Em Brasília, só há duas linhas de metrô. Os **passageiros** reclamam da frota de ônibus, insuficiente e velha. Os quase dez milhões de **passageiros** que circulam de ônibus pela capital paulista sentiram o impacto das manifestações e as cenas de vandalismo contra a estação do metrô e ônibus geraram críticas.

Marco Antonio C. Teixeira (cientista político FGV-SP): Se há uma luta por uma tarifa menor, por uma qualidade melhor do serviço público, depredar aquilo que de certa forma é a tradução desse serviço só vai trazer dificuldade pro próprio **usuário**, além de demonstrar pouca civilidade, tá, que é fundamental pra qualquer defesa de qualquer tipo de causa pública.

Apêndice V – Matéria 21

15/06/2013 (2) – 29”

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Também houve protesto, hoje, contra o preço da passagem de ônibus em Belo Horizonte. Segundo a Polícia Militar, oito mil pessoas saíram pelas ruas e avenidas da capital mineira. Carregando cartazes, os manifestantes reivindicavam a redução do valor da passagem, que foi reajustada em janeiro de R\$ 2,65 para R\$ 2,80. O protesto foi pacífico e reuniu principalmente estudantes que querem discutir a qualidade do transporte público e pedem o passe-livre nos ônibus.

Apêndice W – Matéria 22

15/06/2013 (3) – 32”

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Houve confusão num protesto contra o reajuste das passagens de ônibus, ontem à noite, em Niterói, na Região Metropolitana do Rio. Os manifestantes seguiam em passeata de maneira pacífica. O tumulto começou quando eles decidiram fechar o trânsito. Alguns deitaram na pista. Os policiais lançaram bombas de efeito moral e dispararam balas de borracha pra liberar a via. A PM declarou que o Batalhão de Choque agiu porque o grupo não seguiu as orientações e insistiu em bloquear a passagem de veículos. Um estudante detido já foi liberado e ninguém ficou ferido.

Apêndice X – Matéria 23

15/06/2013 (4) – 2’34”

William Bonner diz:

Entre aquelas 67 mil **pessoas** que foram ao Mané Garrincha, tinha **gente** de todos os cantos do Brasil e feliz da vida de tá aqui em Brasília.

Sejam bem vindos à Copa das Confederações!

Claudia Bomtempo diz:

Ingresso na mão, os **torcedores** chegaram cedo ao estádio. No primeiro grande evento da FIFA em Brasília, a Capital recebeu **gente** de todo lugar.

Homem sem identificação: *Mogi Mirim.*

Homem sem identificação: *Tubarão, Santa Catarina.*

Homem sem identificação: *Belém do Pará.*

Homem sem identificação: *Três corações, terra do Pelé.*

Claudia Bomtempo diz:

E de mais longe ainda. A **torcida japonesa** estava organizada. Vestida a caráter. As **amigas** de Tóquio vieram a Brasília só para a partida de hoje.

Mulher sem identificação: *Very exciting.*

Claudia Bomtempo diz:

Mas foi o amarelo da camisa brasileira que predominou junto com a animação.

Mulher sem identificação: A gente nem conseguiu dormir direito essa semana só pensando no jogo. Compramos ingresso em janeiro e desde lá só pensando nesse dia. Brasil! É nós!

Mulher sem identificação: Aquela expectativa boa, né? 2 a 1, 3 a 1.

Claudia Bomtempo diz:

Contrastando com a ansiedade da torcida, um grupo fez uma manifestação e se dizia contra os gastos da organização da Copa. Depois de furar bloqueios da Polícia, os manifestantes chegaram muito perto da entrada do estádio. A Polícia acompanhou o grupo de maneira pacífica. No fim, houve confusão. Os policiais lançaram gás lacrimogêneo e dispararam balas de borracha. 29 pessoas foram detidas e 24 ficaram feridas, sendo quatro policiais. Todos sem gravidade. Foi um susto grande, mas os torcedores, em sua maioria, não enfrentaram problemas para entrar no estádio. Este só queria saber de festa. O instrumento teve que ficar do lado de fora, junto com tudo que não podia entrar no estádio. As filas estavam lá, mas foi tudo muito tranquilo. Deu tempo até para tirar uma foto com a Cafuza. E por que não com os adversários?

Homem sem identificação:

É amizade, né? Muita amizade. É muito legal!

Claudia Bomtempo diz:

Quatro horas. Brasil e Japão em campo. Festa da torcida.

Claudia Bomtempo aparece na tela e diz:

Quem veio a Brasília torcer pelo Brasil, no primeiro jogo da Copa das Confederações, saiu satisfeito. E a vitória tem sabor de Copa do Mundo.

Claudia Bomtempo diz:

A festa saiu do estádio em direção à Esplanada dos Ministérios. 70 mil pessoas reunidas pra comemorar a vitória do Brasil ao som de diversos artistas.

Apêndice Y – Matéria 24

17/06/2013 (1) – 39”

Do estúdio do Globo Notícias, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

A repórter Bette Lucchese acompanha a manifestação no Rio de Janeiro. Boa tarde pra você, Bette!

Do helicóptero, Bette Lucchese diz:

Boa tarde, Patrícia! Desde às quatro da tarde, manifestantes se concentram na Candelária. A todo momento chegam muitos grupos com faixas, cartazes, bandeiras do Brasil. Este é mais um protesto contra o aumento do custo de vida. Daqui a pouco, eles vão fazer uma passeata por ruas importantes do Centro do Rio. Não há qualquer tumulto. A Polícia Militar acompanha a manifestação à distância. É um protesto pacífico que até agora não traz nenhum prejuízo ao trânsito, Patrícia.

Do estúdio do Globo Notícias, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Obrigada, Bette, pelas suas informações! A gente vai continuar acompanhando...

Apêndice Z – Matéria 25

17/06/2013 (2) – 37”

Do estúdio do Globo Notícias, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Vamos agora a São Paulo com o repórter César Galvão que sobrevoa o Globocop, César...

Do helicóptero, César Galvão diz:

Patrícia, nós sobrevoamos o Largo da Batata, um importante ponto aqui da Zona Oeste de São Paulo, onde os manifestantes se reuniram a partir das quatro e meia da tarde. Segundo a Polícia Militar, cerca de duas mil pessoas estão reunidas agora e, dentro de alguns instantes, por volta de cinco horas, cinco e meia, devem começar uma passeata. Grupos chegam de todos os pontos. Uma importante avenida da Zona Oeste, a Faria Lima, foi bloqueada agora há pouco. A Polícia, por enquanto, acompanha tudo à distância. Patrícia.

Do estúdio do Globo Notícias, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Obrigada, César!

Apêndice AA – Matéria 26

17/06/2013 (3) – 57”

William Bonner aparece na tela e diz:

Eu estou em Fortaleza, em frente ao estádio Arena Castelão, onde a Seleção Brasileira jogará daqui a dois dias. E houve também aqui, em Fortaleza, protestos só que em frente ao hotel da Seleção Brasileira. No caso de Fortaleza, esses protestos não tinham a ver com a Seleção. Eles eram contra os gastos da Copa do Mundo. Parte dos manifestantes que saíram em passeata pelas ruas do Centro acabou seguindo pra orla no fim da manifestação e se concentrou em frente ao hotel da delegação do Brasil. Aí a segurança foi reforçada, mas também aqui não houve nenhum registro de tumulto. Já foi todo mundo embora, segundo as informações que temos, e terminou assim pacificamente aqui em Fortaleza, como está acontecendo em São Paulo, agora, pacificamente e em Brasília também. Esse dia de manifestações aí por diversas capitais estaduais brasileiras e também no Distrito Federal, né Patrícia? Boa noite pra você! Boa noite a todos e até amanhã!

Apêndice AB – Matéria 27

17/06/2013 (4) – 52”

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Vamos agora, então, direto a São Paulo. César Galvão fala ao vivo do Globocop. Pode falar, César.

Do helicóptero, César Galvão diz:

Patrícia, os manifestantes se dividiram em várias avenidas da Zona Sul e também no Centro da Cidade. Vamos ver agora como está a Avenida Paulista, que chegou a ser bloqueada no começo da noite nos dois sentidos. A Avenida Paulista tem muitos manifestantes ainda. O trânsito foi fechado pra que eles sigam ali de forma pacífica. Aqui na Zona Sul da Cidade, os manifestantes bloqueiam a Avenida Luís Carlos Berrini, a Ponte Estaiada e agora também a Marginal Pinheiros, no sentido oeste da Cidade, que continua bloqueada. Agora há pouco, nós presenciamos uma cena de perigo. Por causa da ocupação da Marginal Pinheiros, carros passaram a fazer o retorno e voltar na contramão para tentar se distanciar desses manifestantes. Um outro grupo agora segue em direção à sede do governo paulista.

Apêndice AC – Matéria 28

17/06/2013 (5) – 53”

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

A repórter Bette Lucchese acompanha a manifestação no Centro do Rio de Janeiro, onde houve confronto com a **Polícia** como a gente mostrou. Bette, qual é a situação neste momento? Conta pra gente.

Do helicóptero, Bette Lucchese diz:

Patrícia, a situação ainda permanece tensa em frente à Assembleia Legislativa do Rio. **Bombeiros** estiveram aqui há pouco. **Manifestantes** subiram no carro da **Corporação**. Agora, nesse momento, apenas um helicóptero da **PM** acompanha o protesto à distância. Há pouco, **manifestantes** jogaram um coquetel molotov no prédio da Assembleia, atearam fogo num carro. Segundo a **Secretaria de Segurança**, cinco **PMs** estão feridos dentro da Assembleia. **Um deles** tem o braço quebrado e os **outros** ferimentos provocados por pedradas. E três **manifestantes** já deram entrada no hospital. Bom, cem mil **pessoas** participaram da passeata hoje no Rio e cerca de **trezentos** provocam este tumulto, Patrícia.

Apêndice AD – Matéria 29

17/06/2013 (6) – 36”

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Nós vamos então, agora, a Belo Horizonte porque o Ricardo Soares tem as notícias dos protestos na capital de Minas Gerais. Ricardo.

Ricardo Soares aparece no vídeo e diz:

Pois bem. Os manifestantes que tentavam furar o bloqueio da Polícia aqui nas imediações do Mineirão já se dispersaram. Uma multidão está concentrada neste momento na Avenida Afonso Pena, a principal do Centro da Cidade. O trânsito está fechado no local. Policiais acompanham o protesto a uma certa distância e foi aí neste local que começou a manifestação que, ao fim da tarde, já reunia cerca de vinte mil pessoas na capital mineira.

Apêndice AE – Matéria 30

17/06/2013 (7) – 1'02”

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

E nós voltamos a falar sobre as manifestações nas capitais do Brasil nesta segunda-feira. Vladimir Netto tem as últimas informações sobre a situação em Brasília. Vladimir!

Do helicóptero, Vladimir Netto diz:

Bom, Patrícia, o protesto aqui no Congresso continua. O clima está tranquilo e, só pra lembrar, eu gostaria de dizer que o protesto é pelo passe livre, contra o dinheiro gasto nos estádios e contra a PEC 37, a PEC da impunidade, que tira o poder de investigação do Ministério Público. Essa proposta inclusive tem previsão de ser votada na Câmara no próximo dia 26 de junho. E agora eu queria mostrar uma imagem lá de baixo. Uma das nossas câmeras tá bem do lado da maior concentração de manifestantes, bem perto da entrada do Congresso Nacional, ali dando trabalho pra segurança. E uma última informação. A presidente Dilma afirmou agora há pouco que as manifestações pacíficas são legítimas e próprias da democracia e que é próprio dos jovens se manifestarem. A informação foi dada pela Ministra-Chefe da Secretaria de Comunicação Social, Helena Chagas.

Apêndice AF – Matéria 31

17/06/2013 (8) – 2'15"

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Antes dos protestos de hoje, em Brasília, o ministro Gilberto Carvalho se reuniu com manifestantes no Palácio do Planalto. E a Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal diz ter identificado os líderes da manifestação da última sexta-feira.

Camila Bomfim diz:

A Polícia chegou aos nomes depois de ouvir quatro manifestantes que foram detidos. Um deles é o motorista do caminhão que levou pneus que foram queimados durante o protesto. No depoimento, o motorista disse que recebeu 250 reais para fazer o transporte. Segundo a Secretaria de Segurança, os líderes do protesto são: Mayra Cotta Cardozo de Souza, assessora especial da Secretaria Executiva da Presidência da República; Dannel Gobbi Fraga da Silva, da Assessoria Internacional da Secretaria Geral da Presidência da República; João Vitor Rodrigues Loureiro, da Subchefia para Assuntos Jurídicos da Presidência da República; Gustavo Moreira Capela, do Gabinete da Subprocuradoria Geral da República e Gabriel Santos Elias. Até maio, ele era assessor da Subchefia de Assuntos Parlamentares da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República.

Gabriel Santos Elias (estudante): Todo servidor público tem os direitos civis e políticos garantidos.

Camila Bomfim diz:

O governador do Distrito Federal disse que a manifestação foi paga.

Agnelo Queiroz (governador do Distrito Federal): Já tá comprovado, agora, que foi uma ação paga pra fazer uma manifestação.

Camila Bomfim diz:

Um dos integrantes nega a acusação.

Edemilson Paraná (representante do Comitê Popular da Copa): Nós não temos nenhum envolvimento com nenhum tipo de financiamento, conforme diz o **Governo do Distrito Federal**.

Camila Bomfim aparece na tela e diz:

O **ministro da Secretaria Geral da Presidência, Gilberto Carvalho**, recebeu hoje **manifestantes** que participaram dos últimos protestos na Capital. E no caso dos **funcionários subordinados** a **ele**, acusados de receber dinheiro para participar de protestos, o **ministro** pediu cautela.

Gilberto Carvalho (Ministro-Chefe da Secretaria Geral da Presidência): Se **ele** praticou algum ilícito, **ele** será responsabilizado pelo ilícito praticado. Mas pra isso temos que ter prova, temos que ter a comprovação.

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Em nota, a **Casa Civil da Presidência** diz que os **servidores** negaram participação no protesto. Mas informou que vai apurar o caso e tomar as medidas cabíveis, se for comprovada alguma irregularidade. A **Casa Civil** ressalta, ainda, que respeita o direito à liberdade de expressar opiniões e convicções políticas. O servidor da Procuradoria Geral da República **Gustavo Moreira Capela** também disse que não teve participação na organização ou na manifestação.

Apêndice AG – Matéria 32

17/06/2013 (9) – 3’21”

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta lê o texto:

Cinco mil **peçoas** protestaram na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Segundo **eles**, em apoio aos **manifestantes** de São Paulo e também contra o dinheiro investido na Copa. Um **grupo** invadiu o espelho d’água e a cobertura do Congresso Nacional.

A repórter Poliana Abritta narra o que ocorreu enquanto são exibidas imagens da manifestação. Ela diz:

O protesto começou no fim da tarde. Os **manifestantes** deixaram o Museu da República, próximo à Catedral, e seguiram em direção ao Congresso Nacional. A manifestação fechou todas as pistas da Esplanada dos Ministérios. **Policiais** acompanharam os **manifestantes** por todo o percurso. Depois de uma hora e meia de caminhada, o **grupo** chegou ao gramado em frente ao Congresso. **Muitos** entraram no espelho d’água, mas dali ninguém podia passar. Os **manifestantes** jogaram água nos **policiais**. **Quem tentou romper o cordão de isolamento** foi reprimido pela **Polícia** com gás de pimenta. Houve confusão. O momento mais tenso foi quando **eles** romperam a barreira dos **policiais** e conseguiram subir até as cúpulas do Congresso, mas não entraram no prédio.

Poliana aparece na tela e segue falando:

Neste momento muitos **manifestantes** continuam concentrados aqui na parte superior do Congresso Nacional, onde ficam as cúpulas do Congresso. **Alguns** começam a descer a rampa e a **maioria** está concentrada ali embaixo, em frente à chapelaria, que é por onde chegam os **parlamentares**. Agora há pouco, **eles** cantaram o hino nacional e palavras de ordem. O Palácio do Planalto, que fica muito perto daqui, a poucos metros, teve a segurança reforçada por **policiais militares**. O prédio está todo cercado e o Supremo Tribunal Federal também teve a segurança reforçada.

Patrícia Poeta diz:

O repórter Vladimir Netto sobrevoa Brasília no Globocop e atualiza agora a situação para a gente, né Vladimir? Como é que tá por aí?

Vladimir Netto aparece no helicóptero e em seguida são mostradas imagens ao vivo da manifestação. Ele informa:

Exatamente, Patrícia. Boa noite! Boa noite a todos! Bom, nesse momento centenas de manifestantes continuam ali na cobertura do Congresso, na marquise superior e também na rampa principal que dá acesso. Mas o clima é muito tranquilo. Os manifestantes estão muitos sentados, segurando faixas, cantando músicas de protesto, entoando palavras de ordem. Ou seja, o protesto é pacífico até o momento e não teve nenhuma grande ocorrência. A tensão maior realmente é perto das entradas. A Polícia Legislativa mobilizou todo o seu efetivo. São 110 policiais da Câmara e do Senado que tão ali protegendo, evitando a entrada de manifestantes no Congresso. Dois deles temos a notícia de que foram presos ao tentar entrar no Congresso sem autorização e também temos a notícia de que um vidro da Primeira Vice-Presidência da Câmara foi quebrado. Mas até o momento não há ninguém ferido. E, do lado de fora, a Polícia está aumentando gradativamente o efetivo, mas não tem nenhuma intenção de tentar retirar à força os manifestantes. A PM disse que, por enquanto, não usou nenhuma arma não letal, como bala de borracha ou gás lacrimogêneo e que vai tentar negociar com os manifestantes. São cerca de 400 policiais aqui em torno do Congresso, nesse momento, do Batalhão da Esplanada e também do Batalhão de Choque do Regimento de Polícia Montada, e eles falaram que não vão usar a força, vão tentar negociar, conversar com eles, esperar para ver o que eles têm a dizer. E os outros prédios, como bem disse a Poliana, estão sendo guarnecidos, como o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal. Só pra vocês terem uma ideia, no Palácio do Planalto, cem homens da Polícia do Exército estão de prontidão para evitar qualquer tipo de tentativa de invasão.

Apêndice AH – Matéria 33

17/06/2013 (10) – 2'

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta lê o texto:

Milhares de manifestantes também foram às ruas hoje em quase todas as outras capitais do País. Além dos preços das passagens de ônibus, as passeatas foram contra a violência e pela melhoria dos serviços públicos. Dez mil pessoas foram às ruas do Centro de Belém, segundo a Polícia. Os manifestantes fecharam a Avenida Almirante Barroso, a principal saída para os municípios da Região Metropolitana. A manifestação foi pacífica. Na capital do Espírito Santo, a manifestação só começou depois das seis e meia da tarde. Na concentração, o clima foi de tranquilidade. Em Maceió, muros no Centro da Cidade foram pichados, mas ninguém foi preso. Não houve registro de tumulto. Segundo a Polícia, três mil pessoas participaram da passeata. Em Salvador, cerca de cinco mil pessoas ocuparam as ruas do Centro da Cidade, provocando enormes engarrafamentos. Motoristas que tentavam furar o bloqueio eram impedidos pelos manifestantes. Apesar da tensão, não houve confronto com a Polícia. Cinco mil pessoas também participaram da manifestação em Curitiba. No Centro da Cidade, região da Boca Maldita, as lojas fecharam mais cedo, mas a passeata seguiu em clima de tranquilidade. Em Porto Alegre, os manifestantes se reuniram em frente à Prefeitura. Três mil pessoas, de acordo com a Polícia, protestaram contra a realização da Copa do Mundo e o preço da passagem de ônibus. A concentração, em Fortaleza, começou numa praça próxima ao Estádio Presidente Vargas, onde o Brasil treinou hoje. Os manifestantes seguiram pelas ruas do Centro da Cidade, em solidariedade aos protestos no Rio de Janeiro e em São Paulo. É. E em muitas cidades os protestos continuam. Em Porto Alegre, segundo a Polícia, já são dez mil pessoas no Centro da Cidade. Houve pichações e depredações de prédios. Também em Curitiba o número de manifestantes já chega a dez mil. E agora há pouco, em Maceió, um manifestante levou um tiro. Não se sabe quem foi o autor do disparo. Ele foi levado para o hospital.

Apêndice AI – Matéria 34

17/06/2013 (11) – 2’41”

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Vinte mil **peessoas** estão nas ruas. Os **manifestantes** também criticam o dinheiro investido pelo **governo** na Copa. E houve confronto com a **Tropa de Choque da Polícia Militar**.

Isabela Scalabrini diz:

Bem cedo, **moradores** de Ribeirão das Neves, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, fecharam a BR 040, na saída para Brasília, pedindo **melhorias no transporte público**. A fila de carros passou de 12 quilômetros. No Centro da Capital, os **manifestantes** se reuniram na Praça Sete.

Isabela Scalabrini aparece na tela e diz:

Do Centro, os **manifestantes** seguiram em direção à Pampulha. No percurso **eles** fecharam uma das avenidas mais importantes da Capital, que leva ao estádio do Mineirão.

Isabela Scalabrini diz:

Segundo a **PM**, na avenida, já havia mais de vinte mil **peessoas** na caminhada que até ali era pacífica, sem nenhum incidente. Mas o **Batalhão de Choque** tentou impedir a passagem dos **manifestantes** próximo ao Mineirão. A **Polícia** montou uma barricada.

Tenente Coronel Alberto Luís (Polícia Militar-MG): E aí nós vamos conversando e, paulatinamente, **eles** poderão seguir como nós estamos fazendo agora. Os **militares** estão recuando e **eles** poderão seguir.

Repórter: Até o Mineirão?

Tenente Coronel Alberto Luís (Polícia Militar-MG): Pretendemos até o perímetro de segurança estabelecido pela Fifa.

Isabela Scalabrini diz:

Os policiais iam recuando lentamente à medida em que o grupo avançava em direção ao Mineirão. Poucos minutos depois, os manifestantes foram impedidos de seguir e aí houve confronto. A Polícia usou bombas de efeito moral. De acordo com o comando da Corporação, a orientação era não usar balas de borracha, mas alguns policiais descumpriram a ordem. Foram várias explosões bem perto do estádio.

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

E o repórter Ricardo Soares está em frente ao Mineirão e acompanha os protestos. Boa noite pra você, Ricardo!

Ricardo Soares aparece na tela e diz:

Boa noite, Patrícia! Até agora há pouco houve novos confrontos, aqui, nas imediações do Mineirão. O comando da PM informou que vai investigar por que alguns policiais deram tiros com balas de borracha já que havia determinação para não utilizá-las. À noite ainda havia muito fogo na Avenida Antônio Carlos, que dá acesso aqui ao estádio do Mineirão. Mais cedo, um rapaz foi algemado e estava com ferimentos no rosto. A Tropa de Choque fez com que os manifestantes recuassem. Uma parte do grupo retornou para o Centro de Belo Horizonte, onde havia começado a manifestação. E várias ruas por lá ainda estão interditadas. Por meio de nota, o Governo do Estado informou há pouco que é a favor do diálogo com os manifestantes e que só houve reação porque alguns deles insistiram em tentar se aproximar aqui do Mineirão.

Apêndice AJ – Matéria 35

17/06/2013 (12) – 3’24”

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

No Rio de Janeiro, uma **multidão** tomou a Avenida Rio Branco, uma das principais do Centro da Cidade. Durante três horas, a manifestação foi pacífica e, segundo **especialistas**, reuniu cem mil **pessoas**. No fim do protesto, um pequeno **grupo** agiu com violência e atacou a Assembleia Legislativa do Estado.

Bette Lucchese diz:

A concentração começou por volta das quatro da tarde. Os **manifestantes** chegavam de diferentes pontos e seguiam em direção à Igreja da Candelária, um símbolo histórico da Cidade.

Homem sem identificação: **Todo mundo** aqui estuda junto. A gente achou superinteressante a gente expor nossa insatisfação com o que tá acontecendo nessa passeata e, por isso, a gente tá aqui, assim como a **maioria dos jovens** que estão aqui hoje.

Bette Lucchese diz:

Os **grupos** iam convocando para o protesto **pessoas** que passavam pela rua e também as que assistiam do alto dos prédios. Pelo caminho alguns **manifestantes** distribuíam flores.

Homem sem identificação: A não violência é importante. Dá pra chegar num acordo, dá pra chegar onde quiser sem essa violência, sem quebrar tudo e é bacana isso.

Homem sem identificação: O aumento da passagem pública, sem melhoria no transporte, é roubo e também não é só isso. É questão de investimento na saúde, na educação. A gente não ganha nada.

Bette Lucchese diz:

E, aos poucos, o protesto **contra o aumento das passagens de ônibus e do custo de vida** foi ganhando mais **participantes**. As estações de metrô tiveram reforço no esquema de funcionamento e às cinco e meia da tarde a **multidão** saiu em passeata.

Do helicóptero, Bette Lucchese diz:

Daqui, do alto, a gente tem uma visão privilegiada dessa manifestação. Em poucos minutos, milhares de **pessoas** vestidas de branco ocuparam uma das principais avenidas do Centro do Rio.

Bette Lucchese diz:

A Avenida Rio Branco foi completamente tomada. Uma imagem impressionante. A **Polícia Militar** estimou em dez mil o número de **participantes**, mas o Jornal Nacional ouviu o **especialista** da Universidade Federal do Rio de Janeiro Moacir Duarte, que calculou que havia cem mil **manifestantes**. **Estudantes** e **trabalhadores** caminhavam pacificamente, carregando bandeiras do Brasil e muitos cartazes. A maioria dos **manifestantes** se dizia sem partido político. Bandeiras partidárias eram vistas apenas em pontos isolados do protesto. A **Polícia** acompanhou a **multidão** sem que houvesse qualquer confronto.

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

E a repórter Bette Lucchese continua acompanhando a manifestação no Rio de Janeiro. Bette!

Do helicóptero, Bette Lucchese diz:

Patrícia, ao fim de um protesto pacífico, que durou mais de quatro horas, um pequeno **grupo** seguiu aqui para a Assembleia Legislativa e transformou a rua numa praça de guerra. Você vê aí que **eles** colocaram fogo num carro da Assembleia e vocês vão ver imagens gravadas há pouco de **manifestantes** que jogaram coquetel molotov no prédio da Assembleia Legislativa. Vocês vão ver essas imagens que foram gravadas pelas nossas equipes que estão lá embaixo. Aí é o momento em que **ele** joga o coquetel molotov. Aconteceram explosões e fogo. Nós temos informações também que **uma pessoa** ficou ferida. Nessas imagens aí vocês estão vendo o momento em que **ela** foi arrastada, que **a pessoa ferida** foi arrastada. Segundo o **presidente da Assembleia Legislativa**, 80 **PMs** estão neste momento sitiados, presos dentro da Assembleia Legislativa, ameaçados pelos **manifestantes**, Patrícia.

Apêndice AK – Matéria 36

17/06/2013 (13) – 3’36”

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

E os nossos repórteres acompanharam o início da manifestação de hoje, em São Paulo, num dos lugares mais movimentados da Cidade.

Carla Modena diz:

Pouco depois das quatro da tarde, uma **multidão** foi se formando no Largo da Batata, um ponto tradicional da Zona Oeste da Cidade. Com medo de novos confrontos entre **manifestantes** e **policiais**, parte do **comércio** fechou as portas.

Mulher sem identificação: Por precaução, né? Demos um jeito de fechar as portas da loja. Porque não sabe o que vai acontecer, né?

Carla Modena diz:

A estação Faria Lima do metrô foi cercada por placas de metal pra evitar depredações, mas o clima era outro. **Policiais** chegaram desarmados pra acompanhar a manifestação e deram sinais de que buscariam o diálogo.

Major Paulo Wilhelm (Polícia Militar-SP): A gente pode dizer pra vocês hoje que, graças a Deus, vai ser tudo na paz.

Carla Modena diz:

Por volta das seis da tarde, os **manifestantes** começaram a caminhada. Um **grupo** protestou contra a presença de bandeiras do **PSTU**. A caminhada se dividiu em duas. Uma tomou as seis pistas da Marginal Pinheiros. O repórter Jean Raupp acompanhou.

Jean Raupp aparece na tela e diz:

São seis e meia da tarde e esta é a Marginal Pinheiros completamente fechada pelos **manifestantes**. A gente não consegue mais ver o começo da passeata e nem o fim dela. Os **manifestantes** seguem no sentido Zona Sul da Cidade.

Carla Modena diz:

Por volta das sete e meia da noite, os manifestantes chegaram à Ponte Estaiada. O outro grupo também protestou na Zona Sul, como conta o repórter Fábio Turci.

Fábio Turci aparece na tela e diz:

Uma parte dos manifestantes seguiu aqui pela Avenida Faria Lima, um importante corredor de ligação entre a Zona Oeste e a Zona Sul. E, no caminho, essa multidão surpreendeu muita gente que passava por aqui.

Homem sem identificação: Agora que eu me deparei que tá tudo parado aqui.

Fábio Turci: Vai fazer o quê agora?

Homem sem identificação: Ah, agora é esperar, né?

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Vamos ver como é que tá a situação neste momento em São Paulo. O repórter César Galvão sobrevoa a região do protesto. César, como é que tá a situação por aí?

Do helicóptero, César Galvão diz:

Bom, Patrícia, por enquanto o protesto, apesar de ter muita gente nele, é tranquila. A gente vê um dos blocos de manifestantes subindo neste momento a Ponte Estaiada, passando sobre o Rio Pinheiros. À esquerda, nós vamos ver que muitos manifestantes ainda chegam aqui na região do Brooklin, que é esse bairro da Zona Sul. Eles estão na Avenida Luís Carlos Berrini. A gente vê uma outra multidão seguindo aí em direção à Ponte. Esse grupo passa por baixo da Ponte e sobe ela. A Ponte está tomada nos dois sentidos. Os manifestantes, em São Paulo, se dividiram em pelo menos três blocos. No começo da noite, um outro bloco tomou a Avenida Paulista. A gente vai ver imagens agora do momento em que os manifestantes entraram na Avenida Paulista. Primeiro, eles seguiram por uma rua lateral. Depois, tomaram os dois sentidos da Avenida Paulista. A gente percebeu que foi uma surpresa para os motoristas porque havia carros e ônibus circulando normalmente pela Avenida naquele momento em que eles ocuparam a Avenida Paulista. Neste momento, um outro grupo ocupa a Avenida 23 de Maio, que é uma avenida que liga o Centro de São Paulo à Zona Sul. Esse grupo para praticamente o trânsito no sentido Sul de São Paulo. Eles estão ali no meio da avenida, seguindo também em direção aos bairros da Zona Sul. Um outro grupo que saiu do Largo da Batata, por volta das cinco horas da tarde, percorreu a Avenida Faria Lima e nesse caminho eles seguiram até a Avenida Luís Carlos

Berrini, que fica muito perto da TV Globo. E nesse caminho foram gritando palavras de ordem contra a TV Globo.

Apêndice AL – Matéria 37

17/06/2013 (14) – 21”

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

A TV Globo vem fazendo reportagens das manifestações desde o seu início e sem nada a esconder. Os excessos da Polícia, as reivindicações do Movimento Passe Livre, o caráter pacífico dos protestos e quando houve depredações e destruição de ônibus. É nossa obrigação e dela nós não nos afastaremos. O direito de protestar e se manifestar pacificamente é um direito dos cidadãos.

Apêndice AM – Matéria 38

17/06/2013 (15) – 4'16"

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Manifestantes voltaram a ocupar ruas de várias capitais do Brasil nesta segunda-feira. Em São Paulo, 65 mil **pessoas**, segundo o **Instituto DataFolha**, participam pacificamente de mais um protesto **contra o aumento da tarifa do transporte público**. O repórter César Galvão está no Globocop e traz as informações ao vivo pra gente. Boa noite pra você, César!

Do helicóptero, César Galvão diz:

Boa noite, Patrícia! Boa noite a todos! Milhares de **manifestantes** ocupam agora a Ponte Estaiada. É uma ponte que liga alguns bairros da Zona Sul da Cidade. A gente vê que **eles** se movimentam nos dois sentidos. São 65 mil **manifestantes**, segundo o **Instituto DataFolha**. **Eles** saíram da Zona Oeste da Cidade, do Largo da Batata, percorreram alguns quilômetros e vieram para a Zona Sul. Até este momento o protesto é pacífico. A **Polícia Militar** acompanha à distância apenas o deslocamento desses **manifestantes**, Patrícia!

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Obrigada, César! E hoje, mais cedo, **autoridades do Estado de São Paulo** e **integrantes do Movimento Passe Livre**, que organiza as manifestações, se reuniram pra evitar que houvesse violência policial. Foram anunciadas mudanças nos procedimentos da **PM**.

Graziela Azevedo diz:

Era o que a **Secretaria de Segurança** queria, mas desde cedo os **representantes do Movimento** **contra o aumento das tarifas dos transportes públicos** avisavam:

Caio Martins (integrante do movimento): O trajeto não está nem decidido ainda. E ele só vai ser definido na hora, com avaliação do número de **pessoas**, da **Polícia**, com uma negociação com todos os **grupos da manifestação**.

Graziela Azevedo diz:

Na entrevista coletiva, no Sindicato dos Jornalistas, **eles** esclareceram também qual é a bandeira do **Movimento**.

Érica de Oliveira (integrante do movimento): O objetivo das manifestações e dessa luta, desde que ela começou, ele é um só. É a **revogação do aumento da tarifa**. Independentemente da amplitude que os atos tomaram, por diversas razões. Então eu acho que esse é um ponto que precisa ser esclarecido e fundamental.

Graziela Azevedo diz:

Logo depois, na Secretaria da Segurança, outro encontro – dessa vez com a presença de representantes do **Ministério Público**, da **Polícia Militar**, da **Igreja Católica** e de **movimentos sociais**.

Graziela Azevedo aparece na tela e diz:

A reunião durou quase duas horas. Não houve acordo para a definição prévia do trajeto da manifestação. Mas **lideranças do Movimento** e o **secretário da Segurança Pública** acertaram compromissos para evitar o confronto e a violência.

Mateus Preis (integrante do movimento): A gente vai acompanhar o **Comando da Polícia** ao longo do trajeto e vai informar o trajeto pra gente manter a ordem e impedir que haja repressão policial.

Mayara Vivian (integrante do movimento): A nossa manifestação será, como sempre foi, pacífica e a gente espera que a **Polícia Militar** cumpra o seu acordo de não agredir, não gerar cenas de brutalidade como a gente assistiu na quinta-feira.

Graziela Azevedo aparece na tela e diz:

Representantes da **Polícia Militar** e do **Movimento** trocaram telefones e combinaram de conversar também pessoalmente durante os protestos. Ações violentas e criminosas serão reprimidas, mas não haverá local proibido. Nem mesmo a Avenida Paulista.

Fernando Grella (secretário de Segurança Pública-SP): **Eles** vão poder ir. Se **eles** quiserem ir, **eles** vão poder ir. O trajeto vai ser definido pelo **Movimento** e comunicado à **Polícia Militar**. Essa é a diretriz nossa, que não haja emprego de bala de borracha, nem o emprego no momento do **Pelotão de Choque**. Agora, o comando operacional é do **comandante** e mais, foi acertado com **ele** que as ações de **pessoas** ou de **grupos**, ações violentas, criminosas, serão objeto de uma atuação pontual da **Polícia** e não de dispersão da manifestação.

Graziela Azevedo aparece na tela e diz:

O governador **Geraldo Alckmin** reafirmou que balas de borracha não serão mais usadas pela **Polícia** e elogiou a abertura do diálogo.

Geraldo Alckmin (governador de São Paulo): Proibimos a utilização de bala de borracha em manifestações públicas e o mais importante: eu acho que nós podemos dar um grande exemplo, né, de que preservar o direito das **pessoas** de manifestação sem prejuízo para ninguém. E quero aqui publicamente elogiar as **lideranças do Movimento** e também a **Polícia Militar** e a **Segurança Pública**.

Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta diz:

Olha, a **Prefeitura de São Paulo** convidou representantes do **Movimento Passe Livre** pra participar de uma reunião extraordinária do **Conselho da Cidade** que vai discutir o transporte público. O encontro será amanhã, às nove da manhã, na sede da Prefeitura.

ANEXOS

Anexo A – Linha do tempo dos principais movimentos políticos

